



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Danielle da Silva Martins

**“Foi nesse chão que me criei”:** Letramentos baluartes da Galeria da Velha  
Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro

São Gonçalo

2023

Danielle da Silva Martins

**“Foi nesse chão que me criei”:** Letramentos baluartes da Galeria da Velha Guarda do  
**G.R.E.S Unidos do Viradouro**



Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M386 Martins, Danielle da Silva.  
“Foi nesse chão que me criei”: Letramentos baluartes da Galeria da Velha  
Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro / Danielle da Silva Martins – 2023.  
185f.:il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de  
Professores.

1. Letramento – Teses. 2. Comunidades de prática – Teses. 3. Carnaval –  
Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 4. Unidos do Viradouro (Escola da Samba) –  
Teses. I. Oliveira, Marcia Lisbôa Costa de. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 372.41

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Danielle da Silva Martins

**“Foi nesse chão que me criei”:** Letramentos baluartes da Galeria da Velha Guarda do  
**G.R.E.S Unidos do Viradouro**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 25 de julho de 2023

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia Lisbôa Costa de Oliveira (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Betânia Almeida Pereira  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Talita de Oliveira  
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca -  
(CEFET/RJ)

São Gonçalo

2023

“Viradouro... foi nesse chão que me criei”  
*Samba do G.R.E.S Unidos do Viradouro 2017<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Composição: Anderson Lemos / Bertolo / Claudio Mattos / Diego Nicolau / Fábio Borges / Felipe Filosofo / Manolo / Renan Gemeo / Rodrigo Gêmeo Link: [https://www.youtube.com/watch?v=p7v3VJmqJ\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=p7v3VJmqJ_c)

## RESUMO

MARTINS, D. S. “*Foi nesse chão que me criei*”: Letramentos baluartes da Galeria da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro. 2023. 185f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Esta pesquisa, realizada no campo da Linguística Aplicada, objetiva investigar os letramentos que são contruídos no carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, compreendidos como letramentos carnavalescos, e, especialmente, as práticas da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro, entendidas como letramentos baluartes. Concebem-se os letramentos como sentidos socioculturalmente construídos e situados, com base em concepções de Kleiman (1995), Rojo (2013), Souza (2011), Street (2014), Kress (2010), entre outros. A hipótese da pesquisa é que as escolas de sambas configuram comunidades de prática (WENGER, 1999) que geram letramentos multimodais e também são geradas por eles, em uma relação de interação social-político-cotidiana. Desse modo, a pesquisa que também é multimodal procura enfocar a Velha Guarda, visando refletir sobre a memória, a ancestralidade, os cotidianos, bem como outros saberes e conhecimentos que habitam o carnaval das escolas de samba, que acontece o ano inteiro através dos eventos como feijoadas, visitas a outros espaços culturais, disputas de samba-enredo, festas, ensaios, entre outros. A pesquisa qualitativa, de perfil etnográfico, desenvolve-se por meio de conversas e observações diretas de gestos, como entrada no ônibus, sinalização durante os ensaios, uso do leque e bastão, além de práticas e interações, tais como o uso do pavilhão em cortejos fúnebres, festas, danças e ritos. Nesse movimento, abordam-se também textos escritos, visuais e orais, incluindo imagens, fotografias, vídeos, discursos, manuais e documentos. Procura-se apontar a reexistência (SOUZA, 2011) dos baluartes da escola de samba em questão através de perspectivas étnico-raciais e decoloniais, de acordo com Lopes e Simas (2019), Sodré (1998), Gomes (2017), Mignolo (2003), Simas; Rufino (2019). Os resultados da pesquisa indicam a importância do reconhecimento dos conhecimentos populares e da diáspora negra brasileira, principalmente, aqueles oriundos das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro, visto que viver e pesquisar o carnaval das escolas é contribuir para o fim do apagamento das narrativas dos sambistas, sistematicamente silenciadas.

Palavras-chave: Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro. Unidos do Viradouro.

Velha Guarda. Letramentos de reexistência. Étnico-raciais. Comunidades de Prática.

## ABSTRACT

MARTINS, D. S. *Bastion Literacies: The Galeria da Velha Guarda of the G.R.E.S Unidos do Viradouro and the carnival knowledge that inhabits the cracks of reexistence in the samba schools of Rio de Janeiro*. 2023. 185f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

This research, situated in the field of Applied Linguistics, aims to investigate the literacies that are built in the carnival of the samba schools of Rio de Janeiro, understood as carnival literacies, and, especially, the practices of the Velha Guarda of the G.R.E.S Unidos do Viradouro, understood as bastion literacies. Literacies are conceived as constructed and socioculturally situated meanings, based on conceptions of Kleiman (1995), Rojo (2013), Souza (2011), Street (2014), Kress (2010), among others. The research hypothesis is that samba schools configure (WENGER, 1999) that generate multimodal literacies and are also generated by them, in a relationship of social-political-everyday interaction. In this way, the investigation seeks to focus on the Velha Guarda, aiming to reflect on memory, ancestry, everyday life, as well as other knowledges that inhabit the carnival of samba schools, which takes place throughout the year, through events such as feijoadas, visits to other cultural spaces, samba-enredo competitions, parties, rehearsals, among others. The qualitative research, with an ethnographic profile, is developed through conversations and direct observations of gestures, such as getting on the bus, signaling during rehearsals, using the fan and stick, in addition to practices and interactions, such as the use of the pavilion in funeral processions, parties, dances and rites. In this movement, written, visual and oral texts are also addressed, including images, photographs, videos, speeches, manuals and documents. It seeks to point out the re-existence (SOUZA, 2011) of the bastions of the samba school in question through ethnic-racial and decolonial perspectives, according to Lopes and Simas (2019), Sodré (1998), Gomes (2017), Mignolo (2003), Simas; Rufino (2019). The partial results of the research indicate the importance of recognizing popular knowledge and the Brazilian black diaspora, especially those coming from the samba schools of the carnival of Rio de Janeiro, since living and researching the carnival of schools is to contribute to the end of the erasure of the samba dancers' narratives, systematically silenced.

Keywords: Carnival of the samba schools of Rio de Janeiro. Unidos do Viradouro. Velha Guarda. Literacies of Reexistence. Ethnic-Racial. Communities of Practice.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Amor ao pavilhão do G.R.E.S Unidos do Viradouro .....	22
Figura 2 –	Imagem retirada de uma reportagem sobre a agremiação “Lira do Amor” .....	23
Figura 3 –	Anos 1970 – Mercedes (minha avó), a primeira à esquerda, no Cacique de Ramos ao lado de sua cunhada e uma amiga .....	24
Figura 4 –	Minha avó em casa com a fantasia do desfile da Estação Primeira de Mangueira .....	25
Figura 5 –	Na saída do seu prédio, vó Mercedes posa com sua fantasia para o desfile de 1992 .....	26
Figura 6 –	Minha avó fantasiada para a escola de samba na década de 90 .....	27
Figura 7 –	Meu eu menina entre as fantasias do G.R.E.S Unidos do Viradouro na década de 90 .....	28
Figura 8 –	Eu e minha avó no carnaval de 1993 ou 1994 com a fantasia da sua escola do coração .....	28
Figura 9 –	Festa do protótipo nos anos 90 .....	29
Figura 10 –	Dia em que desfilei com minha “fantasia” ao lado da minha vó pelo corredor .....	30
Figura 11 –	A primeira foto retrata minha mãe e eu em algum ensaio da comunidade .....	31
Figura 12 –	Já, a segunda foto é do desfile oficial de 2015 do G.R.E.S Unidos do Viradouro .....	31
Figura 13 –	Desfiles oficiais do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2016 e 2017 (desfilei pela ala da comunidade no primeiro e em ala coreografada no segundo) .....	32
Figura 14 –	Desfiles oficiais do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2016 e 2017 (desfilei pela ala da comunidade no primeiro e em ala coreografada no segundo) .....	32
Figura 15 –	Desfile oficial do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2018 .....	32



Figura 16 –	Desfile oficial do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2019 - ala da comunidade .....	33
Figura 17 –	Desfile oficial campeão do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2020 pela ala coreografada .....	33
Figura 18 –	Eu e o troféu de campeã do carnaval de 2020 .....	34
Figura 19 –	Meu primeiro dia como Harmonia em agosto de 2021 .....	35
Figura 20 –	Em 2022, no dia do aniversário da escola (24/06), continuo no segmento Harmonia até o momento atual .....	35
Figura 21 –	Em um dos dias da disputa de samba-enredo em 2022 .....	36
Figura 22 –	Orgulhosa de fazer parte do segmento Harmonia .....	36
Figura 23 –	Dia do desfile das campeãs em 2022. Ao lado do meu carro alegórico favorito com o orixá da cura, Obaluaê .....	37
Figura 24 –	Foto do desfile das campeãs (2022) em quem estou ao lado da minha avó Mercedes e minha mãe Sandra .....	38
Figura 25 –	Eu como diretora de Harmonia no desfile da Viradouro em 2023 .....	39
Figura 26 –	Quadro – Comunidade de prática .....	68
Figura 27 –	Tripé – O chá da meia noite e a fantasia da ala de baianas do desfile do G.R.ES Unidos do Viradouro em 2022 .....	69
Figura 28 –	Imagem do desfile de 2020 com as guardiãs do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e a alegoria que representam Oxum .....	69
Figura 29 –	Fotografia do arquivo pessoal da festa da Velha Guarda da Viradouro em 2018 .....	70
Figura 30 –	Fotografia do meu arquivo pessoal das senhoras da Velha Guarda da Viradouro na festa de 2018 .....	70
Figura 31 –	Arquivo pessoal – foto da feijoada de junho de 2016 .....	72
Figura 32 –	Arquivo pessoal (senhoras da Velha Guarda aguardando a gravação para o RJTV no dia 26/04) .....	76
Figura 33 –	Imagem do meu arquivo pessoal da Velha Guarda de outras agremiações na abertura do Rio Carnaval do Rio de Janeiro no dia 27 de fevereiro de 2022 .....	77

Figura 34 –	imagem do meu arquivo pessoal da Velha Guarda de outras agremiações na abertura do Rio Carnaval do Rio de Janeiro no dia 27 de fevereiro de 2022 .....	77
Figura 35 –	QR Code do desfile de 1984 do G.R.E.S Unidos de Vila Isabel .....	78
Figura 36 –	Imagem (print) do desfile de 1984 do G.R.E.S Unidos de Vila Isabel	78
Figura 37 –	QR Code do vídeo da Velha Guarda da Viradouro fazendo o encerramento do desfile em 1991 .....	79
Figura 38 –	Imagem (print) do vídeo da Velha Guarda da Viradouro fazendo o encerramento do desfile em 1991 .....	79
Figura 39 –	Imagem do pavilhão da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro no dia da sua festa em 2019 .....	79
Figura 40 –	Banner situado na parede da quadra onde fica a sala da Velha Guarda .....	80
Figura 41 –	Imagem retirada de um painel posicionado na quadra em 2016 para fotos .....	80
Figura 42 –	QR Code do vídeo da festa da Velha Guarda da Viradouro que ocorreu em 2013 .....	82
Figura 43 –	Imagem (print) do vídeo da festa da Velha Guarda da Viradouro que ocorreu em 2013 .....	82
Figura 44 –	QR Code do vídeo da Apresentação da Galeria em sua festa (2017) .	82
Figura 45 –	Imagem (print) das mulheres enfileiradas no vídeo da apresentação da Galeria em sua festa (2017) .....	82
Figura 46 –	Imagem (print) dos homens enfileirados no vídeo da apresentação da galeria em sua festa (2017) .....	83
Figura 47 –	Imagem do símbolo do pavilhão da Velha Guarda .....	83
Figura 48 –	QR Code do vídeo da visita da Velha Guarda da Viradouro à escola Unidos de Vila Isabel .....	84
Figura 49 –	Imagem (print) do vídeo da Visita da Velha Velha Guarda da Viradouro à escola Unidos de Vila Isabel .....	84
Figura 50 –	QR Code da Visita da Velha Guarda da Viradouro à Caprichosos de Pilares .....	85

Figura 51 –	Imagem (print) do vídeo da Visita da Velha Guarda da Viradouro à Caprichoso de Pilares .....	85
Figura 52 –	Imagem (print) da porta-bandeira da Velha Guarda da Viradouro com seu pavilhão e os membros da associação da Velha Guarda do Rio de Janeiro .....	86
Figura 53 –	Pavilhão da Velha Guarda da Viradouro sendo reverenciado por um baluarte da Caprichosos .....	86
Figura 54 –	QR Code da Velha Guarda da Portela sendo recepcionada durante sua apresentação na festa da Galeria da Velha Guarda da Viradouro	87
Figura 55 –	Imagem (print) do vídeo da Velha Guarda da Portela sendo recepcionada durante sua apresentação na festa da Galeria da Velha Guarda da Viradouro .....	87
Figura 56 –	As porta-bandeiras da Velha Guarda da Viradouro e da Portela e seus pavilhões .....	87
Figura 57 –	QR Code da festa da Velha Guarda da Viradouro – 34 anos (apresentação) .....	88
Figura 58 –	Imagem (print) da festa da Velha Guarda da Viradouro – 34 anos ....	88
Figura 59 –	QR Code da apresentação da Associação na festa da Galeria da Velha Guarda da Unidos do Viradouro .....	89
Figura 60 –	Imagem(Print) da apresentação da Associação na festa da Galeria da Velha Guarda da Unidos do Viradouro .....	89
Figura 61 –	Fotos das bandeiras posicionadas depois da apresentação na festa de 2018 da Velha Guarda da Viradouro .....	90
Figura 62 –	O presidente atual da Velha Guarda José Luis (Zeca) no Virashow do dia 24 de junho de 2023 .....	91
Figura 63 –	Imagem dos troféus posicionados na sala da Velha Guarda em 2021	92
Figura 64 –	Qr Code do vídeo da entrega do prêmio Samba-net de 2019 (Velha Guarda mais elegante do carnaval) .....	93
Figura 65 –	Imagem (print) do vídeo da entrega do prêmio Samba-net de 2019 (Velha Guarda mais elegante do carnaval) .....	93
Figura 66 –	Imagem do carro alegórico com o nome do presidente da Velha Guarda da Viradouro que faleceu .....	94

Figura 67 –	QR code da apresentação da Velha Guarda no ensaio de quadra da Viradouro .....	95
Figura 68 –	Imagem (print) do vídeo da apresentação da Velha Guarda no ensaio de quadra da Viradouro .....	95
Figura 69 –	Imagem do leque oferecido aos componentes durante o ensaio de quadra .....	98
Figura 70 –	Verso do leque com a ficha técnica da escola e a letra do samba-enredo .....	99
Figura 71 –	Manual do componente do G.R.E.S Unidos do Viradouro .....	106
Figura 72 –	Roteiro de alas e grupos oferecido ao segmento Harmonia no dia do desfile da Viradouro em 2022 .....	107
Figura 73 –	Roteiro dos desfiles 2022 (23 de abril) .....	108
Figura 74 –	QR Code – acesso ao documento Abre- Alas .....	108
Figura 75 –	Imagem (print) do documento Abre-Alas .....	108
Figura 76 –	QR code do anúncio do enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” da Viradouro .....	109
Figura 77 –	Imagem (print) do anúncio do enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” da Viradouro .....	109
Figura 78 –	QR code da Live comemorativa .....	110
Figura 79 –	Imagem (print) da live comemorativa .....	110
Figura 80 –	QR code do documentário: “As Ganhadeiras de Itapuã – As ganhadeiras da Viradouro” .....	111
Figura 81 –	Imagem (print) do documentário “As Ganhadeiras de Itapuã- As ganhadeiras da Viradouro” .....	111
Figura 82 –	Exibição do documentário na quadra da Viradouro .....	112
Figura 83 –	Pessoas assistindo ao documentário na quadra em um dia de ensaio .	112
Figura 84 –	QR code da sinopse do enredo Viradouro 2022: “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria...” .....	113
Figura 85 –	Imagem (print) da sinopse do enredo Viradouro 2022 “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” .....	113

Figura 86 –	Painel do lançamento do clipe oficial do samba-enredo da Viradouro 2022 .....	113
Figura 87 –	QR code do clipe oficial do samba-enredo da Viradouro 2022 no Youtube .....	114
Figura 88 –	Imagem (print) do clipe oficial do samba-enredo da Viradouro 2022 .....	114
Figura 89 –	QR code do vídeo da Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira (1999) .....	116
Figura 90 –	Imagem (print) do vídeo da comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira .....	116
Figura 91 –	QR code da reportagem do jornal “O Globo” que apresenta alguns baluartes comentando a tradição do samba em suas agremiações .....	119
Figura 92 –	Imagem (print) do vídeo da reportagem do jornal “O Globo” que apresenta alguns baluartes comentando a tradição do samba em suas agremiações .....	119
Figura 93 –	O senhor Waldomiro com a faixa de baluarte .....	120
Figura 94 –	QR code do vídeo da chegada da Velha Guarda da Viradouro à Portela .....	121
Figura 95 –	Imagem (print) do vídeo da chegada da Velha Guarda da Viradouro à Portela .....	121
Figura 96 –	QR code da apresentação da Velha Guarda da Viradouro na quadra da Estação Primeira de Mangueira .....	122
Figura 97 –	Imagem (print) da apresentação da Velha Guarda da Viradouro na quadra da Estação Primeira de Mangueira .....	122
Figura 98 –	O canto dos baluartes em uma das suas festividades .....	123
Figura 99 –	Imagem (print) do canto dos baluartes em uma das suas festividades .....	123
Figura 100 –	QR code da festa dos protótipos em 2008 (Velha Guarda Musical da Viradouro) .....	123
Figura 101 –	Imagem (print) da festa dos protótipos em 2008 (Velha Guarda Musical da Viradouro) .....	123
Figura 102 –	QR code da fala do Sílvio Almeida no Programa “Roda Viva” em 2020 .....	124

Figura 103 –	Imagem (print) da fala do Sílvio Almeida no Programa “Roda Viva” em 2020 .....	124
Figura 104 –	Imagem do baluarte Esticadinho em sua casa .....	126
Figura 105 –	Faixa de baluarte com o nome da Ilza bordado .....	127
Figura 106 –	A baluarte Ilza Lemos .....	127
Figura 107 –	Parte da Velha Guarda, a baluarte homenageada Ilza Lemos, o presidente atual da agremiação, Hélio Nunes e o vice-presidente, Moracyr .....	128
Figura 108 –	São João Batista, protetor da escola, e o pavilhão .....	129
Figura 109 –	Calendário feio pela família do baluarte Esticadinho na sua festa de 81 anos .....	130
Figura 110 –	Diretores de Harmonia posicionados no enterro do intérprete Dominginhos do Estácio .....	148
Figura 111 –	Imagem do cortejo fúnebre do sambista Monarco .....	148
Figura 112 –	Velório do sambista Monarco na quadra da Portela .....	149
Figura 113 –	Imagem do baluarte José Carlos Esticadinho .....	154
Figura 114 –	Baluarte Esticadinho no dia da conversa .....	169
Figura 115 –	O senhor Esticadinho e eu no dia da conversa .....	170
Figura 116 –	Eu e o senhor Esticadinho em um dos ensaios de quadra .....	170
Figura 117 –	O segmento Velha Guarda no dia da apuração .....	171
Figura 118 –	Foto da porta da sala da Velha Guarda .....	172
Figura 119 –	A secretária Iolanda segurando o desenho da fantasia do carnaval de 2013 .....	173
Figura 120 –	Ficha cadastral que apresenta as informações sobre cada componente da galeria .....	174
Figura 121 –	Assinaturas de presença no caderno de presenças das festas da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro .....	175
Figura 122 –	Convite para a festa da Velha Guarda da Viradouro de 2022 .....	176

Figura 123 –	O famoso prato de bacalhau .....	177
Figura 124 –	Foto de um dos cantos da sala com destaque para o altar com a imagem de São Miguel Arcanjo e prêmios na parede .....	178
Figura 125 –	Foto do troféu “Gato de Prata” de 2017, citado anteriormente no texto .....	179
Figura 126 –	Alguns troféus posicionados em cima do armário .....	179
Figura 127 –	Alguns troféus da premiação Samba-Net .....	180
Figura 128 –	As cartolas da fantasia de 2022 e o espaço em que a Velha Guarda ficou antes de receber o prêmio .....	180
Figura 129 –	Minha vó, minha mãe e eu durante a premiação do Samba-Net (2022) .....	181
Figura 130 –	Parte da Velha Guarda e eu no prêmio Samba-Net de 2022 .....	181
Figura 131 –	Imagens antigas de integrantes da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro .....	182
Figura 132 –	Diploma na parede da sala .....	183
Figura 133 –	Espaço externo para reuniões .....	183
Figura 134 –	Porta da sala do patrimônio. Não é a mesma sala da Velha Guarda ..	183
Figura 135 –	Imagem do interior da sala do Patrimônio. ....	184
Figura 136 –	Imagem do interior da sala do Patrimônio .....	184
Figura 137 –	As bandeiras da Viradouro .....	185

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
1	<b>MEMORIAL “O QUE EU APRENDI COM O CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA...”</b> .....	22
2	<b>METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	40
2.1	<b>Campo, participantes e procedimentos da pesquisa</b> .....	40
2.2	<b>Construção do corpus</b> .....	41
3	<b>HISTÓRIAS, PRÁTICAS E LETRAMENTOS DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA</b> .....	44
3.1	<b>O Carnaval, o samba e suas histórias</b> .....	48
4	<b>A ESCOLA DE SAMBA COMO COMUNIDADE DE PRÁTICA</b> .....	67
4.1	<b>G.R.E.S Unidos do Viradouro e o segmento Velha Guarda</b> .....	73
4.2	<b>A Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro (Onde mora a raiz) ...</b>	76
5	<b>LETRAMENTOS CARNAVALESCOS NAS ESCOLAS DE SAMBA</b> ....	96
5.1	<b>Letramentos carnavalescos no G.R.E.S Unidos do Viradouro</b> .....	105
5.2	<b>Letramentos baluartes: a reexistência, a memória e a ancestralidade</b> .....	115
6	<b>LETRAMENTOS BALUARTES NO G.R.E.S UNIDOS DO VIRADOURO</b> .....	121
6.1	<b>Análise de dados</b> .....	125
7	<b>LETRAMENTOS BALUARTES NA GRES VIRADOURO: INVESTIGANDO PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM UMA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA</b> .....	133
7.1	<b>Cenário</b> .....	133
7.2	<b>Participantes</b> .....	134
7.3	<b>Textos e outros objetos</b> .....	136



7.4	<b>Ações e sequenciamento</b> .....	137
7.5	<b>Regras</b> .....	138
7.6	<b>Interpretação</b> .....	138
7.7	<b>Contextos</b> .....	139
7.8	<b>Juntando as informações</b> .....	140
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	141
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	142
	<b>APÊNDICE A – DESPEDIDA DE UMA BALUARTE</b> .....	145
	<b>APÊNDICE B – CONVERSA COM JOSÉ CARLOS ESTICADINHO ...</b>	154
	<b>APÊNDICE C – VISITA À SALA DA VELHA GUARDA</b> .....	172

## INTRODUÇÃO

“Quem sou eu e quantos eu sou?” canta Black Alien em sua música “Terra”<sup>2</sup> apontando uma pergunta que explicita a pluralidade que habita as pessoas. Em um desses “eus”, lanço mão da música “A voz do morro”<sup>3</sup> do Zé Keti que diz: “Eu sou o samba /A voz do morro sou eu mesmo/ Sim, senhor/ Quero mostrar ao mundo que tenho valor”. Esta música é escrita pelo sambista que participava do G.R.E.S Portela e carregava o samba em suas veias. Sinto que carrego o samba nas minhas também, apesar de não ter vivenciado os mesmos tempos que os baluartes, ou seja, os mais antigos. Faço parte do samba que sempre olha o passado para reverenciar e aprender, portanto, inicio a escrita das primeiras páginas deste trabalho a partir do meu lugar.

Faço parte do G.R.E.S Unidos do Viradouro desde criança tendo em vista que minha família (avó e mãe) sempre foi conectada a este universo, ou seja, o amor e o afeto pela agremiação são herança ancestral. Desde 2014, tenho me tornado participante mais ativa tendo passado pelas alas da comunidade, ala coreografada e, atualmente, sou diretora de Harmonia, ou seja, participo do segmento Harmonia.

Segundo Hiram Araújo no livro “A cartilha das escolas de samba”, a Harmonia é “...o elemento ordenador da força. Na escola de samba, essa força está presente na dança, na música, nas artes plásticas.” (2012, p.78). A Harmonia é um segmento responsável pela parte musical e melódica do samba, canto dos componentes e por parte de sua evolução durante o deslocamento no desfile além de desempenharem funções específicas em eventos da escola como disputa de samba. Logo, também faço parte dessas linhas diretamente porque pesquiso o que vivo.

É preciso pensar a importância da escolha do que irá ser mencionado e desenvolvido aqui além de entender que há uma diferença em relação a viver o que se pesquisa e apenas observar, porém uso dessa vivência como um elemento facilitador às minhas escritas. Escrevo como quem vive o samba, vive o carnaval e entende que “O samba é minha raiz/Minha herança, meu viver/ Me consola a beleza/ Que ninguém deseja achar/ Me guia na minha incerteza/ Não me deixa tropeçar” como Dona Ivone Lara escreveu em 1978 a canção

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=mbOB7aG7b1M/> / <https://www.letras.mus.br/black-alien/terra/>

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=027HQZITmFM/> / <https://www.letras.mus.br/ze-keti/197271/>

“Samba, Minha Raiz”<sup>4</sup> ao lado de Délcio Carvalho. Começo trazendo a palavra dessa mulher negra sambista para que eu saiba sempre reverenciar quem veio antes e não esqueça a minha identidade. Candeia em seu samba “Dia de Graça”<sup>5</sup> diz que “Hoje é manhã de carnaval (ao esplendor)/ As escolas vão desfilar (garbosamente)/ Aquela gente de cor com a imponência de um rei, vai pisar na passarela (salve a Portela)” e, que, aqui as palavras escritas por mim, uma mulher negra, junto de todas as outras vozes possam desfilar na Avenida da academia porque Sabotage, homem que escolheu o rap como caminho, dizia que “O Rap é Compromisso”<sup>6</sup> e, nestas linhas, pontuo que o samba é compromisso e as palavras também são.

Começo com o cruzamento entre as minhas linhas e suas vivências com o formal que a academia exige e trago a citação de Janks para justificar a escolha dessa linguagem mista porque “toda escolha situa, no primeiro plano, o que foi selecionado e esconde ou oculta aquilo que não o foi” (2016, p.24). Então, não é possível ocultar a vivência porque ela é elemento suleador<sup>7</sup> dessa pesquisa. Por isso, agrego a citação de Janks: “O que torna o letramento desafiador é a sua criticidade e preocupação com a política de significado: as maneiras pelas quais os significados dominantes são mantidos ou desafiados ou mudados.” (2016, p.30). Traço a decolonialidade (conceito que será definido detalhadamente no segundo capítulo) que aponta para o que não é hegemônico e, conseqüentemente, valoriza o tambor, a ginga, o samba, o carnaval com essa citação porque desafiar o que é dominante também implica desafiar a colonialidade (definição mais detalhada no capítulo 02), isto é, os padrões que definem a nossa sociedade e invisibilizam grupos, pessoas, culturas e saberes. Sob este olhar decolonial, despertei.

O despertar para esse estudo se deve à leitura de “Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP”, de autoria da Ana Lúcia Souza (2011) junto com a familiaridade, amor e vivência em relação ao carnaval das escolas de samba. A partir disso, ocorreram alguns questionamentos que estabeleceram uma ligação entre o Letramento de reexistência e o carnaval. O primeiro foi: “O carnaval pode ser uma agência de letramento?”, porém depois de amadurecer um pouco o pensamento, o questionamento mudou para “As escolas de samba podem ser comunidades de prática?”, mas antes de pensar os letramentos, é preciso trazer suas definições.

---

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=evgTcjSf9NI> / <https://www.letras.mus.br/dona-ivone-lara/samba-minha-raiz/>

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=CuMF5J0QFUw> / <https://www.letras.mus.br/candeia/95696/>

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=rC9vmpQRR40/> / <https://www.letras.mus.br/sabotage/65058/>

<sup>7</sup> “Milton Santos (2000) chama a atenção para o fato de que as alternativas estão no Sul (da mesma forma que Boaventura Santos [2004], a quem voltarei mais adiante.” (LOPES, 2016, p.)

Antes de definirmos os letramentos, é preciso explicar, de forma sucinta, o carnaval, isto é, qual carnaval é pesquisado nestas linhas. Quando escrevo a expressão “carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro”, estou falando de uma potência que não se resume apenas ao desfile. Este carnaval dura o ano inteiro, ou seja, é vivenciado o ano inteiro por seus componentes, brincantes, foliões e profissionais da festa através de diversos eventos como feijoadas, confraternizações, reuniões, saídas/visitas, disputas de samba-enredo, ensaios, entre outros até culminar no desfile que ocorre no Sambódromo. Após o desfile, a roda gira novamente e damos início a um novo carnaval. Isso acontece porque essa manifestação cultural carrega em si a marca da continuidade e do legado tendo em vista que enquanto um coração sambista bater, o carnaval não acabará. Isto será comentado de forma mais detalhada ao longo do trabalho.

E os letramentos? Inicialmente, entende-se letramento como “conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p.19), mas no carnaval e, principalmente, na Velha Guarda, temos a presença da oralidade, dos gestos, das imagens e fotografias, das tecnologias, das práticas e ritos que envolvem as roupas, fantasias e adereços, além dos procedimentos nos ensaios, saídas, festas e desfiles, ou seja, outros conhecimentos (letramentos) que comunicam e serão pesquisados aqui. Isto é a multimodalidade proposta por Kress (2010) e pontuada também por Street (2009) que traz os letramentos sociais. De acordo com o glossário Ceale<sup>8</sup>, trago uma definição para explicar melhor:

O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita precisam levar em conta, atualmente, a variedade dos modos de comunicação existentes, o que chamamos de multimodalidade. Nessa nova perspectiva, que se opõe às abordagens educacionais ocidentais mais tradicionais, devem-se considerar os modos de comunicação linguísticos – a escrita e a oralidade –, visuais – imagens, fotografias –, ou gestuais – apontar o dedo, balançar a cabeça negativa ou afirmativamente, por exemplo. Essa diversidade de modos de comunicação foi incorporada tanto pelos meios de comunicação mais tradicionais, como livros e jornais, quanto pelos mais modernos, como computadores, celulares, televisão, entre outros.

Sendo assim, penso que o conceito de letramentos a seguir esteja mais de acordo com a pesquisa: “um conjunto de práticas sociais cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder.” (KLEIMAN, 1995, p.11) desde que o significado de Letramentos esteja expandido porque eles não se limitam apenas à escrita,

---

<sup>8</sup> <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/multimodalidade>

portanto é necessário que a multimodalidade se faça presente porque ela é um dos eixos conceituais dessa pesquisa. Sendo assim, caminhe comigo para o próximo passo.

Escrevo estas páginas através das ideias do Letramentos de Reexistência

Letramentos de reexistência aqui será a reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não.” (SOUZA, 2011, p.37)

A partir dessa definição inicial, penso a história que ainda é pouco contada para dizer que até hoje, as escolas de samba cantam gritos de luta, resistência e denunciam as desigualdades. Isto acontece devido à marginalização que o samba sofreu desde seu nascimento (será mais detalhado no capítulo 3). Por isso, é importante discutir sobre o carnaval porque os ativistas são os sambistas, especialmente para essa pesquisa, os baluartes e integrantes da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro. De acordo com Araújo, “Velha Guarda é a Escola de Samba do verdadeiro Sambista.” (2012, p.93), pois é o segmento que carrega a tradição, remete à experiência, à permanência do integrante que esteve na fundação da escola de samba ou que já vivenciou muitas décadas na agremiação.

Com isso, muitas perguntas surgiram como: A Unidos do Viradouro e a Galeria da Velha Guarda desta escola são comunidades de prática? Como os letramentos de reexistências circulam nesta agremiação, sobretudo, na Velha Guarda? Como abordar os letramentos de reexistências oriundos do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro a partir de pessoas plurais que compõem o universo das escolas de samba, especialmente a Velha Guarda da Unidos do Viradouro? Quais práticas sociais, saberes e outros conhecimentos fazem parte dos letramentos baluartes, ou seja, letramentos presentes na Velha Guarda do Unidos do Viradouro?

Estas são algumas perguntas que procurarei responder nesta pesquisa a partir dos seguintes objetivos: investigar o G.R.E.S Unidos do Viradouro como comunidade de prática e a Velha Guarda como um grupo dessa comunidade de prática, observar o cotidiano do G.R.E.S Unidos do Viradouro, como campo de pesquisa, identificar os letramentos, isto é, práticas sociais e interacionais nas conversas e observações diretas do cotidiano da Velha Guarda do Unidos do Viradouro além de outros segmentos da escola que caracterizem as práticas pertencentes a uma comunidade de prática e seus letramentos.

Depois desse primeiro processo, é preciso também trazer e conceituar os letramentos carnavalescos, os letramentos baluartes, e indicar de forma bem ampla a associação do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro a um movimento negro educador, conceito

proposto por Nilma Lino Gomes (2017) em que existem conhecimentos nascidos da luta, consequentemente, o movimento negro, segundo ela, é educador. Este conceito será associado às escolas de samba nesta pesquisa de forma breve, porém pontual.

Antes de situar os capítulos desse trabalho, defino os letramentos carnavalescos e os letramentos baluartes. Os letramentos carnavalescos são construções sociais que envolvem a escrita, a oralidade, os gestos, as imagens, as fotografias, as práticas, os ritos, a multimodalidade pertencente às escolas de samba, isto é, são letramentos que se formam nas escolas de samba através das pessoas que fazem parte desse universo e também são gerados por elas. A escrita perpassa a escola de samba, mas estes letramentos não se resumem apenas a ela. Eles são pensados a partir da multimodalidade. Um desses exemplos é a bandeira, um objeto carregado de simbologias, significados e práticas, isto é, multimodal. As práticas que atravessam a bandeira como a reverência, o respeito, como um diretor de harmonia entrega a bandeira ao mestre-sala ou à porta-bandeira, a recepção do casal em outra agremiação, o uso do pavilhão em uma despedida fúnebre de um sambista, os pavilhões específicos da Galeria de Velha Guarda e da ala de Baianas são exemplos de letramentos carnavalescos.

Este mesmo raciocínio se aplica aos letramentos baluartes (também são letramentos carnavalescos) que são construções sociais que envolvem a escrita, a oralidade, os gestos, as imagens, as fotografias, as práticas, os ritos, a multimodalidade presente nas escolas de samba, especificamente, aquelas que são oriundas dos sambistas mais antigos das agremiações. Geralmente, esses sambistas estão, em sua maioria, no segmento Velha Guarda, que, por isso, é o foco maior dessa pesquisa, todavia, os baluartes também estão presentes nas Baianas, na Bateria, nos compositores, sendo os mais antigos desses segmentos.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresento um memorial que conta a minha história no mundo do carnaval das escolas de samba, ou seja, como tudo começou.

No segundo capítulo deste trabalho, apresento a metodologia que consiste na abordagem utilizada na pesquisa, inclusive como aconteceu a seleção das pessoas para as conversas e como o corpus será analisado e construído.

No capítulo três, abordo a história do carnaval, do samba e das escolas de samba em uma linha do tempo para que seja possível compreender as influências que atravessaram o carnaval além das histórias e dos letramentos que compõem este universo para que seja possível adentrar o quarto capítulo em que traço a relação das escolas de samba com as comunidades de prática, conceito idealizado por Jean Lave e Etienne Wenger (1999).

Após atravessar todos esses tempos e espaços, ainda no capítulo quatro, chego ao G.R.E.S Unidos do Viradouro e à Velha Guarda que, será comentada primeiramente de forma geral e, depois, específica como a Galeria da Velha Guarda do Unidos do Viradouro.

É neste momento que entram os letramentos carnavalescos no quinto capítulo em que procuro demonstrar como estão presentes na escola pesquisada, isto é, comento os saberes e conhecimentos que envolvem registros escritos, orais, práticas do samba e do carnaval que envolvem a ginga, o batuque, o axé e a fé assim como a disciplina, o amor e a emoção.

É com amor, emoção e, sobretudo, sabedoria que chegam os baluartes e os seus letramentos no subcapítulo 5.2: “Letramentos baluartes: a reexistência, a memória e a ancestralidade” em que o conceito é definido. A análise de dados baseada na construção do corpus que é constituído pela descrição da despedida de uma baluarte (apêndice A), pela conversa com o baluarte José Carlos Esticadinho (apêndice B) e pelo relato da visita guiada à sala da Velha Guarda da Viradouro (apêndice C), é apresentada no sexto capítulo: “Letramentos baluartes no G.R.E.S Unidos do Viradouro”.

No sétimo capítulo, temos a análise dos resultados a partir da perspectiva etnográfica de Brian Street (2007) dividida por eixos durante a triangulação dos dados.

Com isso, caminho para o fechamento dos portões que são as considerações finais com a certeza de que o amor pelo carnaval e pela minha agremiação moveram esta pesquisa assim como o samba<sup>9</sup> da Viradouro 2022 composto por Felipe Filósofo, Fábio Borges, Ademir Ribeiro, Devid Gonçalves, Lucas Marques e Porkinho já diz que “Carnaval, te amo/ Na vida, és tudo pra mim”.

---

<sup>9</sup> Links: <https://www.youtube.com/watch?v=dr4KcJI0D7Y> / <https://www.letras.mus.br/unidos-do-viradouro-rj/samba-enredo-2022-nao-ha-tristeza-que-possa-suportar-tanta-alegria/>

## 1 MEMORIAL - “O QUE EU APRENDI COM O CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA...”

Figura 1 - Amor ao pavilhão do G.R.E.S Unidos do Viradouro



Fonte: Arquivo pessoal

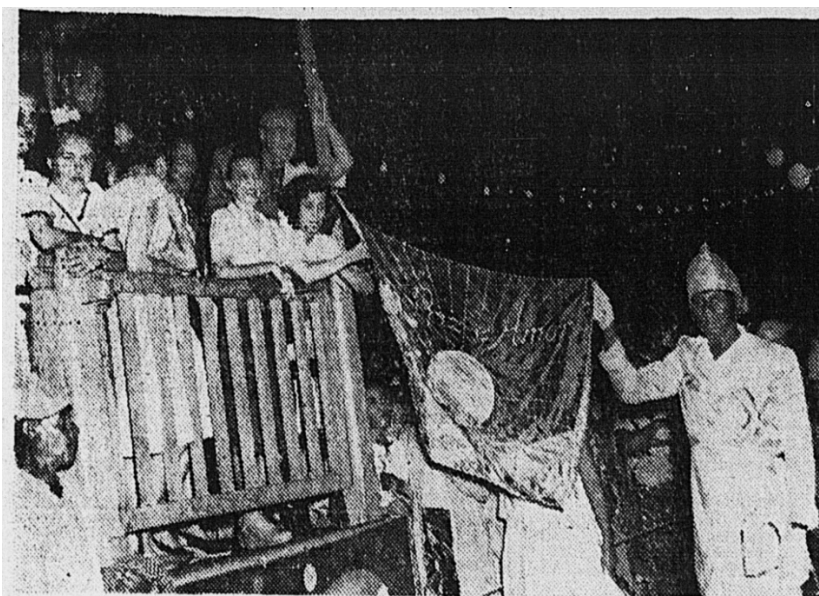
Entramos em uma máquina do tempo para que eu possa contar quando o meu samba e o de minhas ancestrais começaram. Conto como em uma escrevivência (EVARISTO, Conceição) em que escrevo a partir do que vivo e do que as minhas mais velhas viveram e vivem.

Década de 1940. Lira do Amor. Foi assim que o carnaval entrou na história da minha família. Minha vó, Mercedes, tinha por volta de uns cinco anos, segundo suas memórias, quando desfilou na agremiação Lira do Amor porque o seu padrinho era participante ativo da escola de samba histórica, que ficava em Bento Ribeiro (cidade do Rio de Janeiro onde vovó morava), situada na Rua Pacheco da Rocha. Além disso, em uma de nossas conversas, descobri que, minha bisavó materna, isto é, mãe da minha vó, produzia e costurava bandeiras para as escolas de samba. É curioso como as memórias bem antigas ficam guardadas esperando um momento para o seu acesso. Perguntei a ela sobre a agremiação e, imediatamente, ela comentou o nome da rua como se tivesse ido lá no dia anterior.

O único registro fotográfico que encontrei da agremiação foi esta foto:



Figura 2 - Imagem retirada de uma reportagem sobre a agremiação “Lira do Amor”



MADAME HILDEBRANDO DE ARAUJO GOIS -- A ilustre esposa do governador da cidade, compareceu ao desfile das Escolas de Samba, instalado no Coreto da Comissão Julgadora, S, Excta. aplaudia com entusiasmo o desfile do “pessoal” do morro. No clichê acima, vemos a ilustre esposa do sr. Hildebrando de Araújo Gois quando admirava a 1ª bandeira da Escola de Samba. “LIRA DO AMOR”.<sup>10</sup>

Fonte: Bento Ribeiro: Memória e Cultura<sup>11</sup>

A legenda me causa um certo incômodo quando escrevem “pessoal” do morro, de forma pejorativa refletindo a forma como eram vistos e tratados pelas imprensas e elites assim como a foto que retrata a porta bandeira sem rosto porque o foco estava na esposa do governador, mas venho aqui reivindicar essa expressão para ressignificá-la e afirmar que o Carnaval das escolas de samba é do pessoal do morro, do povo preto, raiz, cultura preta que segue resistindo até os dias atuais.

É importante mencionar que Paulo da Portela<sup>12</sup> passou a fazer parte da Lira do Amor em 1941 e entre 1946 e 1947 foi presidente da agremiação.

Voltando às memórias da minha vó, o carnaval da nossa família começou na Lira do Amor. Depois disso, já mais velha, minha vó passou a desfilar em blocos carnavalescos tradicionais do Rio de Janeiro como o Cacique de Ramos<sup>13</sup> por volta do final da década de 60 e início da década de 70.

<sup>10</sup> Infelizmente, não encontrei nenhum registro familiar sobre a Lira do Amor, por isso, pesquisei na internet.

<sup>11</sup> Imagem retirada do site:

<https://www.facebook.com/bentoribeiriomemoriaecultura/photos/a.1839435286083795/2790564644304183/?type=3&theater>

<sup>12</sup> Sambista brasileiro e fundador da Portela.

<sup>13</sup> Veja a história do Cacique de Ramos em <https://caciquederamos.com.br/nossa-historia/> e na música “Doce Refúgio” do grupo Fundo de Quintal em <https://www.youtube.com/watch?v=IZSVMni4xOo>

Figura 3 - Anos 1970 – Mercedes (minha avó), a primeira à esquerda, no Cacique de Ramos ao lado de sua cunhada e uma amiga



Fonte: arquivo pessoal.

Em 1983, vó Mercedes foi convidada por uma amiga para desfilir na Estação Primeira de Mangueira e lá foi ela, apaixonada pelo carnaval, sentir essa energia novamente.

---

<sup>14</sup> A minha avó sempre gostou muito de música e festividades.

Figura 4 - Minha avó em casa com a fantasia do desfile da Estação Primeira de Mangueira



15

Fonte: arquivo pessoal.

Em suas andanças, a partir do final dos anos 80, vovó passou a fazer morada em Niterói junto com minha mãe. O carnaval das escolas de samba sempre está ligado a territorialidade e à geografia do lugar onde se vive e foi assim que o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Viradouro em 1992 entrou na vida delas.

Em 1992<sup>16</sup>, temos o primeiro desfile da minha vó na nossa tão amada agremiação com o enredo “E a magia da sorte chegou...” Foi um desfile complicado por conta de um incêndio<sup>17</sup> que ocorreu em uma alegoria, mas isso não abalou o início de um grande amor pela escola de samba que contagiou a mim e minha mãe. Como eu sempre digo, o samba é minha herança familiar e ancestral. Minha vó desfilou bem próxima à alegoria que pegou fogo, mas nem mesmo o trauma em relação ao desfile fez com que ela desistisse desse amor tão grande. Veja a foto de sua fantasia no dia 01 de março de 1992.

<sup>15</sup> Minha vó como desfilante na Estação Primeira de Mangueira.

<sup>16</sup> Escute o samba-enredo de 1992 do G.R.E.S Unidos do Viradouro em: <https://www.youtube.com/watch?v=I3HEA7Pcbr4>

<sup>17</sup> Leia mais sobre o incêndio em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/02/27/inesquecivel-sapuca-max-lobes-relembra-o-incendio-que-destruiu-o-sonho-da-iradouro-de-ser-campea.ghtml>

Figura 5 - Na saída do seu prédio, vó Mercedes posa com sua fantasia para o desfile de 1992



18

Fonte: arquivo pessoal.

A seguir, apresento algumas fotos de desfiles memoráveis da década de 90 e da nossa família em uma das festas de protótipos para registrar uma parte de nossa caminhada na vermelha e branca de Niterói. Na primeira foto dessa sequência, podemos ver minha vó fantasiada para o desfile da Viradouro na década de 90. É um costume da maioria dos desfilantes vestir as fantasias em casa para testar e, logicamente, aproveitamos essa oportunidade para tirar fotos.

---

<sup>18</sup> Era, e ainda é, um costume colocar suas fantasias e tirar fotos. Por conta do mistério do carnaval atualmente, as fotos só podem ser publicadas depois do desfile. Este mistério se dá pela competição carnavalesca em que as fantasias só devem ser vistas durante o desfile assim como as alegorias.

Figura 6 - Minha avó fantasiada para a escola de samba na década de 90



19

Fonte: arquivo pessoal.

Na foto a seguir, temos a pesquisadora que vos escreve na época em que era criança e já andava rodeada de fantasias, vivenciando a experiência carnavalesca. Um fato curioso: tinha medo dessas carrancas, que me renderam uma cicatriz porque eu caí em cima delas. São a vivência e o amor pela minha escola de samba que predominam desde a infância em minha vida assim como na vida da minha família. Isso pode ser visto nas fotos que revelam sorrisos, família e afetos ao som da magia dos tambores que somente a nossa escola do coração nos proporciona.

A partir disso, eu também fui contagiada por toda essa energia que envolve o pertencimento a uma escola de samba, como vocês podem ver nas fotos a seguir.

---

<sup>19</sup> Arquivo pessoal: Vovó Mercedes fantasiada na década de 90 para desfilir no G.R.E.S Unidos do Viradouro.

Figura 7- Meu eu menina entre as fantasias do G.R.E.S Unidos do Viradouro na década de 90



20

Fonte: arquivo pessoal.

Figura 8 - Eu e minha avó no carnaval de 1993 ou 1994 com a fantasia da sua escola do coração



21

Fonte: arquivo pessoal.

---

<sup>20</sup> Eu, ainda menina, em meio às fantasias carnavalescas.

<sup>21</sup> Eu ao lado da minha avó fantasiada na sua antiga residência.

Figura 9 - Festa do protótipo nos anos 90



22

Fonte: arquivo pessoal.

Na foto acima, eu sou a criança deitada na manta apoiada em minha mãe. Além disso, na foto, temos minha avó, minha mãe e o amigo das duas, que também era componente. Hoje, os três fazem parte da Velha Guarda.

Sendo assim, é possível perceber como esse amor chegou até o meu coração. Meu eu-menina andava rodeado pelas fantasias imensas de Joãosinho Trinta<sup>23</sup> e outros carnavalescos e sentia a empolgação que só o componente de uma escola de samba tem.

Meu sonho era desfilar, mas era muito nova, ou seja, não tinha idade na época e minha vó, com seu dom de costureira, sabendo do meu sonho, fez uma “fantasia” para mim. Era um vestido vermelho com um tecido pesado, acho que era camurça com vidrilhos, eu me senti uma brincante e desfilava pelo corredor. Esta memória aponta para a vontade de pertencer àquele espaço através da vestimenta além da herança carnavalesca transmitida pela minha vó e todo o afeto em torno dessas práticas, ou seja, a fantasia da escola, principalmente se ela apresentar as cores do pavilhão, comunica uma mensagem muito simples e evidente: Faço parte da minha escola de samba e torço por ela. Reparem na foto que o vestido é vermelho que é uma das cores da nossa agremiação. Eu tinha por volta de 5 a 6 anos e essa memória foi eternizada na foto a seguir.

<sup>22</sup> Festa dos protótipos.

<sup>23</sup> Veja a história de Joãosinho Trinta, artista plástico e carnavalesco brasileiro, em <https://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=joaosinho>

Figura 10 - Dia em que desfilei com minha “fantasia” ao lado da minha vó pelo corredor<sup>24</sup>



Fonte: Arquivo pessoal.

O carnaval das escolas de samba me criou. Memórias da infância, cicatriz no joelho por conta de uma fantasia da minha vó que caí em cima do ferro do esplendor, tendinite traumática por conta de uma nota baixa na apuração (bati o pulso na madeira do sofá sem querer) e por aí vai...Marcas físicas e no coração que nunca se vão.

Como uma filha, quis conhecer o mundo lá fora e me afastei fisicamente desse amor, mas nunca no meu coração. Acompanhava os desfiles na TV assim como a apuração<sup>25</sup> em que podemos ver os resultados através das notas dos segmentos avaliados nas agremiações como bateria, harmonia, entre outros. A apuração era um ritual religioso da Quarta-Feira de Cinzas.

Em 2014, resolvi buscar as minhas raízes. Como diz o samba de 2017 da Viradouro, “Foi nesse chão que me criei” e resolvi pisar o chão da quadra. Finquei a raiz que estava um pouco solta naquela terra e dali não saí mais. Inscrita na ala da comunidade, vivenciei

---

<sup>24</sup> Essa foto foi registrada quando minha avó resolveu fazer para mim um vestido semelhante à fantasia que usaria e vestiu a sua para que eu ficasse cada vez mais no clima do carnaval.

<sup>25</sup> Veja o que é uma apuração em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/02/como-acompanhar-a-apuracao-dos-resultados-das-escolas-de-samba-no-rio.ghml>



experiências extremamente marcantes, como o desfile de 2015<sup>26</sup> com o enredo “Nas veias do Brasil! É a Viradouro em um dia de graça”, em que demonstramos nossa garra em uma das maiores chuvas enfrentadas durante desfiles desde 2001. Nossa escola foi rebaixada para o grupo de acesso<sup>27</sup>, ou seja, o grupo chamado atualmente de Série Ouro que desfila sexta e sábado na Sapucaí, mas permaneceram ali os que realmente vivem a escola. Em 2016 com o enredo “O Alabê de Jerusalém, a saga de Ogundana”<sup>28</sup>, no acesso, também estava na ala da comunidade. Em 2017 com o enredo “E todo menino é um rei”, vivenciei a experiência de fazer parte da ala coreografada. Em 2018 com o enredo “Vira a cabeça, pira o coração – loucos gênios da criação”<sup>29</sup>, retomei à ala de comunidade, fomos campeões do grupo de acesso e ali permaneci em 2019 com o enredo “ViraViradouro”<sup>30</sup>. Foram os anos que simbolizaram a nossa escalada. Subimos para o especial e, depois, alcançamos o segundo lugar. Em 2020 com o enredo “Viradouro de alma Lavada”<sup>31</sup>, ano em que fomos campeões, fiz parte de uma ala coreografada, a que me emocionou muito. A fantasia simbolizava a fé das ganhadeiras, a orixá Oxum, dona das águas doces, do ouro e do amor.

Figuras 11 e 12 - A primeira foto retrata minha mãe e eu em algum ensaio da comunidade. Já, a segunda foto é do desfile oficial de 2015 do G.R.E.S Unidos do Viradouro



Fonte: Carlos Papacena na primeira foto e Felipe Araújo na segunda.

<sup>26</sup> Escute o samba-enredo de 2015 em <https://www.youtube.com/watch?v=GTToFIGpNIeI>

<sup>27</sup> Veja o que é grupo de acesso em: <https://www.riocarnaval.org/pt/desfile-de-samba/grupo-de-acesso>

<sup>28</sup> Escute o samba-enredo de 2016 do G.R.E.S Unidos do Viradouro em <https://www.youtube.com/watch?v=xQGrIEfs4IU>

<sup>29</sup> Escute o samba-enredo de 2018 em <https://www.youtube.com/watch?v=rcbIdFvcCgE>

<sup>30</sup> Escute o samba-enredo de 2019 <https://www.youtube.com/watch?v=VDvZMjC6sHE>

<sup>31</sup> Escute o samba-enredo de 2020 em <https://www.youtube.com/watch?v=KG9xE7f1M8>

<sup>32</sup> Foto do ensaio em 2018/2019 e foto do desfile de 2015.

O desfile de 2015 (figura 12) foi um daqueles momentos em que o sambista é posto à prova, ou seja, na chuva intensa, com fantasia pesada, eu precisava cantar o samba da escola, evoluir, ou seja, dar o meu melhor. Quando o desfile acabou, mesmo sabendo que a escola não tinha feito o seu melhor desfile, eu só pensava em voltar a desfilar no ano seguinte.

É nesses momentos mais difíceis que é possível entender que o coração do sambista está onde sua agremiação está.

Figuras 13 e 14 - Desfiles oficiais do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2016 e 2017 (desfilei pela ala da comunidade no primeiro e em ala coreografada no segundo)



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 15 - Desfile oficial do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2018



Fonte: arquivo pessoal.

<sup>33</sup> Imagens do arquivo pessoal.

<sup>34</sup> Imagem do arquivo pessoal.

Figura 16 - Desfile oficial do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2019 - ala da comunidade



35

Fonte: Carlos Papacena

Figura 17 - Desfile oficial campeão do G.R.E.S Unidos do Viradouro em 2020 pela ala coreografada



36

Fonte: arquivo pessoal.

<sup>35</sup> Ano em conquistamos o vice-campeonato.

<sup>36</sup> Ano em que conquistamos mais um campeonato.

Falo em colocações e vitórias, mas o que é vivenciado em sua totalidade é o cotidiano, o conagraçamento e a noção de pertencimento ao chão da escola. É até difícil colocar em palavras esse amor que só a vivência explica.

Figura 18 - Eu e o troféu de campeã do carnaval de 2020



37

Fonte: arquivo pessoal.

Em 2021, assumi um novo desafio na minha escola do coração, que é fazer parte do segmento Harmonia. Tenho aprendido cada vez mais sobre o meu segmento, que tem inúmeras funções, desde auxiliar os componentes no canto e na evolução, organizar as alas, fazer as inscrições da comunidade e apresentar casal de mestre-sala e porta-bandeira até levar o pavilhão em cortejos fúnebres, prestando a última homenagem a sambistas. A partir disso, tenho feito cada vez mais parte dessa engrenagem que faz o nosso carnaval acontecer.

---

<sup>37</sup> Estar ao lado do troféu de campeão é um momento emocionante. Os diretores de Harmonia tiveram essa oportunidade em um evento de confraternização entre o segmento Harmonia e a ala dos Compositores.

Figura 19 – Meu primeiro dia como Harmonia em agosto de 2021



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 20 - Em 2022, no dia do aniversário da escola (24/06),  
continuo no segmento Harmonia até o momento atual



Fonte: arquivo pessoal.

<sup>38</sup> Minha primeira apresentação no segmento Harmonia. Estou de máscara porque ainda estávamos no momento de flexibilização da pandemia de Covid-19.

<sup>39</sup> Mesmo diante da correria do trabalho, consegui estar no aniversário da escola. Muito grata por esse momento.

Figura 21 - Em um dos dias da disputa de samba-enredo em 2022



40

Fonte: arquivo pessoal.

Figura 22 - Orgulhosa de fazer parte do segmento Harmonia



41

Fonte: arquivo pessoal.

<sup>40</sup> Foto do arquivo pessoal durante a disputa de samba.

<sup>41</sup> Foto do arquivo pessoal.

Figura 23 - Dia do desfile das campeãs em 2022. Ao lado do meu carro alegórico favorito com o orixá da cura, Obaluaê



42

Fonte: arquivo pessoal.

A figura 23 é uma foto do desfile das campeãs no ano em que ficamos na terceira posição, em 2022. Os diretores de Harmonia fantasiaram-se de doutores da alegria para homenagear os profissionais da saúde, fazendo uma relação entre a pandemia<sup>43</sup> de 1918/1919 causada pela gripe espanhola e a pandemia de 2020/2021 causada pelo Covid-19. Em 1919, ocorreu um carnaval extremamente marcante após a pandemia que foi retratado no nosso enredo em 2022 justamente no momento em estávamos vivenciando o primeiro carnaval depois da pandemia do Covid-19.

<sup>42</sup> No dia do desfile é muito difícil conseguir tirar fotos porque estamos focados para que tudo dê certo. Já no desfile das campeãs, é possível porque a disputa já passou e o resultado já foi estabelecido.

<sup>43</sup> Explicação sobre as pandemias: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>

O carnaval de 2022 foi extremamente marcante, porque não conseguimos, de fato, comemorar o título de 2020 de modo satisfatório, já que a pandemia aconteceu em seguida. Então, 2022 marcava o retorno do carnaval, a celebração da vida e do campeonato. O G.R.E.S Unidos do Viradouro ficou como última campeã do carnaval por dois anos seguidos, tendo em vista que em 2021 não houve desfiles.

A seguir, temos as últimas fotos desse memorial, que voltam ao início dessa história, como uma roda, como um ciclo, como um caminho em homenagem a minha ancestralidade. Temos eu, minha mãe e minha avó (ambas no segmento Velha Guarda atualmente) no desfile em 2022 e uma foto minha no desfile de 2023 com o enredo “Rosa Maria Egípcíaca”<sup>44</sup>, extremamente representativo para as mulheres negras, para simbolizar essa herança ancestral que é o samba em minha vida. O samba é herança porque por onde vou, elas estão comigo.

Figura 24 - Foto do desfile das campeãs (2022) em que estou ao lado da minha avó Mercedes e minha mãe Sandra



45

Fonte: arquivo pessoal

<sup>44</sup> Escute o samba-enredo de 2023 em: [https://www.youtube.com/watch?v=HEtdGr\\_0UFw](https://www.youtube.com/watch?v=HEtdGr_0UFw)

<sup>45</sup> Foto registrada na concentração, isto é, antes do desfile. Nesse caso, o desfile das campeãs.



Figura 25 – Eu como diretora de Harmonia no desfile da Viradouro em 2023



Fonte: Wagner Rodrigues

Escrevo aqui parte da minha história, entendendo que o samba é herança e continuidade. Enquanto houver um coração sambista que pulsa, ele não morre. É como o samba de 2014<sup>47</sup> com o enredo “Sou a Terra de Ismael, ‘Guanabaran’ Eu Vou Cruzar... Pra Você Tiro o Chapéu, Rio Eu Vim Te Abraçar”, mais conhecido popularmente como “Orgulho de Niterói”, a minha escola diz: “Elo de amor que não se desfaz...”<sup>48</sup>.

<sup>46</sup> A emoção transborda durante o desfile como podemos ver na foto.

<sup>47</sup> Escute o samba-enredo de 2014 em: <https://www.youtube.com/watch?v=kqp44ODlmlA>

<sup>48</sup> Samba-enredo de 2014 composto por: Diego Tavares / Dilson Marimba / Dudu Nobre / Junior Fraga / Paulo Oliveira / Zé Gloria.

## 2 METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

### 2.1 Campo, participantes e procedimentos da pesquisa

Primeiramente, é necessário trazer esta citação para os métodos da pesquisa: “A esperança não está na ciência ocidentalista de teorias separadas das práticas sociais” (LOPES, 2016), logo aqui a teoria e prática caminham de mãos dadas pela quadra do G.R.E.S Unidos do Viradouro e da Marquês de Sapucaí sob a ótica da Linguística Aplicada, dos Letramentos de Reexistência e dos Letramentos Carnavalescos e Letramentos Baluartes.

Busco ideias-força em aportes teóricos que se apoiam nos novos estudos de letramentos, principalmente os Letramentos de reexistência (SOUZA, 2011). Priorizo também bibliografias que são baseadas em questões étnico-raciais, no levantamento bibliográfico da história do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, especialmente o G.R.E.S Unidos do Viradouro e o segmento Velha Guarda. Os letramentos, diálogos, narrativas, experiências, memórias e o foco nas diferenças serão priorizados nessas referências construídas por autores como Nei Lopes, Muniz Sodré, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, entre outros.

Esta pesquisa é fundamentada em uma abordagem teórico-metodológica qualitativa a partir de um estudo etnográfico por meio de observações diretas e conversas assim como análise de cenários visto que letramentos são práticas sociais e serão defendidos e analisados através do roteiro “Investigando práticas de letramento em uma perspectiva etnográfica” proposto por Street e Lefstein pelo sentido epistêmico. Através dessa metodologia, o registro será mais leve e espontâneo, descartando possíveis previsibilidades próprias das entrevistas que são guiadas pelo entrevistador através das perguntas e discursos padronizados porque as escolas de samba e seus segmentos como comunidades de prática atuam nos cotidianos como formas de reexistir assim como nos Letramentos de reexistências:

“a singularidade está nas microreesistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas... não apenas nos conteúdos, mas também nas formas de dizer, o que remete tanto à natureza dialógica da linguagem como também as proposições dos estudos culturais que revelam as identidades sociais, sempre em construção...” (SOUZA, 2011, p. 37)

Voltando à perspectiva etnográfica, a Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro será pesquisada através de um olhar cultural e social em observações diretas de todo o grupo,

análise de cenários e uma conversa individual que se transformou em uma roda de conversa etnográfica, ou seja, um trabalho de campo que atenta para as práticas, comportamentos, interações e valores que atravessam as temáticas do letramento de reexistência, da memória e do carnaval a partir deste grupo.

O recorte foi feito deste modo, porque estabeleci uma relação entre a reexistência, ou seja, o enaltecimento de histórias que são pouco contadas, porém criam formas de existência e ao mesmo tempo resistem às tentativas de apagamento. Os membros da Velha Guarda da agremiação em questão, ou seja, os baluartes, carregam em si histórias, memórias, práticas sociais e comunicações através de gestos, roupas, textos e modos de ser e de viver que seguem resistindo e se adaptando para que a raiz não se perca e continue firme e forte no chão da escola em suas comunidades de prática.

O carnaval das escolas de samba, inclusive o segmento escolhido, apresenta fundamentos e ritos específicos que formam um caldo de cultura que, muitas vezes, é desconhecido fora do ambiente das escolas de samba, portanto fica à margem já que o samba e o carnaval são historicamente perseguidos até hoje de acordo com a mudança dos tempos porque as agremiações são vivas. Logo, o olhar é direcionado àqueles que vieram antes com seus bastões, leques, sapatos bicolores e chapéus no G.R.E.S Unidos do Viradouro.

## **2.2 Construção do corpus**

Uma série de eventos será apontada para que se possa compreender os letramentos baluartes na Galeria da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro como a escrita da despedida (enterro) de uma baluarte, a visita à sala pertencente ao segmento (onde terei acesso aos troféus, aos documentos que são parte da história escrita e às práticas que ocorrem na sala como pequenas reuniões, entrega de fantasias e acessórios, festas surpresas, dentre outros) e uma conversas com um dos baluartes. Esses eventos foram escolhidos por meio das observações feitas durante um período determinado iniciado em 2020 na minha entrada no mestrado e por concentrarem uma série de letramentos, ou seja, práticas sociais envolvendo conhecimentos e significados negociados entre os membros da comunidade, consideradas importantes para serem comentadas e registradas nesta pesquisa. A cerimônia fúnebre foi um momento triste, porém marcante para a comunidade da Velha Guarda. Já, o baluarte Esticadinho, cuja entrevista se tornou uma roda de conversas, era um dos mais antigos da

galeria e estava presente desde a fundação da escola. Logo, foi uma escolha muito pensada e analisada tendo em vista que muitos saberes, conhecimentos e práticas sociais estavam concentradas ali em sua pessoa, ou seja, na comunicação de sua história como um griô.<sup>49</sup> Além disso, ainda escolhi a sala da Velha Guarda pensando o território no qual eles fazem parte além de concentrar a maior parte de registros escritos e multissemióticos, como cadernos de anotações, fotos, troféus, imagens, entre outros.

Acontecerá então uma triangulação de eventos em que os mesmos se cruzam através de pontos comuns por meio das conversas, da despedida e da visita à sala, isto é, os dados serão gerados a partir desses acontecimentos.

Por isso, é importante pensar que o diálogo durante a construção do corpus é fundamental porque, segundo hooks

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças. (2017, p.174)

A importância da prática do diálogo não é somente para esses grupos citados anteriormente. Através dele, podemos superar dificuldades e observar interações que caracterizem as práticas sociais denominadas de letramentos.

As conversas favorecem a visão de mundo de cada indivíduo e do coletivo. Segundo Bakhtin, “O mundo que conhecemos, sem nós, não é mundo; conosco é mundo. Daí deriva o paradoxo fundamental: nosso mundo faz parte de nossa visão de mundo, a qual faz parte do nosso mundo.” (1996, p.223) e assim pauto o meu lugar de pesquisadora nativa do contexto investigado que não só observa, mas vive o ambiente apresentando olhares, detalhes e percepções diferentes do pesquisador observador porque também faço parte.

Além disso, as práticas de letramento devem ser observadas a partir das suas circunstâncias. Segundo Soares, “Uma outra consideração é que dados sobre letramento devem ser relacionados com as características do contexto, para que sejam adequadamente interpretados” (2009, p.119).

Ainda sobre o contexto, é necessário pautar o retorno da pesquisa aos componentes do segmento estudado. Não se almeja conscientização ou melhora do grupo em questão e, sim, um enaltecimento e reconhecimento da raiz através de vídeos, textos e conversas.

---

<sup>49</sup> Alguns povos africanos concebem o griô como aqueles que contam as histórias através da oralidade e vão passando os conhecimentos para as futuras gerações.

Busco estudiosos que já iniciaram as investigações no campo dos novos estudos dos letramentos e da multimodalidade que contribuam para a produção científica, potencializando os estudos do letramento como Ana Lúcia Souza, Angela Kleiman, Magda Soares, Roxane Rojo, Brian Street, Gunther Kress, entre outros.

Por fim, Moita Lopes (2006) pontua a Linguística aplicada como ensaio para esperança e acredito também que a pesquisa precisa ser movida em direção à esperança e ao sonho de tempos e mundos melhores, como aponta Paulo Freire em “Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”<sup>50</sup> e assim sigo.

---

<sup>50</sup> <https://asprolf.org/paulo-freire-um-dos-pensadores-mais-relevantes-da-pedagogia-mundial-sua-obra-a-quem-assusta/>

### 3 HISTÓRIAS, PRÁTICAS E LETRAMENTOS DO CARNAVAL DAS ESCOLAS DE SAMBA

Este capítulo tem o intuito de apresentar a história do carnaval, do samba e os letramentos que habitam as escolas de samba.

Penso que as escolas de samba são comunidades de práticas (WENGER, 1999) onde os letramentos circulam em seus diversos grupos que são os segmentos: Harmonia, Bateria, Baianas, Alas da comunidade, Comissão de frente sendo a Velha Guarda, o segmento que será pesquisado nesse trabalho. Nesses grupos, habitam noções de pertencimento, territorialidade, poder, identidade, coletividade e união.

A partir desses princípios da visão coletiva, da luta contra injustiças, diversidade, acesso e poder, penso a potência das escolas de samba e seus inúmeros letramentos, portanto é preciso lutar para que as histórias sejam contadas e que as pessoas que são colocadas à margem falem e sejam vistas promovendo assim a justiça social.

O universo das escolas de samba manifesta diferentes discursos. Escrever sobre eles é pensar que as construções dos nossos saberes e conhecimentos, ou seja, letramentos estão intimamente ligadas à nossa comunidade onde moram os valores, tradições, crenças e práticas sociais.

Para entender melhor esse cenário, é preciso ter uma análise crítica diante de cada letramento apresentado (práticas sociais que envolvem um pronunciamento aos sambistas, um samba-enredo, um aviso aos componentes, entre outros...) e ter a noção de que textos não são neutros porque são socialmente construídos. Através disso, é importante frisar a existência do letramento crítico que abarca as seguintes perguntas diante de quem fala ou escreve.

Quem se beneficia e para quem essa posição ofertada é desvantajosa? Quem inclui? Quem exclui? Como essa situação, pessoa ou ação são construídas? Há outras possibilidades de caminhos de interpretar o que acontece? Quais as possíveis consequências sociais dessa visão de mundo? (JANKS, 2016, p.21)

Pensando essas perguntas, observa-se que reexistir através dos letramentos no ambiente carnavalesco promove a escuta e o fazer cotidiano de vozes subalternizadas e esquecidas. Isso tudo ocorre através da língua: sambas-enredo escritos por compositores e cantados pela comunidade e diversos segmentos, reuniões da Velha Guarda e Ala das Baianas, ensaios, entre outras práticas. Essas são algumas vozes que, unidas em um único propósito, fazem o carnaval acontecer.

As identidades aliadas aos discursos, práticas sociais, saberes e conhecimentos (letramentos) ocupam ou não posições de destaque. As identidades tidas como inferiores, geralmente, são aquelas colocadas à margem como já foi mencionado anteriormente enquanto o discurso hegemônico no carnaval ganha mais visibilidade porque promove o poder, a circulação do dinheiro e a espetacularização do desfile, porém é necessário visualizar que o universo das escolas de samba é plural e complexo, logo há muito o que ser contado e evidenciado.

É nesse espaço que entram os letramentos de reexistência porque, através deles, diversas práticas sociais que promovem a resistência e os aprendizados acontecem, sejam nas quadras, nos ensaios de rua, nas festas celebrativas, nos barracões, principalmente, em momentos cotidianos. Esta perspectiva apresenta uma nova forma de pensar os saberes e conhecimentos que não são escolares porque temos saberes e conhecimentos que não habitam o universo das escolas e colégios. Estes letramentos fazem parte da terceira geração em vista que a segunda geração que tem Brian Street como um dos seus grandes representantes foca mais na escrita como elemento principal.

É preciso explicar de modo sucinto o que são as gerações<sup>51</sup> de letramento mencionadas anteriormente. A primeira geração (Paulo Freire – Anos 60) chega quando se é criado um novo conhecimento, uma nova epistemologia e está voltada ao conhecimento de mundo, leitura da palavra. A partir disso, há questionamentos voltados à alfabetização e os aspectos socioculturais ganham maior relevância. Já, a segunda geração (Novos Estudos de Letramento – Anos 90) tem como James Gee e Brian Street os estudiosos mais representativos e criticam a versão autônoma e enxergam o letramento como prática social e a terceira geração (New London Group – Anos 2000) tem como foco os multiletramentos e as tecnologias digitais aliadas à novas aprendizagens a partir da visão dos autores Cope e Kalantzis. Sendo assim, as transformações sociais e culturais são enaltecidas por um olhar transdisciplinar.

De acordo com Souza,

Os letramentos de reexistências mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de usos da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (2011, p.36)

---

<sup>51</sup> Explicação baseada no artigo “Na infância, minha filha, nada de escola” das autoras Marcia Lisbôa e Vanessa Ribeiro disponível no site <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27484>

Temos o nome “escola” dentro da nomenclatura “escolas de samba” e ela é nomeada como uma cultura não escolarizada porque não pertence aos moldes tradicionais da escola formal. E se olhássemos de uma outra forma? E se pensarmos além da caixa “escolarizada x não escolarizada”? A escola de samba forma sambistas através dos seus ofícios de passistas, bateria, harmonia entre outros, logo, temos o aprendizado e o convívio comunitário.

Ter um novo jeito de pensar os letramentos é promover formas outras de existências, ou seja, reexistir através de práticas, letramentos e saberes. Sendo assim, é necessário um processo de descolonização ou de decolonialidade que promova a valorização, a resistência e o reconhecimento desses povos e grupos que sofrem variadas opressões, incluindo os grupos pertencentes às escolas de samba. Por isso, penso o letramento de reexistência como uma estratégia decolonial.

Retomo o pensamento da visão hegemônica que visualiza os sambistas como pessoas à margem para que se faça necessário o entendimento dos conceitos de colonialidade e decolonialidade. De acordo com Torres,

A colonialidade é diferente do colonialismo. Colonialismo denota uma política e relação econômica em que a soberania de uma nação ou de um povo repousa sobre a poder de outra nação, o que torna tal nação um império. Colonialidade, por outro lado, refere-se a padrões de poder de longa data que surgiram como resultado de colonialismo, mas que definem cultura, trabalho, relações intersubjetivas e produção de conhecimento muito além dos limites estritos da administração colonial. Assim, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ele é mantido vivo nos livros, nos critérios de desempenho acadêmico, nos padrões culturais, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações de si mesmo e em tantos outros aspectos de nossa experiência moderna. De certa forma, como sujeitos modernos respiramos colonialidade o tempo todo e todos os dias. (2007, p.131, tradução nossa)

Com isso, a colonialidade apresenta mecanismos de opressão que atravessam os dias, os meses, os anos, as gerações e os tempos alimentando hegemonias e os poderosos que dela fazem parte. A colonialidade habita “as dimensões do poder, do saber e do ser” segundo Mignolo (2010, p.12) perpetuando a Matriz Colonial do Poder.

Nesse momento, entra a decolonialidade, que, em minha pesquisa está no samba, no carnaval, na ginga e no corpo que se embala ao som dos tambores. São processos decoloniais que promovem a valorização, a resistência e o reconhecimento desses povos e grupos que sofrem variados silenciamentos. Para isso, é preciso entender o que é decolonialidade a partir das ideias de Oliveira; Candau, “decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. (2010, p. 24)”

A história das escolas de samba traz desde sua criação a vivência e existência das classes desfavorecidas financeiramente na cidade e no estado. Pessoas que reinventaram a sua



existência através do samba, do batuque, da coletividade e pertencimento desses espaços em estratégias decoloniais.

A decolonialidade espanta o trauma colonial citado por Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino no livro “Flecha no tempo”. Trauma este que

permanece nos ataques aos corpos marcados pelos traços da diferença, na edificação de um modelo de razão monológica e de um modo de linguagem que não comunica, pois tem ânsia de silenciamento. O trauma permanece da produção incessante de desigualdade que nutre os privilégios e prazeres de uma minoria. (2019, p.13)

Os letramentos escolares nascidos a partir dos currículos tradicionais são vistos como superiores, enquanto os letramentos que nascem nas comunidades (inclusive, nas agremiações), entre famílias, amigos e ambientes em que as pessoas circulam são deixados à margem, mas, para que se entenda o aprendizado e a identidade deles, é preciso mudar este olhar. De acordo com Street,

Se quisermos entender a natureza e os significados do letramento em nossas vidas, precisamos então de mais pesquisas focadas no letramento na comunidade – neste sentido mais amplo – e nas implicações ideológicas e não tanto educacionais das práticas comunicativas em que ele se insere. (2014, p.144)

Conforme o pensamento de Street, trago a continuidade das ideias de Simas e Rufino que apostam na vida em comunidade e na educação porque

há jogo para se fazer, volta ao mundo para se dar no terreiro. Cruzando nossas flechas e soprando o pó do bendizer, consagramos no chão nossas apostas para o fortalecimento da travessia. Assim, nossas flechas se lançam para os quadros cantos dessa casa chamada existência. Cada flecha atirada emana um poder de transformação e de mobilidade do tempo. São quatro setas disparadas em um único tiro: *Educação, Cura, Cotidianos e Criança*. (2019, p.13)

Sendo assim, através dos letramentos de reexistência e do ambiente das agremiações, é possível pensar um caminho que aponta para os saberes, conhecimentos e prática sociais, isto é, letramentos pertencentes às escolas de samba como modo de reconhecer a existência daqueles que a habitam, por exemplo, as práticas pertencentes ao ensaio de quadra marcam a existência dos componentes e dos saberes que eles aprendem e ensinam em uma via de mão dupla porque ali se configura uma forma de existência específica. A partir disso, escreverei sobre a história do samba e do carnaval das escolas de samba.

### 3.1 O carnaval, o samba e suas histórias

Escrever um subcapítulo sobre o samba e o carnaval é como transformar um caminho de ancestralidade (aqueles que vieram antes e nos servem como guia e orientação), melodia, luta e resistência em palavras que vão contribuir para que as narrativas não sejam esquecidas e possam receber a devida atenção porque ainda há muitas histórias que não foram contadas.

Um trecho do samba-enredo “História para ninar gente grande” da Estação Primeira de Mangueira de 2019<sup>52</sup> aponta para “a história que a história não conta” trazendo à tona a questão do apagamento, principalmente, em relação aos pertencentes dos grupos considerados minorias. Segundo Freire, “o rótulo ‘minorias’ falsifica a realidade se lembrarmos de que as assim chamadas minorias realmente constituem a maioria, ao passo que os opressores representam a ideologia dominante de uma pequena minoria.” (2014, p.95), por isso, se faz necessário entender que essas vozes oprimidas precisam falar para que não caminhemos cada vez mais em direção ao epistemicídio, isto é, a morte das culturas, dos conhecimentos.

Segundo Janks (2016), “As diferenças de identidade e poder afetam a decisão sobre quem tem o direito de falar e agir em diferentes situações. Elas também influenciam a escolha de quem é ouvido...”, portanto é preciso falar, escrever e romper com o que é dominante para que o apagamento não seja uma constante.

O carnaval e as escolas de samba cumprem esse papel (mesmo em face das suas complexidades em que o dominante e o que está margem caminham lado a lado) porque além de refletir a sociedade, atua como lugar de cura para aqueles que vivem as agremiações; de resistência porque atuam para a manutenção da memória, a criação das histórias, o respeito à pluralidade e à ancestralidade; de teoria e prática porque educam e promovem diversas epistemologias (aquilo que não deve ser apagado). Isso tudo acontece desde sua origem mesmo diante dos genocídios/epistemicídios da população africana e afrodiáspórica., ou seja, a morte dos conhecimentos de certas culturas e povos, tendo em vista que uma cultura se coloca em posição superior, através de dominações políticas, religiosas, sociais, culturais, entre outras.

Milhões de africanos morreram nos processos de captura, transporte e escravização nas Américas. Foi um genocídio em escala massiva. E, conforme os casos anteriores delineados, o epistemicídio foi inerente ao genocídio. Nas Américas, os africanos eram proibidos de pensar, rezar ou de praticar suas cosmologias, conhecimentos e

<sup>52</sup> Escute o samba-enredo em: [https://www.youtube.com/watch?v=Fbeto2Xqj\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=Fbeto2Xqj_I)

visão de mundo. Estavam submetidos a um regime de racismo epistêmico que proibia a produção autônoma de conhecimento. A inferioridade epistêmica foi um argumento crucial, utilizado para proclamar uma inferioridade social biológica, abaixo da linha da humanidade. A ideia racista preponderante no século XVI era a de “falta de inteligência” dos negros, expressa no século XX como “os negros apresentam mais baixo coeficiente de inteligência”. (GROSFUGUEL, 2016, p.40)

Para que o epistemícidio não faça morada nessas páginas, é preciso trazer o início. Antes de começar a escrever sobre o samba, caminharei por uma linha do tempo sobre o carnaval desde suas origens no mundo que envolve, segundo Hiram Araújo, “a celebração dos corpos celestes e depois, dos corpos sociais.” (2012, p.1).

A ritualística do tempo abraça o carnaval desde os princípios da era pagã em que podemos notar há seis mil anos, os cânticos e o culto aos deuses no Egito, principalmente a deusa Ísis e ao boi Ápis. Em seguida, a partir das mitologias gregas e romanas, há a celebração dos corpos e da festa como um grito contra a repressão através das orgias dionisíacas (Grécia) e bacanaís (Roma) lideradas por Dionísio/Baco, deus da transformação, da cultura e do vinho. Além dessas festas, temos as Saturnálias que eram “festas romanas em homenagem a Saturno, deus da agricultura, identificado como Cronos pelos gregos.” (ARAÚJO, 2012, p.3).

Traço todos esses momentos do carnaval porque existem relações desses tempos com a festa que temos hoje, por exemplo, alguns historiadores consideram “o rei das Saturnálias como o precursor do Rei-Momo do carnaval” (ARAÚJO, 2012, p. 3). Este é apenas um dos inúmeros casos que apontam a linha do tempo carnavalesca e suas influências que permanecem atualmente nas celebrações e no imaginário da população.

O carnaval teve força suficiente para atravessar a era cristã, o momento em que a Igreja Católica se fortaleceu, principalmente, na Europa. Mesmo com seu crescimento, o catolicismo não conseguiu retirar da mente das pessoas as festas e suas orgias. Para tentar melhorar esse cenário, surgiu o Concílio de Nicéia em 325 D.C que consistia em uma reunião dos bispos para traçar estratégias em relação ao carnaval marcado pelas festas greco-romanas. Passado o tempo, em 590 D.C, a data do carnaval foi consagrada a partir do Papa Gregório I, O Grande que “marcou, em definitivo, a data do carnaval no Calendário Eclesiástico, associando à Páscoa.” (ARAÚJO, 2012, p.4). A partir desse momento, o carnaval faz parte das datas cristãs, inclusive o nome “carnaval” tem relação com isso porque há um domingo que se pode comer carne após a quaresma gerando assim o título “dominica ad carne levandas” que culminou mais tarde a partir de abreviações no nome que temos hoje para marcar a celebração.

Com isso, temos um carnaval na Europa, principalmente em Roma, Veneza e outras regiões até chegar à festa da era contemporânea com influência maior ainda nos países colonizados, especialmente, aqueles em que a diáspora africana se fez presente. Logo, o carnaval ganhou mais força nesses lugares, principalmente, no Brasil e suas incontáveis manifestações carnavalescas, porém delimitarei aqui para esta pesquisa, o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, especialmente, o G.R.E.S Unidos do Viradouro.

Antes de chegarmos às agremiações, traçarei alguns apontamentos sobre outras manifestações que vieram antes e influenciaram, direta e indiretamente o carnaval carioca/fluminense das escolas de samba como o entrudo, o Carnaval Refinado Europeu, as Grandes Sociedades, o Zé Pereira, cordões, congadas, cucumbis, blocos e ranchos carnavalescos. De acordo com Luiz Antonio Simas e Fábio Fabato no livro “Para tudo começar na quinta-feira”,

Para que se entenda melhor a complexidade do negócio, basta ressaltar que as agremiações pioneiras se formam a partir de um verdadeiro sarapatel (olha ele aí!) de referências: os sons das macumbas e batuques cariocas; a tradição carnavalesca de ranchos, blocos e cordões (que, por sua vez, já traziam diluídas inúmeras outras informações em suas origens); e a herança festiva dos cortejos processionais, tais como os festejos da Senhora do Rosário, os ternos de Santos Reis, os afoxés vinculados aos candomblés e as procissões religiosas católicas. (2015, p.17)

A partir dessa citação, é notória a quantidade de influências que atravessam o carnaval das escolas de samba. Um dos seus pilares fundamentais é a religiosidade que desemboca em duas estradas que se cruzam no carnaval: as religiões de matriz africana e o catolicismo. Este último aliado aos festejos populares no Rio de Janeiro assim como em outras partes do Brasil traça uma herança do Brasil Colônia que tinha uma religião oficial imposta pelos colonizadores. Segundo Vinícius Natal, em seu livro “Cenografia Carioca – Carnaval e outros fragmentos”,

essa herança festiva de uma religiosidade católica e barroca, que trazia a mistura entre o sagrado e o profano, a importância do culto dos santos e a teatralização da religião, constituiria uma das bases para o desenvolvimento da cultura popular negra do Rio de Janeiro do século XX. (2021, p.26)

Isso pode ser visto nas procissões e festas católicas, por exemplo, a Festa da Penha que, segundo “O Dicionário da História Social do Samba” escrito por Nei Lopes e Luiz Antonio Simas era um “festejo popular tradicional, nos domingos de outubro, em louvor a Nossa Senhora da Penha de França, em sua igreja, no bairro carioca da Penha” (2019, p.131)

A festa era predominantemente portuguesa com fados e modinhas (gêneros musicais), ou seja, provenientes de uma herança tipicamente colonial, porém com a população negra e dos subúrbios em processo de crescimento, aconteceu a ocupação dos espaços. Com isso, o samba e o choro também ganharam popularidade por fazerem parte da cultura negra.

O samba passou a ser parte fundamental da festa da Penha. Todo esse crescimento do samba está intimamente ligado ao carnaval tanto que a celebração na Penha lançava as músicas para a festa carnavalesca como aponta o mesmo dicionário.

Para muito além dessa herança colonial religiosa, temos também tempos outros que desconhecem esse viés da imposição religiosa do colonizador e nos contam outras histórias em cantos, rezas e tambores. O tambor nos ensina e reforça códigos ancestrais porque de acordo com o livro “O corpo encantado das ruas”, “contam histórias, ampliam os horizontes da vida e têm gramáticas próprias, que muitas vezes expressam o que a palavra não alcança”. (SIMAS, 2020, p.29).

O samba do G.R.E.S Unidos do Viradouro de 2022<sup>53</sup> traz uma menção ao tambor que está intimamente associado às religiões de matriz africana e aos letramentos (saberes, práticas sociais e outros conhecimentos) que habitam os ritos religiosos em “Não perdi a fé, preciso te rever/ Fui ao terreiro, clamei: Obaluaê!/ Se afastou o mal que nos separou/ Já posso sonhar nas bênçãos do tambor...”, isto é, a fé e o axé caminham juntos do tambor e do batuque, momentos que a palavra escrita não se faz necessária e o que ecoam são os sentires e os movimentos.

No mesmo raciocínio, traço um paralelo com a citação dos autores Simas e Luiz Rufino sobre novas formas de aprender e ensinar fora dos moldes padronizados e tradicionais previstos pelas escolas que não são as de samba:

Como seria aprender História pelo ponto de vista dos Tupinambás? Como seria entender o Brasil pelas vozes obscurecidas que foram trazidas pelo enredo da Mangueira em 2019? As histórias que a História não conta cruzaram a Marquês de Sapucaí em uma experiência educativa de grande envergadura. (2019, p.55)

As escolas de samba em seus desfiles e, sobretudo, em seus ritos cotidianos trazem vozes, heranças e vivências afrodiáspóricas e indígenas porque estas são o pilar de sua fundação e construção. O Brasil dos encantamentos, do giro da porta-bandeira com seu pavilhão, do samba riscado do passista, das encruzilhadas, dos tambores e da força vital que o samba e o carnaval apresentam permanece aqui mesmo que tentem apagá-lo porque

---

<sup>53</sup> Escute e acompanhe a letra em <https://www.youtube.com/watch?v=VJapkXKwJtY>

escolas de samba e terreiros são, em larga medida, extensões de uma mesma coisa: instituições associativas de invenção, construção, dinamização e manutenção de identidades comunitárias, redefinidas no Brasil a partir da fragmentação que a diáspora negreira impôs. O tambor é a talvez a ponte mais sólida entre o terreiro e a avenida. (SIMAS, 2020, p.32)

Antes de mergulhar nessa grande jornada que é o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro,ISCO o chão como o giro da passista para voltar ao tempo e comentar sobre o que veio antes desta festa.

Ainda sobre heranças coloniais, temos o entrudo que veio de Portugal para o Brasil lá pelos anos de 1723. Muito se fala sobre a participação de todas as classes sociais no carnaval hoje em dia. Esta dita amistosidade entre as classes também era vista durante a prática do entrudo já que as pessoas escravizadas na época podiam fazer parte.

Um dos movimentos desse costume português tinha como intuito jogar água e detritos nas pessoas sem distinção das classes sociais aparentemente, mas era sabido o lugar imposto para cada um na sociedade. Era um hábito violento e, por isso, foi proibido algumas vezes como podemos ler em “Diversas proibições foram tentadas, mas o entrudo só foi enfraquecendo a partir da implantação do Carnaval Refinado Europeu” (ARAÚJO, 2012, p.21)

Roberto Da Matta (1997), em seu livro “Carnavais, malandros e heróis”, aborda a inversão de papéis das elites e das classes mais desfavorecidas no sentido da busca de mais harmonia entre as classes. A ruptura da ordem se dá de forma momentânea, mas até os dias de hoje, sabe-se que as estruturas de poder, as desigualdades e preconceitos permanecem, portanto, essa inversão de papéis ocorre de forma evasiva.

A Europa também teve sua influência no Carnaval Carioca a partir dos bailes de máscara. Segundo Araújo, o primeiro baile carnavalesco do Rio de Janeiro, considerado por alguns autores, ocorreu no dia 21 de fevereiro de 1846 em que “a atriz Clara Delmastro Eckerlin organizou, no Teatro São Januário, um baile de máscaras.” (2012, p.22). Não me preocupo em discutir primazias no universo do samba e do carnaval porque muitas histórias são apagadas e desconhecidas e, em alguns casos, o primeiro momento de algum evento pode ter acontecido e, até hoje, não termos informação sobre ele.

Nesse cenário europeu, entram em cena as Grandes Sociedades que estabelecem o surgimento das associações mais antigas como Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos com suas alegorias de luxo. Segundo Natal, “as grandes sociedades se expandiram significativamente, durante o século XIX e eram bastante apreciadas pela população no dia de carnaval” (2021, p.82). Além disso, elas desfilavam na terça-feira com suas alegorias,

fantasias e máscaras na rua, local de tensões e disputas, em que outras manifestações carnavalescas também ocorriam como Zé Pereiras e Cucumbis. O Congresso das Sumidades Carnavalescas foi o pontapé para que as Grandes Sociedades pudessem nascer.

O G.R.E.S Unidos do Viradouro em seu enredo de 2022 intitulado “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” traz as Grandes Sociedades que fazem parte do maior carnaval de todos os tempos (1919), que aconteceu depois da pandemia de gripe espanhola. A sinopse<sup>54</sup> escrita pelos carnavalescos Marcus Ferreira e Tarcísio Zannon traz alguns dados sobre as Grandes Sociedades como pode ser visto em “ensaio um canto a contemplar a concentração dos préstitos das grandes sociedades: a barca da Vitória, do clube dos Democráticos, a Hespanhola, do Tenentes do Diabo e o icônico chá da meia-noite, dos Fenianos” (2021).

De acordo com o autor Vinícius Natal, o Rio de Janeiro daquela época “agregava diversas manifestações carnavalescas” (2021, p.83) e é nesse espaço que escrevo também sobre Zé Pereira que foi originado a partir de “um português chamado José Nogueira de Azevedo Paredes saiu à rua, numa segunda-feira de carnaval, de calção, suspensório e um imenso bigode portando um bumbo conhecido...” (ARAÚJO, 2012, p.24). A partir disso, foliões começaram a desfilar nas ruas com roupas comuns e seus instrumentos caracterizando um carnaval mais popular. Hoje em dia, podemos observar um comportamento semelhante da população carnavalesca em blocos de rua.

É necessário mencionar as congadas e cucumbis, ambos de origem africana, que se organizavam como cordões carnavalescos protagonizados em sua maioria por pessoas negras. Existiam várias formas de cordões como “os Cordões dos Velhos, levando enormes máscaras de papelão, num caminhar dos idosos, e etc. Outros levavam à frente pessoas fantasiadas de índios, soprando chifres de bois e com penas pelo corpo.” (ARAÚJO, 2012, p. 25). Com o tempo, os cordões deram lugar aos Blocos Carnavalescos.

Estes existem até os dias atuais e surgiram, como foi mencionado anteriormente, após o enfraquecimento dos cordões. São de natureza diversa, mas assim que foram criados apresentavam formações mais fluidas como os blocos de rua ou mais rígidas como os blocos formados nas comunidades que eram blocos de samba ou de baianas. Segundo Araújo,

Os blocos de samba ou de baianas saíam organizados com uma linha de frente, pastoras, baianas de linha (formadas em sua maioria por homens, que tinham a função de defesa do bloco), mestre de canto, e bateria formada exclusivamente por

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://sinopsedosamba.com.br/sinopse-do-enredo-da-viradouro-2022/>

instrumentos de percussão. A música era diferente da dos ranchos carnavalescos e dos cordões. (2012, p.26)

Os blocos carnavalescos foram os ascendentes das escolas de samba como aponta Araújo, “em fins da década de 20, esses blocos transformar-se-iam em escolas de samba” (2012, p.26). O bloco Baianinhas de Oswaldo Cruz traçou essa relação com o G.R.E.S Portela e o Bloco dos Arengueiros com a Estação Primeira de Mangueira.

Também temos os ranchos carnavalescos que apresentavam uma relação com o folclore nordestino e fundamentos religiosos como o Rancho de Reis, “uma formação relativa às procissões de cunho religioso que os negros de cultura sudanesa (iorubás, gêges e fantiashanti), aportados na Bahia, professavam na época do Natal até o dia de Reis, 6 de janeiro...” (ARAÚJO, 2012, p. 27). Os ranchos eram organizações negras em sua estrutura e “aproveitaram a festa europeia do Carnaval para retomar, dos cordões, a tática de penetração coletiva (espacial, temporária) no território urbano e afirmar, através da música e da dança, um aspecto da identidade cultural negra.” (SODRÉ, 1998, p.36)

Algo a se destacar acerca de alguns ranchos é a presença da porta-bandeira e mestre-sala. Isto pode ser visto em Araújo, “estes sim, usavam porta-bandeira e mestre sala.” (2012, p.28) e é notório que, nas escolas de samba, temos o casal de mestre-sala e porta-bandeira apontando para mais uma influência de outras manifestações carnavalescas, especificamente, a que foi mencionada neste parágrafo.

Os ranchos, cordões e blocos merecem um destaque maior em relação às outras manifestações carnavalescas porque são aquelas que, de fato, antecedem as escolas de samba. Além disso, cordões e blocos persistem até hoje atuando no carnaval assim como as agremiações.

Ainda sobre os ranchos, há uma curiosidade no surgimento da palavra “escola” a partir dos ranchos-escola. Isto pode ser lido em Sodré, “o modelo mais típico é o famoso rancho-escola Ameno Resedá que, de 1940 a 1941, atuou no carnaval como uma espécie de ‘teatro lírico ambulante’: à música (com orquestra e coral), juntavam-se as criações plásticas realizadas por artistas conhecidos da época” (1998, p.36). Sodré afirma que as escolas de samba vieram dos ranchos-escolas a partir de 1923, “mantendo grande parte das antigas características (passeata, porta-bandeira, mestre-sala, orquestra, etc” (1998, p.37), porém, de acordo com outros documentos, a autoria da nomenclatura “escola de samba” é de Ismael Silva. De acordo com LOPES; SIMAS, “Inspirado na escola de formação de normalistas outrora existente no bairro do Estácio, Ismael teria dado a denominação de “escola de samba” à agremiação Deixa Falar.” (2019, p.116).



Ao longo desse texto até o momento, busquei apresentar como o carnaval das escolas de samba possuem influências de outras culturas, inclusive, de outras manifestações carnavalescas.

A partir desse momento, cruzo a linha de chegada da Marquês de Sapucaí para escrever exclusivamente sobre as escolas de samba. Como foi explicitado anteriormente, de acordo com Lopes; Simas, “as escolas de samba se formam a partir de um universo que engloba diversas referências: dos ranchos carnavalescos (antes, pastoris e natalinos); dos batuques, tanto profanos quanto religiosos; e da música popular da época.” (2019, p. 116)

Antes de começar a escrever especificamente sobre a fundação e funcionamento das escolas, preciso mencionar de forma mais detalhada que o carnaval para os sambistas das agremiações no Rio de Janeiro é vivido o ano inteiro porque temos um calendário a seguir até colocarmos o desfile na avenida.

Primeiramente, o enredo é lançado e a sinopse é apresentada. Os sambas são elaborados pelos compositores e ocorre a disputa para elegermos o samba campeão. Após isso, começam os ensaios para a comunidade e demais segmentos que consistem em uma preparação muito intensa para que o desfile seja executado da melhor forma de acordo com os critérios que fazem parte do regulamento do julgador. Enquanto isso, os profissionais que trabalham no barracão montam as alegorias e fantasias. Esse trabalho também é feito em ateliês. O caminho até chegar ao ensaio técnico e ao desfile oficial é longo e foi citado aqui porque há inúmeras camadas e engrenagens para serem comentadas.

O carnaval não se resume apenas ao desfile, há os inúmeros momentos de preparação e conagração (feijoadas, bailes, saídas para visitar outras agremiações, entre outros) daqueles que habitam, vivem e amam sua agremiação. Ainda temos aqueles que desfilam em diversas agremiações seja pelo amor à festa e os que trabalham para garantir o seu funcionamento. Os trabalhadores são o pilar para que a festa possa acontecer da melhor maneira possível.

Quando o desfile das campeãs termina, as escolas já estão se organizando novamente para o carnaval do próximo ano. Conforme Araújo aponta,

Enganam-se as pessoas que pensam que as Escolas de Samba surgem do nada. Uma série de procedimentos tem início tão logo que termina o carnaval. Primeiramente, as diretorias das Escolas se reúnem para escolher o carnavalesco ou a comissão de carnaval que irá definir o enredo. (2012, p.50)

Além do carnavalesco, é chegada a hora de arrumar a casa caso algo tenha dado errado no desfile anterior, portanto a equipe (presidente, vice-presidente, diretor de carnaval, diretor geral de Harmonia, mestre de bateria, entre outros cargos) pode sofrer alterações.

Cada escola produz o seu calendário com autonomia, porém de acordo com o calendário oficial da LIESA (Liga Independentes das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) porque “desde que a responsabilidade artística dos desfiles passou a ser da LIESA, as Escolas de Samba seguem um cronograma de dias e horários que são obedecidos rigorosamente e são penalizadas as que não cumprirem.” (ARAÚJO, 2012, p.50)

Segundo o Dicionário da História Social do Samba, as escolas de samba são uma “espécie de sociedade musical e recreativa que participa dos desfiles de carnaval, cantando e dançando a modalidade de samba tipificada como samba de enredo, apoiada por cenografia” (LOPES; SIMAS, 2019, p.116). Essa é uma definição que traz alguns pontos que podemos explorar por aqui: a música, ou seja, o samba-enredo e os batuques, a recreação, os desfiles e a cenografia, mas é necessário pontuar que não há definição que contemple a vivência dia após dia do que são as escolas de samba. Há muito a ser dito e revelado para aqueles que desconhecem as agremiações e seus letramentos.

As escolas de samba do Rio de Janeiro são organizações comunitárias que envolvem toda uma noção de pertencimento, territorialização e sociabilidade. Formada por pessoas que estavam ali com a função de confraternizar, mas também educar e utilizar a sua arte e ancestralidade como tática para sobreviver e resistir no mundo. Não é à toa que são chamadas de escolas de samba porque tinham/têm a função de formar sambistas cada qual em seu segmento aprendendo e vivendo os fundamentos que habitam estes espaços.

Sendo assim, começo a traçar a relação entre as escolas de samba com o conceito “Comunidade de prática” (WENGER, 1999) que apresenta inúmeros elementos. Um deles é “participation”, ou seja, a participação que tem uma relação com o “ser/fazer parte” sendo um componente, integrante, vivendo naquele mundo e interagindo ativamente tanto individualmente como em grupo, partilhando experiências e conhecimentos. Na escola de samba, a dimensão do coletivo se faz presente, logo, o conceito de Comunidade de Prática parece estar de acordo com a vivência nas agremiações. Em breve, detalharei mais esse conceito através dos letramentos que fazem parte das escolas de samba e do segmento Velha Guarda.

Pensar o carnaval, o samba e, conseqüentemente, as escolas de samba é pensar a sociedade, principalmente aquela que vive no Rio de Janeiro desde o início do século XX, tendo a Praça XI como o berço do nascimento do samba, passando por Estácio de Sá e

Oswaldo Cruz, pequenas Áfricas ao longo da cidade que respiravam cultura e resistência até os dias atuais com a figura do Sambódromo que transmite “o maior espetáculo da Terra” e as quadras de escola de samba situadas em diversos locais da cidade e do estado. Conforme, Simas pontua, “uma pista para se pensar o Rio é atentar para a relação, aparentemente paradoxal, entre as elites cariocas, o poder público e os pobres da cidade.” (2020, p.12). Sabe-se que, no carnaval, essas relações acontecem e podem ser analisadas através dos seus diversos atravessamentos. Muitos deles ressignificam a existência das pessoas de classe mais baixa na cidade.

Coloquemos ainda, nesse caldeirão carioca, aqueles que, sobrevivendo, ousaram inventar a vida na fresta, dando o nó no rabo da cascavel e produzindo cultura onde só deveria existir o esforço braçal e a morte silenciosa: capoeiristas, malandros, sambistas, chorões, vendedoras de comida de rua, mães de santo, devotos da Senhora da Penha, centenas de Zés devotos de seu Zé Pelintra, minhotos pobres, alentejanos atrás dos balcões de botequins vagabundos, polacas, marujos, jongueiras, funkeiros, festeiras e quizumbeiros de todos os matizes e lugares. (SIMAS, 2020, p.13)

É impossível falar de samba sem falar sobre Zé Pilintra e a malandragem, como podemos ver em “A ciência encantada das macumbas” de Simas e Rufino, os quais afirmam que “Seu Zé Pelintra, figura de respeito e destaque na malandragem carioca, é mestre de uma ciência encantada...” (2018, p.83) e através desses encantamentos, podemos sentir a ginga que também está presente no samba. O malandro atua nas frestas, na resistência porque

O malandro, afinal, é um personagem que transita, cruza e se adapta. O que fica para nós como aprendizado é que a escrita da malandragem deve ser lida em viés, nos cruzos e frestas. Afinal, os versos já dizem, o malandro pode fazer morada tanto no Juremá, quanto no casebre erguido no alto do morro. A máxima da malandragem é a ginga sincopada, onde se coloca um pé se tira o outro, troca-se a mão pelo pé e o pé pela mão. (2018, p.82)

Seu Zé Pilintra e todos os malandros também estão no samba e, conseqüentemente, nas escolas de samba, como podemos ouvir no samba-enredo do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro em 2016<sup>55</sup>, “Num palco, sob as estrelas / De linho branco vou me apresentar /Malandro descendo a ladeira, ê, Zé /Da ginga e do bicolor no pé/ Pra se viver do amor, pelas calçadas/ Um mestre-sala das madrugada”<sup>56</sup> e é nessa gingas que seu Zé, no fio da navalha, esquiva-se do que faz mal e segue pelos botequins, rodas de samba, bares e quadras das escolas de samba. Nessas andanças, os sapatos bicolores calçam os pés dos baluartes, dos sambistas mais antigos da nossa agremiação.

<sup>55</sup> Escute o samba-enredo em: <https://www.youtube.com/watch?v=1n8RFptVNA4>

<sup>56</sup> Fonte: <https://www.letras.mus.br/salgueiro-rj/samba-enredo-2016-a-opera-dos-malandros/>

Os sambistas, parte dessa força-motriz que movimentava a cidade, formaram associações comunitárias e as denominaram escolas de samba. Elas trazem em sua origem a história de uma resistência e ancestralidade que se funde às vivências de pessoas negras conhecidas ou não, incluindo as lideranças populares como Tia Ciata, Ismael Silva, Cartola, Tia Dodô, Dona Ivone Lara, Paulo da Portela, entre outros. Elas fazem parte do patrimônio cultural do samba. Trazer a memória e a vida dessas pessoas é uma forma de contar a história não contada de toda uma época, por isso se faz necessário pesquisar e documentar as narrativas apresentadas pelos sambistas mais antigos chamados de baluartes, incluindo a Velha Guarda e as Baianas das agremiações.

É importante reforçar que os sambistas (sim, aqueles lá do início, da fundação das escolas) também eram trabalhadores que atuavam na base da sociedade como aqueles que trabalhavam em portos, em construções e alguns como funcionários públicos. Hoje, esse cenário mudou, mas se olharmos as alas de comunidade, é possível observar a pluralidade das profissões que os brincantes desempenham.

Além disso, os sambas-enredo cantam saberes ancestrais e no desfile podemos ter uma ideia visual das narrativas centrais do enredo e de narrativas outras que se encontram nas brechas e frestas da festa. O carnaval carrega em si a junção do ancestral com o contemporâneo em um encontro de narrativas, histórias, memórias, tecnologias e letramentos.

Quando escrevo sobre samba-enredo, preciso trazer a história do samba que caminha lado a lado com o carnaval das escolas. Samba, herança da cultura negra, ora marginalizado, ora nas rádios, tem a forma de várias modalidades, uma hora está em roda, outra hora nas quadras, ensaios e desfiles da escola de samba. De acordo com Muniz Sodré no livro “Samba: o dono do corpo”, “os diversos tipos de samba (samba de terreiro, samba duro, partido-alto, samba cantado, samba de salão e outros) são perpassados por um mesmo sistema genealógico e semiótico: a cultura negra.” (1998, p.35)

O samba foi marginalizado desde o seu fundamento, pois ele era um convite à ginga, ao bailado do povo negro, corpos que eram escravizados, violentados e reprimidos são aqueles que o samba convida a dançar, convida a trazerem em sua dança códigos ancestrais de luta promovendo identidades plurais que são atravessadas e baseadas na diáspora africana. Muniz Sodré disserta que

nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano. (1998, p. 12)

Como foi dito, o samba e o carnaval se misturavam à religiosidade. Anteriormente, comentei sobre as heranças coloniais do cristianismo, porém agora volto o olhar para as religiões de matriz africana tendo em vista que viver em comunidade assim como viviam as pessoas negras nos subúrbios e na região da Pequena África, é vivenciar as práticas culturais de uma forma coletiva, portanto, assim como o samba, a religião estava e está bastante presente.

Na região da Lapa e da Cidade Nova, “famosos chefes de cultos (ialorixás, babalorixás, babalaôs), conhecidos como tios e tias, promoviam encontros de dança (samba), à parte dos rituais religiosos (candomblés).” (SODRÉ, 1998, p.16). Ali também percebemos a influência dos batuques e dos tambores. As mãos que batiam nos tambores traziam consigo conhecimentos e comunicações que atingiam novas gramáticas forjadas no cotidiano e aprendizado, a partir das óticas da ancestralidade, do encanto, da ginga e das negociações estratégicas para poderem continuar vivas no encontro com os tambores.

Segundo Simas, “não custa recordar que o discurso do samba, e de toda a múltipla musicalidade oriunda da diáspora africana, também está no fundamento do tambor, que fala daquilo que nossas gramáticas não nos preparam para ler.” (2020, p.114)

Tia Ciata era uma daquelas que fazia o samba e o axé persistirem naqueles tempos, sobretudo, em sua casa simbolizando assim

toda a estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro em seguida à Abolição. A habitação – segundo depoimentos de seus velhos frequentadores- tinha seis cômodos, um corredor e um terreiro (quintal). Na sala de visitas, realizavam-se bailes (polcas, lundus, etc); na parte dos fundos, samba de partido-alto ou samba-raiado; no terreiro, batucada. (SODRÉ, 1998, p.15)

Essa configuração espacial dos cômodos já demonstra as táticas e astúcias presentes nas negociações de um bom convívio com toda a sociedade. Quando a sala de visitas é ocupada pela polca e o lundu, gêneros musicais mais aceitos pelas pessoas daquela época, principalmente, por pessoas de poder aquisitivo maior, posso ver a habilidade da Tia Ciata na manutenção dos contatos possíveis para assegurar aquele ambiente de forma inteligente e resistente porque, muitas vezes, a resistência é como uma flecha atirada pelo caboclo, ou seja, movimentada para trás para atirar de forma certa em direção aos seus objetivos. Através da polca, o samba se disfarçava para facilitar o contato com as pessoas brancas que se concretizava por meio de negociações.

O samba de partido-alto ou raiado ficavam na parte dos fundos, longe dos olhos da polícia e a batucada onde estava o sagrado e os elementos religiosos habitava os terreiros, ou

seja, as pessoas negras através dos biombos praticavam seus ritos e danças longe do olhar da polícia. Sendo assim, o samba “não era, portanto, mera expressão musical de um grupo social marginalizado, mas um instrumento efetivo de luta para a afirmação da etnia negra no quadro da vida urbana brasileira.” (SODRÉ, 1998, p.16).

Além de ser símbolo de luta, o samba propiciava os afetos, o conagraçamento e encontros sendo o reduto das pessoas negras, principalmente aquelas que viviam na área da Praça Onze e da Saúde como os baianos e baianas. Em relação aos afetos e encontros, posso dizer que a casa da Tia Ciata também era uma comunidade de prática porque tinha sentido em sua existência, as experiências eram partilhadas com participação, engajamento mútuo, ação e interação.

Outro elemento que deve ser comentado é a negociação que se fazia muito presente a partir da configuração dos espaços em que ficavam o samba de partido-alto e a batucada tendo em vista que as pessoas podiam praticar sua arte e seu rito longe da polícia. A parte da negociação e a astúcia para viver no mundo já configurava a casa da Tia Ciata como uma comunidade de prática (WENGER, 1999). Como já foi escrito anteriormente, este conceito será detalhado no próximo capítulo.

Ainda sobre a casa da Tia Ciata, foi naquele espaço que a canção “Pelo telefone”<sup>57</sup> foi lançada. A partir desse ponto, a era do samba na rádio se anuncia auxiliando o mercado fonográfico e a possibilidade do sambista (Donga, Sinhô, Pixinguinha, Heitor dos Prazeres, entre outros) ascender socialmente por meio de sua arte. Não só a casa da Tia Ciata era um espaço de aquilombamento e sim, toda a Praça Onze que, “segundo Heitor dos Prazeres, [...] era uma África em miniatura” (SODRÉ,1998, p. 16). Ali, concentravam-se a maioria dos blocos, cordões carnavalescos e rodas de samba (nos subúrbios também) e temos assim a intersecção entre o samba, o carnaval e as populações dos morros da Mangueira, Favela e Estácio.

O território também marca a existência dos corpos que gingam na arte de aprender a ser sambista seja na Pequena África, nos subúrbios, comunidades e periferias. A partir da reforma Pereira Passos (1902-1906) que buscava mudar a arquitetura da capital transformando a cidade do Rio através de uma perspectiva parisiense, o lugar daqueles que faziam a festa foi alterado porque eles foram segregados e enviados para as periferias de maneira desordenada. Sendo assim, as pessoas mais pobres foram para os subúrbios, morros e

---

<sup>57</sup> Momento em que Donga recebe um prêmio pela canção “Pelo telefone”. Além disso, também é possível ouvir a canção: [https://www.youtube.com/watch?v=X99\\_DMZHPNg](https://www.youtube.com/watch?v=X99_DMZHPNg)

zona portuária. Com isso, o carnaval que possuía uma tendência europeia começou a enfraquecer.

A partir desse declínio do carnaval europeu, organizações carnavalescas nutridas financeiramente pelos Livros de Ouro (livros em que pessoas doavam quantias para as escolas de samba) e grupos de pessoas que montavam suas fantasias ou pagavam, começaram a crescer e alcançar uma importância. Sim, são elas, as escolas de samba.

É possível perceber o entrelaçamento do samba e do carnaval quando escrevo sobre as agremiações. É assim que em 1923, surge a G.R.E.S Portela e em 1928, surge a escola de samba “Deixa Falar” criada por Ismael Silva e a Estação Primeira de Mangueira também em 1928. Muitas escolas surgiram ao longo das décadas, inclusive, a G.R.E.S Unidos do Viradouro em 24 de junho de 1946. Por alguns, a “Deixa Falar” é considerada a primeira escola de samba do Rio de Janeiro. Como disse anteriormente, as discussões sobre primazia no universo do samba apresentam certa complexidade e esta não seria diferente porque de acordo com Lopes; Simas, a agremiação em questão

Geralmente considerada a primeira agremiação carnavalesca do gênero escola de samba tem, entretanto, contra essa alegada primazia, a fundação do núcleo que originou a Portela, em abril de 1923, no subúrbio de Oswaldo Cruz, e os relatos de que teria sido, a rigor, um rancho carnavalesco.

Logo, em relação à data de fundação das primeiras escolas de samba, cito as décadas de 1920 e 1930 frisando o propósito de sociabilidade que é o pilar do processo fundador das escolas e lembrando que não demorou muito para que elas competissem entre si. Em 20 de janeiro de 1929, temos um exemplo disso: “o concurso foi organizado pelo sambista e pai de santo Zé Espinguela” (LOPES; SIMAS, 2019, p.117). De acordo com os mesmos autores, o concurso não é visto como o primeiro entre as agremiações porque não houve desfile carnavalesco.

Os saberes que habitam as frestas apontam uma verdadeira mistura de referências: temos o dia de São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro que é associado através do sincretismo na Umbanda com o orixá Oxóssi, as escolas de samba em seu processo de formação e busca de identidades, o samba (elemento principal da disputa deste concurso) e a musicalidade formando um verdadeiro cenário característico das escolas de samba em construção. Aliás, a cidade do Rio de Janeiro é o local em que as escolas de samba nasceram, terra protegida por Oxóssi e São Sebastião. Cidade esta que é cheia de complexidades, os ricos tentaram moldá-la como uma capital parisiense, mas o que grita pelas frestas é a busca

pela liberdade dos escravizados, os grilhões se rompem e gingam de acordo com as batidas das baterias das escolas de samba.

É importante pontuar que, segundo Araújo,

as primeiras escolas de samba eram pequenos agrupamentos de sambistas, reunindo 70 a 100 pessoas e que apresentavam uma estrutura bem simples, mais ou menos assim: 1-Pede passagem (abre-alas); 2- Comissão de Frente (linha de frente), 3- Mestre-sala e Porta-bandeira, 4 – Puxadores e Versadores, 5- Caramanchão, 6- Coro, 7- Bateria, 8- Baianas de linhas. (2012, p.47)

Alguns elementos dessa estrutura sofreram alterações deixando de existir em seu formato inicial e, em outros casos, outros foram adicionados. Isto se deve ao processo de formação das identidades e estruturas que as escolas de samba passaram na década de 1930. Neste momento, algumas marcas foram estabelecidas como

A Portela introduziu nos desfiles, a comissão de frente uniformizada; fez o primeiro esboço de alegoria e criou o primeiro samba de enredo. A Deixa Falar inventou o surdo e o tamborim. A Mangueira introduziu na bateria o pandeiro oitavado. A Vizinha Faladeira colocou cavalos e limusine na comissão de frente; introduziu no desfile a ala de damas com sombrinhas, colocou lampiões de luz a carbureto para iluminar a escola. (ARAÚJO, 2012, p. 48)

Nas duas décadas seguintes, as escolas continuavam montando suas estruturas. Além disso, muitas escolas foram criadas nesse período como o G.R.E.S Unidos do Viradouro em 1946. É necessário reforçar que

Nas décadas de 40/50, as Escolas de Samba completaram o ciclo de formação e constituíram a sua espinha dorsal básica composta pelo enredo, samba enredo, alegorias e fantasias. Esses arcabouços deram identidade própria às Escolas de Samba, já sendo possível diferenciá-las das Grandes Sociedades, Ranchos e Blocos. A partir dessa ocasião, já é possível perceber a diferenciação da bateria das Escolas de Samba, cada qual com seu ritmo individual, com marcações de surdo peculiares e convenções de tamborins inovadoras. (ARAÚJO, 2012, p. 48)

A bateria está ligada aos batuques e suas particularidades, e é “uma verdadeira orquestra formada exclusivamente por instrumentos de percussão, que sustenta com sua marcação a cadência indispensável ao desenvolvimento do canto e movimentos coreográficos” (ARAÚJO, 2012, p.74). Para isso, é preciso seguir a linha do tempo de 1923 para cá e mencionar que às vésperas do carnaval de 1932 (ano em que a Deixa Falar se tornou rancho carnavalesco), “o noticiário da imprensa [...] chamava atenção para das baterias das escolas com destaque para as sonoridades da cuíca e da “caixa-surda” (LOPES; SIMAS, 2019, p.34).



A bateria é um segmento fundamental nas escolas de samba desde os tempos originários. Pode-se destacar, inicialmente, as fabricações caseiras dos instrumentos que estavam intimamente ligadas ao nível de condições financeiras dos sambistas em geral, além da atuação do compositor Bide que “possivelmente, introduziu no samba o surdo de tarraxas, de confecção industrial, uma vez que os de fabricação caseira eram tensionados, esticados pelo calor de fogo.” (LOPES; SIMAS, 2019, p.34). Algo que deve ser destacado também é a proibição de instrumentos de sopro que se deu a partir do carnaval de 1935.

A bateria assim como o samba-enredo são fundamentais para as escolas de samba e, por isso, receberão uma atenção especial na seção seguinte em que apresento também a relação deles com os letramentos.

Não só os sambas-enredo e as baterias mudaram de acordo com o tempo, os desfiles também. Tudo isso tem relação com as mudanças vividas pelas agremiações.

Inicialmente, as escolas de samba eram frequentadas por sambistas que viviam naquele território, ou seja, os seus fundadores e aqueles que fazem daquele espaço, um local de sociabilidade e pertencimento. Então, havia uma questão geográfica em relação àqueles que frequentavam as escolas de samba, ou seja, a comunidade que frequentava os ensaios e, conseqüentemente, movimentava a escola viviam na comunidade e arredores. Esse fundamento segue vivo nos dias de hoje, tanto que temos as alas intituladas “alas da comunidade”, porém a partir dos anos 1970, as escolas foram ganhando mais visibilidade e a classe média começou a frequentar os ensaios e muitos deles se filiavam a alguma ala e passavam a fazer parte daquela agremiação.

Além de desfilantes que vinham de fora da comunidade, as escolas passaram a ter maior alcance para artistas, celebridades e pessoas que trabalham com mídias impressas e televisivas.

As escolas de samba atingiram um campo de visibilidade diferente do que tinham antes, principalmente, quando os desfiles começaram a ser televisionados porque, de certa forma, o público que assiste aos desfiles em suas casas, sente-se parte daquela grande engrenagem que move o carnaval. Segundo Leopoldi em seu livro “Escola de samba, Ritual e Sociedade”,

a importância que o desfile das escolas de samba conquistou, passando a ser o símbolo mais conhecido do carnaval, fez da sua exibição nas telas da televisão um programa obrigatório de quem não participa dele ou não vai assistir a ele no local oficial de exibição – o Sambódromo. (2010, p.12)

A grande questão é que há uma diferença entre aqueles que vivem as escolas de samba e os que não, pois, os últimos, geralmente, desconhecem todo o processo de preparação além de não estar vivendo o ambiente das escolas cotidianamente. Com isso, os telespectadores podem desenvolver uma visão reducionista e simplista do que são as agremiações, limitando-as ao desfile que consiste na culminância de um ano de trabalho.

Os afetos, as dimensões políticas-cotidianas, os modos de viver e celebrar, as feijoadas, cozidos, saídas (visitas<sup>58</sup> a outras agremiações), as confraternizações das alas, dos segmentos não são veiculadas na mídia como os desfiles, portanto, os telespectadores não acompanham esse processo. Logo, compartilho o pensamento do Simas de que “tirar de uma escola de samba seu potencial disparador de pluralidades culturais é estratégico para o processo de domesticação dos corpos e mentes cariocas.” (2020, p.98)

O desfile é um elemento definidor das escolas de samba. Nele, podemos destacar e observar a culminância de um trabalho. Isso inclui a apresentação da Velha Guarda e das Baianas (segmentos que evocam a tradição e a raiz), evolução dos componentes da comunidade e demais segmentos, a Harmonia, a porta-bandeira e o mestre-sala, a cenografia (incluindo alegorias, adereços e fantasias), a bateria, o desenvolvimento do enredo que representa o poder da narrativa que será contada na Sapucaí, o samba-enredo cantado pelo intérprete e seu carro de som assim como toda a comunidade que ama e respeita o seu pavilhão e a espetacularização que está intimamente ligada aos altos custos da festa. Então, se faz necessário comentar sobre o lado empresarial que as escolas de samba apresentam logicamente sem tirar o seu valor político, social e cultural que segue sendo as suas maiores referências porque elas são organismos vivos carregados de tradições, fundamentos e saberes.

O carnaval das escolas de samba movimenta um mercado financeiro, logo ele também é uma empresa em que a LIESA, a partir de 1984, é responsável pelos seus desfiles e eventos oficiais, porém a participação do Poder Público teve início em 1935 quando o carnaval carioca foi oficializado, “isto é, é o Poder Público tornou-se “empresário” de um novo mercado que passou a existir oficialmente a Empresa Carnaval.” (ARAÚJO, 2012, p.30)

Ainda sobre contribuições financeiras, temos os patronos, isto é, algumas escolas tinham seus protetores que participavam de sua organização, principalmente, em relação à economia, mas também em relação à estrutura. Esse movimento cresceu a partir da década de 70 e atualmente, segundo Leopoldi, “algumas ainda aceitam a patronagem de bicheiros, que,

---

<sup>58</sup> Uma das importantes tradições da vida social das escolas de samba eram as visitas a coirmãs, também referidas em algumas fontes como “embaixadas”. [...] Em seu terreiro, o pessoal do Salgueiro esperava a visita também cantando, animadamente, ao som da bateria. Seu casal de mestre-sala e porta-bandeira recebia na entrada o casal principal dos visitantes. (LOPES; SIMAS, 2019, p.300)

apesar de terem perdido um pouco a força há alguns anos, com a sua elevada contribuição econômica mantêm fortalecido o caixa da escola e o status de benfeitores da agremiação” (2010, p.14)

A localização dos desfiles também mudou de acordo com o tempo. De acordo com Araújo (2012, p.31-35), em 1932, as agremiações deram início às suas apresentações na Praça XI. Já, em 1952, foram para o “Tablado” da Avenida Presidente Vargas e, em 1957, passaram a desfilar na Avenida Rio Branco. A partir de 1963, o palco dos desfiles foi a Candelária e só foi mudar novamente em 1974/1975 (Av. Antonio Carlos, Beira Mar, Praça Quinze); 1976-1977 (Av. Presidente Vargas no Manguê). A tão famosa Marquês de Sapucaí começa a ser o lugar dos desfiles a partir de 1978 e o Sambódromo (Passarela Professor Darcy Ribeiro) a partir de 1984 até o momento atual.

O ano de 1984 trouxe símbolos marcantes de fundação no que diz respeito a organização da festa atual levando, de fato, à espetacularização e a uma maior formalização dos desfiles para a produção do maior espetáculo da Terra porque “chegamos ao Sambódromo e à fundação da Liesa” (ARAÚJO, 2012, p.34)

A espetacularização dos desfiles tem uma grande relação com os gastos financeiros das escolas em várias situações, sobretudo, em relação às “fantasias de alas que recebem gratuitamente a vestimenta para se apresentarem no desfile” (LEOPOLDI, 2010, p.14) e à “construção e decoração dos carros alegóricos, que se tornaram os grandes elementos de destaque nos desfiles carnavalescos, não só pelo desmesurado tamanho que adquiriram, mas também pela criatividade e beleza que os envolve.”(LEOPOLDI, 2010, p.14)

Além disso se faz necessário comentar sobre o momento em que os desfiles passaram a ser televisionados. De acordo com Leopoldi,

A importância que o desfile das escolas de samba conquistou, passando a ser o símbolo mais conhecido do carnaval, fez da sua exibição nas telas da televisão um programa obrigatório de quem não participa dele ou não vai assistir a ele no local oficial de exibição – o Sambódromo. (2010, p.13)

Outro aspecto que precisa ser destacado é a formalização dos desfiles tendo em vista que o campeonato é decidido por décimos nos quesitos do julgamento. Conforme aponta Leopoldi “participar do desfile é ‘coisa séria’, uma vez que o desfile é focalizado quase que exclusivamente no objetivo maior de vencer a competição.” (2010, p.21)

Com isso, a espontaneidade durante o desfile perde o seu posto e dá lugar a uma rigidez nas técnicas para que a escola possa, de fato, participar da disputa e a folia desmedida fica em segundo plano. Saliento que a folia e a felicidade do componente permanecem, mas

ele aprende algumas regras para que o desfile possa caminhar na dimensão da perfeição. Esta busca constante pelo aperfeiçoamento tem total relação com a disputa que foi sofrendo mudanças ao longo dos tempos, ou seja, a dimensão da disciplina se faz cada vez mais presente durante os desfiles e é cobrada nos ensaios. Penso da mesma forma que Leopoldi em

os sambistas atuais se divertem tanto quando os do passado, ou seja, não estamos querendo dizer que “antigamente era melhor”; apenas mostramos como os contextos se diferenciaram, e isto aconteceu porque a estrutura das escolas de samba teve de se amoldar às novidades que emergiram nestas últimas décadas, modificando sobremaneira “o modo de desfilar”. (2010, p.18-19)

Simas em “O corpo encantado das ruas” (2020, p.105-107) aponta para a presença de Exu (orixá da comunicação, mensageiro, atua na abertura de caminhos) nas ruas, principalmente, durante o carnaval e traça um paralelo das dimensões oxalufânicas que envolvem o método e a ordem tendo uma estreita relação com os desfiles atualmente e as dimensões exusíacas que são parte do movimento da folia e não seria diferente também na avenida porque “Carnaval, como diria o Zé Pereira, é vida na rua.” (2020, p.107). Então, é possível refletir que nas complexidades presentes na escola de samba, temos a folia e a ordem caminhando lado a lado.

Após essa contextualização histórica sobre as escolas de samba, cruzam a linha do início do desfile, o G.R.E.S Unidos do Viradouro e o segmento Velha Guarda. Já posso escutar a sirene que autoriza o relógio disparar assim como o meu coração para falar da escola que vivo e pesquiso e do segmento que reverencio e respeito.

#### 4 A ESCOLA DE SAMBA COMO COMUNIDADE DE PRÁTICA

As escolas de samba carregam em si a identidade, o pertencimento, a territorialização e o valor comunitário pois é formada a partir de propósitos recreativos, de conagração daqueles que habitam um mesmo território através do samba e o do carnaval, portanto, é possível visualizar a escola de samba como uma comunidade de prática segundo os conceitos de Jean Lave e Etienne Wenger (1999)

Segundo Eckert; Ginet em “Comunidade de Prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder”, as linguagens não se separam das práticas sociais das comunidades (2010, p. 95). Fazer esse isolamento implica a perda do sentido do conceito “comunidade de prática” em que essa atuação é conjunta, assim como nos letramentos. Em analogia às escolas de samba, percebo o quanto os gêneros, as linguagens e os letramentos circulam, além de cada segmento (Velha Guarda, Baianas, Bateria, Comunidade, entre outros) constituir uma comunidade de prática dentro de uma comunidade maior (a agremiação). Afinal, o que é uma comunidade de prática?

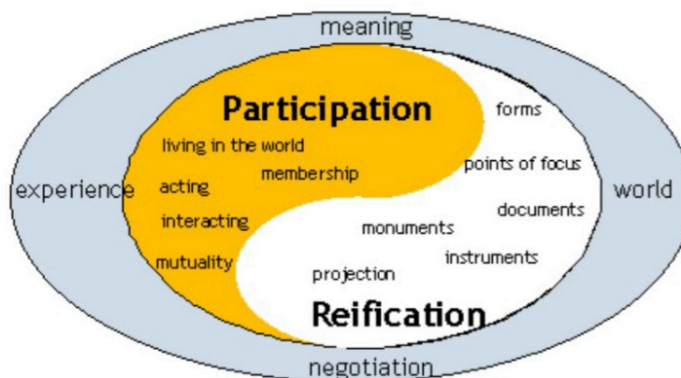
Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder - em resumo, práticas - emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. Como construto social, uma comunidade de prática é diferente da noção tradicional de comunidade, sobretudo porque é definida simultaneamente pelos seus participantes e pela prática na qual eles se engajam. Na verdade, são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros nessas práticas que estruturaram socialmente a comunidade. (ECKERT-GINET, 2010, p.102)

Além do conceito, a imagem<sup>59</sup> a seguir vai facilitar o entendimento do que são as comunidades de prática.

---

<sup>59</sup> Lave, J., & Wenger, E. (1998). Communities of practice: Learning, meaning, and identity.

Figura 26 - Quadro – Comunidade de prática



60

Este gráfico apresenta elementos que constituem as comunidades de prática. Nele, temos um conjunto maior, que apresenta as palavras mundo, experiência, sentido e negociação. Esses são os pilares essenciais que constituem as comunidades de prática assim como a participação e a reificação. É possível observar que viver no mundo, em um determinado espaço, com um grupo de que se é membro, significa interagir, participar e construir o engajamento mútuo. Isto é a participação. A partir desses elementos, temos uma comunidade de prática e isto pode ser observado de forma mais concreta através da reificação (documentos, monumentos e instrumentos). Esta junção de itens representam os modos de ser, agir, viver e participar.

A escola de samba, que constitui uma comunidade de práticas, é formada por um coletivo de pessoas que desempenham funções e interagem entre si, ou seja, agem em colaboração respeitando as relações de hierarquia e autoridade e partilhando sentimentos como o amor, a emoção, a união e os elementos presentes na imagem como a experiência, a negociação, a participação, ser componente de um grupo, entre outros. Segundo Eckert e Ginet,

Durante o engajamento conjunto em tais atividades, as pessoas constroem em colaboração um sentido de si e dos outros como certos tipos de pessoas, como membros de várias comunidades com múltiplas formas de filiação, autoridade e privilégio. Em todas elas, a linguagem interage com outros sistemas simbólicos-vestimentas, adornos corporais, modos de movimento, olhar, toque, estilo de caligrafia, frequência assídua a determinados espaços. (2010, p.97)

Isso tem relação com as escolas de samba tendo em vista que os componentes das alas de comunidade usam a mesma fantasia e desempenham uma evolução padrão na avenida

<sup>60</sup> Esquema sobre as comunidades de prática retirada de Lave, J., & Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*.

entre outros segmentos que também partilham dessa mesma interação da linguagem com outros sistemas simbólicos.

A Velha Guarda, por exemplo, é um desses casos, usam vestimentas específicas para mulheres e homens. Geralmente, a mulher sempre está de leque e o homem de bastão, chapéu e sapato bicolor. Ambos usam roupas sociais.

Seguem fotos das vestimentas iguais durante o desfile. Escolhi a G.R.E.S Unidos da Viradouro porque é a escola pesquisada neste trabalho, mas podemos observar essas características gerais nas demais agremiações. Na primeira imagem a seguir, podemos ver a fantasia da ala das Baianas, ala que “constitui o aspecto mais histórico e ancestral do desfile das escolas” (SIMAS; LOPES, 2019, p.29).

Figura 27 - Tripé – O chá da meia noite e a fantasia da ala de baianas do desfile do G.R.ES Unidos do Viradouro em 2022



61

Fonte: Site Carnavalesco.

Figura 28 - Imagem do desfile de 2020 com as guardiãs do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e a alegoria que representam Oxum.



62

Fonte: Site Hypesness

<sup>61</sup> Fonte: <https://www.carnavalesco.com.br/cabine-a-cabine-como-foi-o-desfile-da-viradouro-na-avaliacao-do-site-carnavalesco/>

<sup>62</sup> Fonte: <https://www.hypesness.com.br/2022/04/carnaval-o-que-esperar-dos-desfiles-na-sapucaie-no-anhembi/>

Na imagem anterior, temos as guardiãs do casal de mestre-sala e porta-bandeira da Viradouro em 2020 fazendo uma referência à Orixá Oxum, rainha das águas doces, deusa do ouro, do amor e da sabedoria.

Além disso, apresento duas fotos do meu arquivo pessoal em que é possível observar as vestimentas semelhantes da Velha Guarda da Unidos do Viradouro. Na primeira foto, podemos ver o sapato bicolor, a calça de linho ou social branca, a blusa da Velha Guarda (uniforme) e alguns estão com os bastões nas mãos.

Figura 29 - Fotografia do arquivo pessoal da festa da Velha Guarda da Viradouro em 2018



63

Fonte: Arquivo pessoal

Já na imagem que apresenta as integrantes femininas, observa-se o mesmo vestido, os sapatos, praticamente idênticos, exceto o da porta-bandeira da Velha Guarda.

Figura 30 - Fotografia do meu arquivo pessoal das senhoras da Velha Guarda da Viradouro na festa de 2018



64

Fonte: Arquivo pessoal

<sup>63</sup> Foto do meu arquivo pessoal de parte da vestimenta masculina dos integrantes da Galeria da Velha Guarda da Unidos do Viradouro em 09 de dezembro de 2018 (dia da festa da Velha Guarda)

<sup>64</sup> Foto do meu arquivo pessoal de parte da vestimenta feminina das integrantes da Galeria da Velha Guarda da Unidos do Viradouro em 09 de dezembro de 2018 (dia da festa da Velha Guarda)



Leopoldi usa a obra “A apresentação do eu na vida cotidiana” de Erving Goffman para justificar a mesma ideia de comunidade (aqui é chamada de equipe) e a questão da presença da performance, do drama e do espetáculo como essenciais no dia a dia das escolas de samba.

Em relação às escolas de samba ou mais propriamente seu desfile, a ideia de Goffman que se aplica a elas com mais eficácia é a de “equipe”, a de que pertencer a um grupo significa identificar-se com ele, identificação essa expressa formalmente na homogeneidade do comportamento, do vestuário e mesmo da postura corporal. Ora, isso tem tudo a ver com a escola de samba, ou mais precisamente com qualquer das alas que a compõem, uma vez que todos os seus componentes vestem as mesmas fantasias, dançam de maneira semelhante, cantam a mesma música e fazem os mesmos gestos corporais. (2010, p.25)

O conceito “comunidade de prática” foi proposto por Jean Lave e Etienne Wenger (1999) e procura definir a comunidade através do seu engajamento social.

É possível dizer que as comunidades de prática são formadas pelas pessoas através do seu desempenho diferenciado de práticas em comum ou coletivas. Então, é possível pensar as escolas de samba, no geral, como comunidades de prática, assim como cada os segmentos que fazem parte delas correspondem a diferentes comunidades de prática. porque apresentam práticas específicas como a participação, por exemplo.

O segmento Velha Guarda possui vestimentas, ritos, práticas e eventos específicos que só acontecem entre eles como a festa da Velha Guarda em que há um encontro de bandeiras, apresentações e um conagraçamento específicos, que formam um evento característico desta comunidade de prática. Pode ser que existam mudanças ao longo do tempo porque as escolas de samba são organismos vivos, mas a essência e estrutura são mantidas.

Parafrazeando Eckert e Ginet, as comunidades de prática podem ser grandes ou pequenas assim como podem durar ou morrer, as escolas de samba se encaixam em comunidades de práticas que são grandes e as diversas alas e segmentos são grupos menores que respondem à maior: a agremiação.

O segmento Velha Guarda, em especial, a Velha Guarda da Unidos do Viradouro que é o foco principal da pesquisa constitui um grupo dentro dessa grande comunidade de prática em que o indivíduo que participa é “agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática” (ECKERT; GINET, 2010, p.103)

As alas, os segmentos de Baiana, Harmonia, Bateria, entre outros também constituem grupos da comunidade de prática tendo em vista que cada qual desempenha funções diferentes, propõem reuniões diversificadas seja para realização do que lhe é atribuído ou confraternizações obedecendo seus fundamentos e se transformando de acordo com as

mudanças. De acordo com Eckert e Ginet, “sentidos sociais, identidades sociais, filiações comunitárias e o valor simbólico da forma linguística estão sendo constante e mutuamente construídos.” (2010, p.105)

Em muitas reuniões como confraternizações ou saídas para outras escolas, a comida é um elemento fundamental nas escolas de samba que permite uma socialização maior do coletivo tanto no preparo como no momento da refeição. São rituais, mesmo que não sejam nomeados como tal: feijoadas, churrascos, sendo parte dessa prática alguns costumes, como cada um levar um aperitivo e os membros de um determinado segmento ou ala degustarem o alimento juntos. Enquanto as pessoas comem, o debate e a conversa fluem, decisões são tomadas e ideias surgem.

A seguir, apresento uma fotografia de uma das feijoadas da Viradouro em junho de 2016. Geralmente, em abril, as escolas de samba costumam fazer feijoadas em homenagem a São Jorge que, no sincretismo, representa também o orixá Ogum. É importante mencionar que santo não é orixá e orixá não é santo. Escrevo sobre o sincretismo porque faz parte da cultura do país, porém é importante situar que são diferentes.

Em algumas escolas, a feijoada ocorre todo mês, já em outras, apenas em eventos pontuais. Em alguns momentos, também há pratos populares como cozido. No ano de 2023, no aniversário da escola, dia 24 de junho, o G.R.E.S Unidos do Viradouro tinha como prato principal um delicioso cozido, por exemplo.

Figura 31 -Arquivo pessoal – foto da feijoada de junho de 2016



Fonte: Arquivo pessoal

É necessário frisar que existem alguns pontos essenciais para ser uma comunidade de prática: ter história, relações de pertencimento, conhecimento e interação, ou seja, conexões que envolvam a identidade e isto poderá ser visto no capítulo sobre a Velha Guarda da

<sup>65</sup> Foto do meu arquivo pessoal de uma feijoada no G.R.E.S Unidos do Viradouro em junho de 2016.

Viradouro. A partir disso, atento para a citação de Etienne Wenger, no livro “Communities of practice: Learning, meaning, and identity”: “There is a profound connection between identity and practice” (1999, p. 149), ou seja, há uma profunda conexão entre identidade e prática.

Por isso, através destas linhas e dessa citação como elemento motivador, partirei para o próximo subcapítulo.

#### 4.1 G.R.E. S Unidos do Viradouro e a Velha Guarda

Cheguei em terras niteroienses, aliás, o território em que nasci para falar sobre a escola que pesquiso, mas não só pesquiso, vivo aquele chão. Faço parte desde criança através da vivência ativa de minha avó, desfilei anos pela comunidade a partir de 2015 e atualmente, sou diretora de Harmonia.

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Viradouro foi fundado em 24 de junho de 1946 a partir do conagraçamento e da celebração das rodas de samba que aconteciam no quintal de Nelson dos Santos, que era conhecido como Jangada na rua Capitão Roseira, perto da rua Dr. Mário Viana. Aquele entorno era chamado de Viradouro e os bondes faziam o retorno naquele espaço, portanto, a escola carrega em seu nome a questão do território em que foi fundada.

Em relação a 24 de junho, temos o dia de São João Batista, padroeiro da cidade de Niterói e protetor da agremiação em sincretismo com o orixá Xangô que também está a frente em nossa escola como pode ser lido no samba-enredo da escola de 2016 em “Kawó Kabesilé Xangô /Ora Yê Yê, Mamãe Oxum do ouro /São João Batista que me batizou/É o protetor da minha Viradouro”<sup>66</sup>.

A agremiação e sua fundação têm um grande valor comunitário porque é formada a partir de entrelaçamentos, vivências e experiências das pessoas que participavam das rodas de samba e viviam naquele entorno. Segundo Leopoldi,

essas pessoas são chamadas de “verdadeira comunidade” porque os componentes se “consideram mais identificada com uma dada escola, baseados no fato de viverem suas proximidades e fazerem parte da comunidade do local onde ela tem sua quadra de ensaios.” (2010, p. 20)

---

<sup>66</sup> Escute o samba em: <https://www.youtube.com/watch?v=m31s4EeM2vI>

Um ano após a sua fundação, a escola fez sua estreia no carnaval de Niterói que era bastante influenciado pelo carnaval do Rio de Janeiro e contava com as escolas de samba e blocos carnavalescos. Durante trinta e nove anos, bailou, encantou, riscou o passo nos desfiles da cidade conquistando dezoito títulos (1949, 1950, 1952, 1953, 1956, 1957, 1958, 1959, 1962, 1963, 1971, 1973, 1974, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984).

Em 1964 e 1965, a agremiação participou pela primeira vez do carnaval carioca fazendo parte da chamada terceira divisão e ficou na última colocação nos dois campeonatos (vigésima sexta colocação). Com isso, a escola retornou ao carnaval da cidade do Rio de Janeiro, apenas em 1986. Isso aconteceu devido ao campeonato niteroiense de 1985 em que a escola se sentiu desmerecida, mas para que a escola deixasse o carnaval niteroiense navegando por outras terras, foi preciso fazer um questionário para ouvir os componentes e a maioria decidiu (98%) que era o momento de a escola caminhar em direção ao Rio de Janeiro deixando o carnaval niteroiense<sup>67</sup>.

A Viradouro fez sua estreia no antigo grupo 4 e foi subindo até que em 1990 conquistou o campeonato do grupo 1 com o enredo “Só vale o escrito”<sup>68</sup> do carnavalesco Max Lopes e composto por Adir, Odir Sereno, Gelson e Gilberto Barros. Esse título levou a escola ao Grupo Especial que ocorreu ao mesmo tempo que a posse do José Carlos Monassa na presidência da agremiação. Ele ficou no comando da escola até sua morte em 2005 como presidente executivo/ presidente de honra.

Em 1997, a escola foi a campeã do grupo especial com o enredo “Trevas! Luz! A explosão do Universo”<sup>69</sup> do carnavalesco Joãosinho Trinta.

Em 2010, a escola voltou ao grupo de acesso e foi campeã em 2014 ascendendo novamente ao grupo especial, porém, em 2015, foi rebaixada novamente ao grupo que atualmente é intitulado como Série Ouro.

A escola atravessou uma série de momentos difíceis e, em 2017, começou o seu renascimento como fênix<sup>70</sup>, inclusive, a agremiação utiliza este símbolo atualmente porque, realmente, renasceu das cinzas na gestão do presidente Marcelo Petrus Calil Filho, eleito no triênio 2017-2020 e reeleito em 2020 ao lado de seu pai Marcelo Petrus Calil, presidente de

---

<sup>67</sup> Algumas escolas conhecidas em Niterói também foram para o carnaval do Rio nos anos seguintes e isto facilitou o declínio do carnaval de Niterói junto com a falta de investimento público. Aos poucos, nos meados da década de 2000, o carnaval de Niterói voltou a acontecer, mas sem a mesma força e ênfase de antes.

<sup>68</sup> Escute o samba em: <https://www.youtube.com/watch?v=qN2xjuDFIbA>

<sup>69</sup> Escute o samba de composição de Dominguinhas do Estácio / Flavinho Machado / Heraldo Faria / Mocotó em <https://www.youtube.com/watch?v=dRI-JRxyzkI>

<sup>70</sup> O mito da fênix, ave que representa a vida e o renascimento foi associada à Viradouro porque a escola saiu de uma época muito difícil e renasceu proporcionando um novo começo e uma boa fase. Tal qual a fênix que ressurgiu das cinzas iniciando novos ciclos e vencendo a morte.

honra. Atualmente, a agremiação tem como presidente o senhor Hélio Nunes e a gestão continua a mesma seguindo os comandos do Marcelo Calil e do Marcelo Calil Filho.

Sendo assim, a escola renasceu como uma fênix. Em 2018, ganhou o grupo de acesso A (atual Série Ouro), em 2019 foi o segundo lugar do grupo especial e em 2020 foi a escola campeã do grupo especial, ou seja, o maior título que a escola pode alcançar.

Em 2022, a Viradouro ficou em terceiro lugar com o enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” e assumiu a liderança do ranking da LIESA que consiste no somatório das pontuações obtidas durante cinco anos (2018-2022).

Em 2023, com o enredo “Rosa Maria Egípcíaca”, ficou em segundo lugar por apenas um décimo de diferença da primeira colocada Imperatriz Leopoldinense.

Até o momento da finalização da escrita desta dissertação, a agremiação já tem o enredo para 2024 intitulado como “Arroboboi, Dangbé” e já está nas eliminatórias da disputa de samba-enredo.

Algumas dessas informações foram retiradas do site oficial da agremiação<sup>71</sup> e a notícia sobre o ranking foi retirada do site SRZD<sup>72</sup>.

A biografia da escola é inesgotável porque há inúmeras histórias desde a lágrima da emoção que escorre pelo rosto do componente durante um ensaio até o dia do desfile quando cruzamos a linha do início com o pé direito. Muitas histórias não foram contadas, nem registradas e vivem no imaginário dos seus componentes, seja ele coletivo ou individual. São setenta e seis anos em busca de um só ideal: amar e respeitar a escola vermelha e branca de Niterói.

Quando cito a palavra respeito, penso a importância de saudarmos aqueles que vieram antes, que começaram tudo isso, que seguem sendo a nossa raiz, os nossos baluartes do samba: a Velha Guarda.

A seguir, escreverei sobre este segmento que é o elemento motivador da pesquisa em questão.

---

<sup>71</sup> <https://unidosdoviradouro.com.br/>

<sup>72</sup> <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/viradouro-assume-lideranca-ranking-liesa/>

## 4.2 A Velha Guarda (Onde mora a raiz)

A fundação, onde tudo começou... está na hora de escrever sobre a Velha Guarda. Escolhi pesquisar a Velha Guarda porque é preciso reverenciar quem veio antes além de registrar histórias que talvez só estejam vivas nas mentes dos sambistas mais antigos.

Ser da Velha Guarda é um modo de se portar no mundo, de viver de acordo com os fundamentos que o samba e o carnaval da escola de samba trazem. É ser bamba, ser baluarte, andar com o seu leque espalhando vivências e riscar o chão com seu sapato bicolor como uma comunicação com a ancestralidade. Vejam as imagens a seguir em que é possível perceber que a postura e a vestimenta comunicam e marcam a existência desses baluartes.

Figura 32 - Arquivo pessoal (senhoras da Velha Guarda aguardando a gravação para o RJTV no dia 26/04)



73

Fonte: Arquivo pessoal

---

<sup>73</sup> Arquivo pessoal: Senhoras da Velha Guarda da Unidos do Viradouro aguardando serem chamadas para a gravação do RJTV que aconteceu no dia 26 de abril de 2022 antes da apuração.

Figuras 33 e 34 - Imagens do meu arquivo pessoal da Velha Guarda de outras agremiações na abertura do Rio Carnaval do Rio de Janeiro no dia 27 de fevereiro de 2022



Fonte: Arquivo pessoal

Conforme Araújo,

o termo Guarda Velha- Velha Guarda é uma apologia às nossas mais caras tradições. É um grito de alerta, um reconhecimento, uma afirmação. Nesse momento, a Velha Guarda surge como uma bandeira, uma trincheira em defesa da arte popular. (2012, p.93)

É nessa trincheira, pelo olhar da fresta que capturei essas duas imagens pela lente do meu celular enquanto chegava à abertura do Rio Carnaval. A placa da Cidade do Samba e um integrante de uma Velha Guarda (possivelmente do G.R.E.S Paraíso do Tuiuti ou G.R.E.S Unidos da Tijuca) logo ao lado como se dissesse: “A cidade é do samba e o samba corre em minhas veias. Então, a cidade também é minha” como se o Rio de Janeiro tivesse o samba correndo em seus caminhos como corre nas veias dos sambistas. Caminho mais um pouco e vejo mais um baluarte apoiado na grade como uma pose malandreada como se anunciasse ser um dos donos da rua. A postura, a vestimenta, a energia no mundo do samba comunicam e quando se trata dos que vieram primeiro, isso se torna mais forte. Na primeira foto deste

<sup>74</sup> Duas fotos do meu arquivo pessoal e de minha autoria tiradas no dia 27 de fevereiro de 2022 na abertura do Rio Carnaval na Cidade do Samba.

subcapítulo, também é possível ver isto nas vestimentas e posturas das senhoras da Velha Guarda durante uma gravação.

O “Dicionário da História Social do Samba” traz uma definição mais extensa sobre a Velha Guarda que corresponde aos dias atuais

No mundo do samba, expressão que define o conjunto dos sambistas veteranos, mais antigos e respeitados. Nas escolas, grupamento ou ala outrora responsável pela apresentação do desfile, no desempenho do papel de comissão de frente. À época deste dicionário, os integrantes das velhas guardas encerram os desfiles ou se apresentam acomodados em carros alegóricos. Na expressão, o substantivo “guarda” é usado na acepção de “tropa de vigilância, de sentinela”, o que traduz a ideia de guardiões, defensores da tradição, como se imagina que sejam os veteranos. (LOPES; SIMAS, 2019, p.294)

A Velha Guarda (alguns baluartes) costumava abrir o desfile compondo a comissão de frente em que os senhores com suas cartolas e vestimentas elegantes apresentavam a escola. Nos meados da década de 80, a Comissão de Frente sofreu mudanças e a Velha Guarda passou a encerrar os desfiles. Em 1984, o G.R.E.S Unidos de Vila Isabel apresentou o enredo “Pra tudo se acabar na quarta-feira”<sup>75</sup> em homenagem ao sambista e a sua Comissão de Frente estava seguindo os moldes antigos. Veja a seguir no primeiro minuto do vídeo (acessar o QR Code).

Figuras 35 e 36 - QR Code e imagem (print) ao lado do desfile de 1984 do G.R.E.S Unidos de Vila Isabel



76

77

Já, no vídeo a seguir, podemos ver a Velha Guarda da Viradouro no desfile de 1991<sup>78</sup> com o enredo “Bravíssimo – Dercy Gonçalves, O retrato de um povo” fazendo o encerramento do desfile. É importante notar a vestimenta e a postura dos senhores e senhoras

<sup>75</sup> Escute o samba em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZPa9tgfwVzI&t=27s>

<sup>76</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=AP2lujPh8zI&t=1943s>

<sup>77</sup> Print do vídeo para facilitar a leitura. Os baluartes podem ser observados fazendo uma referência na abertura do desfile.

<sup>78</sup> Escute o samba-enredo de 1991 da Viradouro em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2kwCcYd2Vs>



além da fala da repórter que fala sobre a Viradouro ser uma escola familiar, ou seja, uma escola formada por famílias e por ter um ambiente acolhedor e unido como uma família deve ser. Esse vídeo marca o começo de uma era para a escola de Niterói porque foi o primeiro desfile da agremiação em um grupo especial.

Figuras 37 e 38 - QR Code e imagem (print) ao lado da Velha Guarda da Viradouro fazendo o encerramento do desfile em 1991



79 80

Em alguns casos, toda a Velha Guarda se apresenta no carro alegórico. Já em outros, apenas os integrantes que apresentam alguma dificuldade de locomoção ficam nas alegorias.

O segmento Velha Guarda tem seus fundamentos comuns a todas as agremiações e outros, que vão variar entre elas. Até então, o que foi escrito nesse subcapítulo é de uma maneira geral, porém, agora, focarei na Galeria da Velha Guarda da Unidos do Viradouro. Abram caminho para o pavilhão passar.

Figura 39 - Imagem do pavilhão da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro no dia da sua festa em 2019



81

Fonte: <https://www.facebook.com/velhaguardaviradouro/>

<sup>79</sup> QR Code do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=A0ZF1uA1Rdg>

<sup>80</sup> Imagem (print) do vídeo em que a Velha Guarda da Viradouro encerra o desfile de 1991

<sup>81</sup> Foto do pavilhão retirada da página oficial da Galeria da Velha Guarda Unidos do Viradouro no Facebook (<https://www.facebook.com/velhaguardaviradouro/>). Essa imagem foi feita na festa da Velha Guarda em 2019 no dia oito de dezembro.

A Velha Guarda do GRES Unidos do Viradouro foi fundada no dia 10 de dezembro de 1978 como é possível visualizar na foto a seguir de um banner que foi produzido para a festa da Velha Guarda em 2021.

Figura 40 - Banner situado na parede da quadra onde fica a sala da Velha Guarda



Fonte: Arquivo pessoal.

No banner, temos uma frase “Orgulho de ser Viradouro” que merece destaque por dois motivos. Primeiramente, esse sentimento de Orgulho tem sido resgatado pela escola desde 2016. O dia 10 de fevereiro é intitulado como o dia de sentir orgulho de ser Viradouro. Geralmente, colocamos fotos nas redes sociais e participamos de algo voltado a nossa agremiação em eventos. Na imagem a seguir, podemos observar esse resgate no painel que foi produzido em fevereiro de 2016.

Figura 41 - Imagem retirada de um painel posicionado na quadra em 2016



Fonte: Arquivo pessoal

<sup>82</sup> O banner atualmente fica no corredor onde ocorrem as reuniões quinzenais da Velha Guarda.

<sup>83</sup> Foto do meu arquivo pessoal.

O segundo motivo é a presença do sentimento (orgulho) no Artigo 3º do Estatuto da Velha Guarda da escola em que podemos ler o seguinte trecho:

Todos os componentes da Velha Guarda deverão ter exclusiva e autêntica participação no GRES Unidos do Viradouro, e, como seu próprio nome indica, deverão sentir orgulho e emoção em participar da Velha Guarda da Unidos do Viradouro, não se admitindo, em hipótese alguma, que seus integrantes venham a participar de alguma outra Escola de Samba. (1996)

O orgulho e a emoção estão previstos no Estatuto da Velha Guarda como sentimentos primordiais para aquele que faz parte da Galeria. São sentimentos que estão muito ligados à conexão com a identidade, com a prática, com o pertencer a um determinado grupo. Além disso, é importante associar a dedicação com a exclusividade. O orgulho também está intimamente ligado à noção de que os sambistas mais antigos devem ser pertencentes apenas à sua escola de samba.

É possível observar esse Orgulho em diversas situações, principalmente, em festas da Velha Guarda da escola que ocorrem em dezembro (seu mês de fundação). O vídeo a seguir (QR Code) traz o orgulho em dose dupla porque o samba cantado é intitulado como “Orgulho de ser Niterói” trazendo também o afeto para o território em que vivem. O vídeo é da festa de 35 anos que ocorreu no dia 08 de dezembro de 2013.

O segmento desfila imponente e orgulhoso com o seu gestual característico das apresentações. O modo de se vestir, de se apresentar e a existência de um pavilhão da Velha Guarda representam outros saberes e conhecimentos, outras formas de existir, tal qual Letramentos de Reexistência (SOUZA, 2011). A escola estava passando por um momento difícil no grupo de acesso, mas, em 2014, renasceu e foi para o Grupo Especial.

Além do bolo que pode ser visto no vídeo e é presença confirmada em todas as festas da VG (Velha Guarda) da Viradouro, o bacalhau também é convidado obrigatório no almoço. As demais galerias elogiam bastante a bacalhoadada.

Figura 42 e 43 – QR Code e imagem (print) da festa da Velha Guarda da Viradouro que ocorreu em 2013



84



85

Ainda sobre o Orgulho na escola da emoção, temos o samba-enredo de 2018 que traz o amor, o reconhecimento dos componentes e integrantes dos segmentos como artistas como podemos ler em “Artista de uma escola de verdade/ Orgulho de ser comunidade...” (Zé Glória et al). É um samba que a comunidade canta muito assim como os demais segmentos porque se identificam com ele, portanto segue o vídeo da festa da Velha Guarda do Unidos do Viradouro em 2017 em que a galeria se apresenta. É possível ver nesse vídeo, as bandeiras das outras Velhas Guardas posicionadas em fileira para recepcionar a Galeria da Viradouro em posição de respeito.

Além disso, temos o Avô Sambista (José Carlos Esticadinho) e a Avó Sambista (Eliete) que é um cargo da Associação da Velha Guarda (explicarei mais adiante) e, coincidentemente, os dois são da nossa agremiação.

Figuras 44 e 45 - QR Code e imagem (print) da apresentação da Galeria em sua festa (2017)



86



87

<sup>84</sup> QR Code do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Z95SaQ2gsa8&t=5s>

<sup>85</sup> Imagem (print) do vídeo da festa da Velha Guarda que ocorreu em 2013.

<sup>86</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=RcqKF0\\_w1P0&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=RcqKF0_w1P0&t=3s)

<sup>87</sup> Imagem (print) do vídeo em que é possível notar as mulheres enfileiradas durante a apresentação.

Figura 46 – Imagem (print) dos homens enfileirados no vídeo da apresentação da galeria em sua festa (2017)



88

A Velha Guarda da Unidos do Viradouro é uma comunidade de prática de acordo com o conceito de Wenger (1999) porque tem suas regras e funcionamentos específicos que estão de acordo com o viver em coletividade, com ritos e práticas como pode ser lido no Estatuto. Se colocarmos em uma visão mais estendida, ela é um grupo fazendo parte de uma de prática maior que é a agremiação como já foi mencionado anteriormente.

Figura 47 - Imagem do símbolo do pavilhão da Velha Guarda



89

Fonte: <https://www.facebook.com/velhaguardaviradouro/>

Os símbolos das escolas de samba e das suas Velhas Guardas também são letramentos. Percebemos como predominantes as cores vermelha e branca (são cores da escola) assim

<sup>88</sup> Imagem (print) do vídeo em que é possível notar os homens enfileirados durante a apresentação e os pavilhões de outras agremiações ao redor.

<sup>89</sup> Símbolo do pavilhão da Velha Guarda da Unidos do Viradouro retirada do arquivo da Velha Guarda.

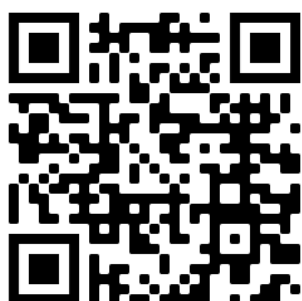
como a preta que compõe a cartola e o bastão, elementos fundamentais da vestimenta do componente da VG.

Em relação à citação anterior do Estatuto, pode ser observado também que os integrantes não podem participar de outra escola de samba. Isto está previsto no estatuto de 1996 e tem total conexão com a territorialidade e com a noção de fazer parte de um determinado espaço, porém de acordo com o estatuto de 2015, é possível fazer parte de outra agremiação desde que ela não seja concorrente da Viradouro. Isto aponta como a disputa é fundamental no cenário das escolas de samba.

Pertencer a uma agremiação para o sambista da Velha Guarda implica não só saber a sua história como tê-la vivenciado, portanto, há uma relação de amor e carinho ao chão que pisa e vive. Isso pode ser visto também em saídas, isto é, visitas a outras escolas. Os componentes da Velha Guarda são bem recebidos e chegam com o seu pavilhão marcando o seu espaço, dizendo de onde veio e paramentados com broches, blusas, calças, vestidos, ou seja, roupas iguais para sinalizar quem são. A comunicação vem através do visual e do gestual.

Além disso, há todo um rito para a chegada de uma galeria da Velha Guarda à outra escola (veja no capítulo sobre letramentos baluartes), porém, para que vocês possam ter uma ideia de como é uma visita à outra agremiação em que a Velha Guarda esteja presente, separei este vídeo:

Figuras 48 e 49 - QR Code e imagem (print) da Visita da Velha Guarda da Viradouro à escola Unidos Vila Isabel



90



91

<sup>90</sup> QR Code do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=0bDtKP0k82w&t=1s>

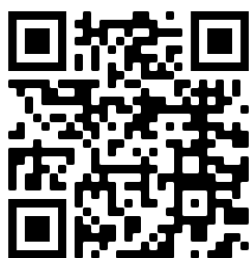
<sup>91</sup> Imagem (print) da Visita da Galeria da Velha Guarda da Viradouro à Velha Guarda da Vila Isabel.

O samba utilizado nas apresentações costuma ser o samba do ano, logo a visita à Vila Isabel é mais antiga porque o samba-enredo usado para a apresentação era o “Vira-Bahia, Pura Energia” (samba de 2009)<sup>92</sup>. Logo, essa apresentação é de 2008 ou 2009.

Temos um casal de mestre-sala e porta-bandeira na Velha Guarda (assim como temos a segunda porta-bandeira) e isso não é comum entre as galerias porque quase não tem mestre-sala, mas o Senhor Regata que estava no vídeo, além de ser o mestre-sala é um dos grandes baluartes desde a época da fundação da escola. Infelizmente, faleceu em 2020. A presença da porta-bandeira é mais comum nas Velhas- Guardas com o pavilhão que apresenta os símbolos da Velha Guarda e de sua agremiação.

Ainda temos o vídeo da visita à Caprichosos de Pilares em 2013/2014 em que pode ser visto a corte (pessoas conhecidas, importantes para a escola enfileiradas que reverenciam o pavilhão que é apresentado). A corte, neste vídeo, se posiciona em dois lugares. A primeira corte é composta por pessoas da Associação das Velhas Guardas (foi possível identificar pela faixa amarela e preta) e a segunda é formada por Baluartes da Caprichosos de Pilares vide a faixa azul e branca escrita Baluarte. Em algumas Velhas Guardas, é possível ver o uso dessas faixas. A Velha Guarda da Portela é uma das adeptas, por exemplo.

Figuras 50 e 51 - QR Code e imagem (print) da visita da Velha Guarda da Viradouro à Caprichosos de Pilares



93



94

<sup>92</sup> Escute o samba da Viradouro de 2009 em: <https://www.youtube.com/watch?v=WXrILYK-5BU>

<sup>93</sup> QR Code do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=vq4sL9HdMGk&t=28s>

<sup>94</sup> Print do vídeo ao lado.

Figura 52 - Imagem (print) da porta-bandeira da Velha Guarda da Viradouro com o seu pavilhão e os membros da Associação da Velha Guarda do Rio de Janeiro



95

Figura 53 - Pavilhão da Velha Guarda da Viradouro sendo reverenciado por um baluarte da Caprichosos de Pilares



96

A Galeria da Velha Guarda também recebe as Velhas Guardas durante a sua festa como podemos ver no vídeo a seguir em que os senhores e senhoras estão enfileirados para receber a Velha Guarda da Portela em uma das suas festividades em que é visto a faixa de baluartes mencionada anteriormente.

<sup>95</sup> O pavilhão da Velha Guarda da Viradouro é reverenciado pelos membros da Associação da Velha Guarda das escolas de samba do Rio de Janeiro. Cada faixa significa um título de honraria que eles carregam como “Vovô Sambista”, “Vovó Sambista”, entre outros.

<sup>96</sup> O pavilhão da Velha Guarda da Viradouro é reverenciado por baluartes da agremiação G.R.E.S Caprichosos de Pilares. É possível observar na imagem (print) do vídeo, a faixa “baluarte”.



Figuras 54 e 55 - QR Code e imagem (print) do vídeo da Velha Guarda da Portela sendo recepcionada durante sua apresentação na festa da Galeria da Velha Guarda da Viradouro



97

98

Figura 56 - As porta-bandeiras da Velha Guarda da Viradouro e da Portela e seus pavilhões



99

O pavilhão da Velha Guarda da Viradouro, posicionado ao lado do pavilhão da Velha Guarda da Portela, constitui uma prática social, isto é, um letramento próprio das apresentações, porque a bandeira de quem é da casa deve estar ao lado dos seus convidados ao longo da apresentação, ou seja, essa festa é da Velha Guarda da Viradouro, logo o pavilhão da mesma deve estar ao lado de pavilhão convidado.

Ainda sobre a sua fundação, consta no artigo 1º do regimento de 2015

A Velha Guarda foi criada por um grupo de alguns fundadores e de abnegados colaboradores do G.R.E.S Unidos do Viradouro, com o intuito de congrega a todos os antigos componentes da Escola, independentemente se participam ou não dos desfiles carnavalescos visando reuni-los permanentemente, através de atividades, reuniões ou encontros, promovendo festividades sociais, recreativas ou carnavalescas

<sup>97</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=oHXc3jCpu0Y>

<sup>98</sup> É possível notar na imagem a faixa de “baluarte” em uma integrante mais antiga da Velha Guarda da Portela.

<sup>99</sup> O pavilhão da Velha Guarda posicionado ao lado do pavilhão da Velha Guarda da Portela na figura 55.

Para constar, é o mesmo texto do artigo 1º do regimento de 1996, todavia, a Velha Guarda hoje é composta por 73 componentes ativos, ou seja, todos eles fazem parte da agremiação participando dos desfiles carnavalescos e festividades.

Noto que, na citação anterior, temos os valores comunitários que atravessam as escolas de samba como elementos centrais para a Velha Guarda assim como a cordialidade e o respeito presentes no artigo 2º, “manter laços cordiais e respeitosos com todos os Srs Membros do Conselho Deliberativo e Fiscal, Presidência e Diretoria da Escola” (1996; 2015) e esses sentimentos se estendem ao artigo 13º (presente nos dois estatutos de 1996 e 2015) que aponta para a advertência, suspensão, proibição ou até eliminação da Escola caso faltem os sentimentos previstos no artigo 2º.

Essa cordialidade e respeito se estendem às demais agremiações e suas Velhas Guardas. Um dos momentos em que estes sentimentos são facilmente observados é no encontro dos pavilhões. Veja este encontro na festa da Velha Guarda da Unidos do Unidos do Viradouro em 2012:

Figuras 57 e 58 – QR Code e imagem (print) da festa da Velha Guarda da Viradouro – 34 anos (apresentação)



100



101

A partir desse vídeo, noto algumas práticas de letramento voltadas às bandeiras como já tinha mencionado anteriormente. No vídeo em questão, a Velha Guarda da Unidos do Viradouro faz a sua apresentação com mestre-sala e porta-bandeira e todo o segmento e em volta, temos as porta-bandeiras com seus pavilhões de outras Velhas Guardas posicionados de forma respeitosa e saudosa, enfileiradas ao redor, por estarem presenciando o chão, a casa da Velha Guarda aniversariante. O baluarte José Carlos Esticadinho estava guiando o casal da Velha Guarda como um diretor de harmonia.

<sup>100</sup> QR Code do Vídeo da festa da Velha Guarda da Viradouro – 34 anos  
<https://www.youtube.com/watch?v=ccoJdADArhc&t=28s>

<sup>101</sup> Imagem (print) ao lado do vídeo da festa da Velha Guarda da Viradouro – 34 anos.

Nesse momento do vídeo, a agremiação estava se apresentando pela primeira vez no dia sendo saudados. As pessoas que estão com a blusa amarela e preta são da Associação das Velhas Guardas do Rio de Janeiro e são responsáveis por representar as Velhas Guardas e auxiliar também em festividades e premiações. Mesmo sendo uma associação representativa também tem seu pavilhão e fez sua apresentação nessa mesma festa. A Associação está presente em todas as festas do segmento Velha Guarda de todas as agremiações e são responsáveis por parte da organização delas principalmente, no momento das apresentações.

Figuras 59 e 60 – QR Code e imagem (print) da apresentação da Associação na festa da Galeria da Velha Guarda da Unidos do Viradouro



102



103

Esse vídeo ocorre depois que a Galeria da Velha Guarda do Unidos do Viradouro se apresenta porque ela aparece posicionada para recepcionar os demais pavilhões. O primeiro pavilhão é o da Associação, como já foi escrito anteriormente, já que é o momento de sua apresentação.

Nessa apresentação, podemos ver as porta-bandeiras, posicionadas com seus pavilhões, em um verdadeiro encontro de bandeiras. Cada Galeria da Velha Guarda é chamada e faz a sua apresentação com o pavilhão que depois fica localizado junto com os demais (foto a seguir). Estas bandeiras que estão posicionadas representam parte da quantidade de Velhas Guardas presentes na festa da Velha Guarda da Unidos do Viradouro em 2018 podemos ver na imagem diversas agremiações como a Acadêmicos do Porto Novo, G.R.E.S Chatuba de Mesquita, G.R.E.S Unidos de Bangu, entre outras.

Esse encontro de bandeiras simboliza uma prática social voltada ao respeito e à reverência às bandeiras quando elas chegam à agremiação dona da festa, elas precisam ser bem recebidas. É importante destacar que cada agremiação tem o seu pavilhão da Velha

<sup>102</sup> QR Code do vídeo da apresentação da Associação. <https://www.youtube.com/watch?v=PsVsnXjcgXE>

<sup>103</sup> Imagem (print) do vídeo da apresentação da Associação.

Guarda, reforçando a ideia de comunidades práticas em que o instrumento (no caso, a bandeira) aponta para a participação, ou seja, fazer parte de algo.

Figura 61 - Fotos das bandeiras posicionadas depois da apresentação na festa de 2018 da Velha Guarda da Viradouro



104

Fonte: Arquivo pessoal

Para fazer parte da Velha Guarda, é preciso ter disciplina, conduta e compreensão perante as hierarquias como diz o ditado popular “Antiguidade é posto” e por isso, seus membros são respeitados e reverenciados por onde passam. A hierarquia interna também se faz presente quando se trata de cargos da diretoria.

A diretoria da Velha Guarda do GRES Unidos do Viradouro é formada por: um presidente (o maior posto), um vice-presidente (responde caso o presidente não possa estar presente), um primeiro secretário (está atenta e apta para responder as demandas da diretoria, preenche as pautas das plenárias e etc), um segundo secretário (responde e auxilia o primeiro secretário), um primeiro tesoureiro (cuida das finanças, faz planilhas e balancetes tendo em vista que na Velha Guarda da Unidos do Viradouro paga-se uma mensalidade e também há outras demandas financeiras como organizações das festas, compra de figurinos, etc), um segundo tesoureiro (auxilia o primeiro tesoureiro), um diretor social masculino (organiza figurinos e festas) e uma diretora social feminina (organiza figurinos e festas).

<sup>104</sup> Foto do meu arquivo pessoal que representa parte do encontro das bandeiras.

Segundo o parágrafo único, o presidente da Velha Guarda poderá ter outros diretores por meio de sua indicação. Na equipe diretiva de 2022 da Velha Guarda da vermelha e branca de Niterói, temos ainda o Conselho Fiscal, a direção de patrimônio e o presidente de honra.

O ingresso na Galeria da Velha Guarda também apresenta suas obrigatoriedades como ter no mínimo 45 anos de idade e participação ativa na escola. É preciso mostrar documentos que comprovem a sua participação como fotos, carteirinhas, etc para a diretoria que, em seguida, encaminhará para o presidente da agremiação. No regimento de 2015, é preciso que os integrantes que queiram fazer parte da VG precisam ter, no mínimo, dez anos de participação na escola e após o ingresso pode ser punido por cinco faltas consecutivas em plenária assim como os outros integrantes.

A frequência é algo primordial na Velha Guarda e isto pode ser comprovado em registros no caderno de pauta e nas listagens feitas no grupo de Whatsapp quando há eventos, por exemplo, precisa-se de oito componentes para o Virashow na Feijoada da Portela, para uma disputa de samba na quadra, para visitar uma escola em festas da Velha Guarda. A secretária monta a prévia de uma lista, para que os integrantes possam colocar o nome no grupo de Whatsapp. Em tempo: Virashow é um espetáculo promovido pelo G.R.E.S Unidos do Viradouro feito por Valci Pelé, diretor da ala de Passistas da Viradouro, em que os demais segmentos (Velha Guarda, baianas, passistas, comunidade, o intérprete e o seu carro de som, entre outros) fazem suas apresentações.

Figura 62 - O presidente atual da Velha Guarda José Luis (Zeca) no Virashow do dia 24 de junho de 2023



Fonte: @unidosdoviradouro/ Ewerton Pereira

<sup>105</sup> Dia 24 de junho é o aniversário do G.R.E.S Unidos do Viradouro, logo, temos festas e apresentações.

O regimento de 1996 apresenta 15 Artigos enquanto o de 2015 tem 21 artigos, ou seja, a Velha Guarda também sofre alterações ao longo do tempo tendo em vista que é um organismo vivo, composto por pessoas e que atravessa os tempos. Em 2015, foi criado um Conselho de Ética e Disciplina composto por três membros da galeria através da indicação do presidente. Hoje em dia, o Conselho de Ética é composto por uma pessoa, o presidente de honra.

A Velha Guarda da Unidos do Viradouro tem uma sala que fica na quadra da escola. A visita à sala também integra o corpus para análise e isto pode ser lido mais adiante. No momento, o foco será direcionado às premiações e troféus.

Figura 63 - Imagem dos troféus posicionados na sala da Velha Guarda em 2021



106

Fonte: Arquivo pessoal

Um dos troféus presentes na fotografia é do prêmio Samba-Net em que a Velha Guarda ganhou como Velha Guarda mais elegante de 2019. Não foi o primeiro prêmio e nem o último tendo em vista que ganhou em 2022 o mesmo prêmio e outros também, porém quis marcar o de 2019 pois, além de estar estampado na parede da sala da Galeria, temos um vídeo para ilustrar o momento e saudar o antigo presidente Joel Lopes que faleceu de Covid-19 no dia 10 de maio de 2020. Ele está posicionado a frente no vídeo e costumava ser bastante performático durante as apresentações. Acesse o QR CODE e sinta a emoção dessa apresentação, inclusive, quem está carregando o troféu no vídeo é a minha mãe que era a secretária da Velha Guarda na época.

<sup>106</sup> Troféus posicionados na parede da sala da Velha Guarda e o leque da fantasia de 2020 utilizado pelas senhoras.

Figuras 64 e 65 – QR Code e imagem (print) do vídeo da entrega do prêmio Samba-net de 2019 (Velha Guarda mais elegante do carnaval)



107

108

Geralmente, quando a Velha Guarda do GRES Unidos do Viradouro é premiada, vai ao local da premiação com a roupa do desfile homenageado (quando o prêmio é referente à elegância) e se apresentam também com o samba atual. Não é obrigatório que todo o segmento vá. No vídeo, só tem uma parte da Galeria.

Além disso, é possível ver que apenas uma mão tem luva (componentes masculinos) que é a mão que segura o bastão, ambos no lado esquerdo. É importante mencionar que nem todos os integrantes masculinos de outras galerias de Velha Guarda usam bastão. O uso do mesmo era uma herança antiga dos mais antigos que faziam parte da comissão de frente e usavam o bastão para proteger a agremiação.

Joel Lopes, o antigo presidente, recebeu uma homenagem recentemente feita pela Unidos do Viradouro no desfile 2022. A Velha Guarda estava presente no sexto e último setor da escola, representando uma das últimas alas intitulada como “Revanche do amanhã”. Cada integrante da Velha Guarda desfilou ao lado de uma criança representando o passado e o futuro caminhando lado a lado e a esperança no que há de vir.

O carro alegórico desse último setor nomeado “Barco – Acordes virão da Viradouro” levou o nome do senhor Joel (observe a foto a seguir):

<sup>107</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=TIZr-U8SE5s> - Apresentação do Samba-net 2019 – Unidos do Viradouro.

<sup>108</sup> Todos os integrantes felizes na apresentação do Samba-net. O presidente, na época, Joel está à frente do grupo.

Figura 66 - Imagem do carro alegórico com o nome do presidente da Velha Guarda da Viradouro que faleceu



As imagens e o vídeos comunicam, portanto, para finalizar esse capítulo em que o passado é elemento condutor, olho para um passado recente em que a Velha Guarda ensaia na quadra no dia 03 de novembro de 2021. São pequenos anúncios do cotidiano vivido, do chão da escola riscado pelo sapato bicolor e pelas elegantes sapatilhas assim como o leque que espalha pelo ar vislumbres da sabedoria.

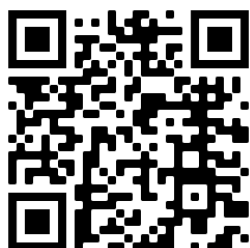
Os senhores e senhoras estão se apresentando em roda em uma circularidade de saberes e conhecimento e isto remete à ideia de coletivo que me lembra uma seguinte citação da Lara Sayão no prefácio do livro “Filosofias Africanas” do Nei Lopes e Luiz Antonio Simas.

Ninguém dança sozinho! Dança com, dança para, dança junto... Dança é encantamento, é resistência, é movimento de dentro anunciado no corpo, esse parceiro que nos permite dizer quem somos. Dança é expressão de que há algo vibrando, sendo. O viver é um dançar tão bonito. Embalado por uma música sentida, mas não tocada por nós. Por isso, misteriosa. E nos cabe dançá-la livremente, abraçando os que entram na roda, acolhendo seus ritmos, inventando passos. E ela, assim vai ficando ainda mais bonita. (2020, p.9)

<sup>109</sup> Foto retirada do site: <https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/viradouro-2022-alegorias-na-concentracao/>



Figuras 67 e 68 - QR Code e imagem (print) da apresentação da Velha Guarda no ensaio de quadra da Viradouro



110



111

A sabedoria e o amor dos baluartes estão presentes cotidianamente na Velha Guarda e os letramentos fazem parte disso. O capítulo a seguir vai trazer os letramentos baluartes de maneira mais profunda.

---

<sup>110</sup> A Velha Guarda da Unidos de Viradouro se apresentando no ensaio de quadra da Viradouro em 2021.

<sup>111</sup> Ensaio de quadra da Viradouro em 2021: imagem em que minha mãe e avó estão presentes.

## 5 LETRAMENTOS CARNAVALESCOS NAS ESCOLAS DE SAMBA

Pontuar os letramentos envolve a inclusão de conhecimentos e saberes que as escolas carregam em sua essência e transformação ao longo dos tempos. Neste capítulo, escreverei sobre os letramentos que estão assentados, fundamentados nas agremiações em geral, especialmente na escola pesquisada, lembrando que, por sua complexidade, alguns letramentos podem ser fixos ou mutáveis porque acompanham a vida e a pluralidade destes espaços.

Menciono aqui a relação entre os batuques e as religiões de matriz africana. De acordo com Araújo, “as marcações das baterias seguem as batidas dos atabaques. Cada batida tem seu Santo. Cada escola segue a orientação da batida de um santo.” (2012, p.75), porém em uma outra pesquisa recente de acordo com Lopes; Simas, “cada escola tem seu estilo percussivo, sua identidade, traço que, em passado não muito remoto, fazia que fossem reconhecidas a distância.” (2019, p.35). Ainda no mesmo livro, a relação da batida com os toques específicos para alguns orixás é mencionada, porém é reforçada a necessidade de fundamentação sobre o assunto.

O olhar da vivência como fundamentação teórica a partir do que Santos diz em relação à autoria: “a maioria dos conhecimentos que surgem das lutas sociais são coletivos ou funcionam como tal. Em vez de terem autores, são autores.” (2019, p.35), ou seja, os praticantes são aqueles que vivem suas próprias histórias e lutas, remete ao enredo de 2022 da Mocidade Independente de Padre Miguel intitulado “Batuque ao Caçador”, enredo para o orixá Oxóssi, para a bateria da escola citada e seus ritmistas. Segue um trecho da sinopse<sup>112</sup> para comprovar a relação da bateria em questão com seu orixá.

Pipa solta que vira estrela de cinco pontas. Herança dos enigmas que Olorum salpicou no céu. Vivinho. André. Macumba. A primeira, a segunda, a terceira. Lavadeira, Galo Velho, Miquimba. Instrumentos calados. Mergulho no abismo. Paradinha. Para o renascer cadenciado no tempo certo. Cuidado feminino no chocalho de platinela, ronco da cuíca de Quirino, mão preta que vibra o couro em sintonia com o peito. A caixa. A síncope/. A raiz. Flecha certa que conduz de volta ao começo e gira a roda da existência. Pioneira. (Fabato, 2020)

É preciso pensar quais são os conhecimentos que circulam nesta citação como Olorum que é o Deus, princípio de tudo segundo a mitologia Iorubá. André, Miquimba, Quirino são outros saberes e conhecimentos que não são tão fáceis de acessar exceto para quem vive no

<sup>112</sup> <http://www.apoteose.com/carnaval-2022/mocidade-independente-de-padre-miguel/sinopse/>

mundo do samba. André era o mestre de bateria da Mocidade que inventou as paradinhas, Miquimba é o senhor Tião Miquimba, criador do surdo de terceira e Quirino é Mestre Quirino, um dos melhores cuiqueros do carnaval das escolas de samba.

A sinopse escrita por Fábio Fabato finaliza expressando a relação explícita entre Oxóssi e a bateria da Mocidade no seguinte trecho “Odé é coisa nossa. Não existe mais quente. Oxóssi é a bateria da Mocidade Independente. Okè arò, okè.”<sup>113</sup>, ou seja, a ligação entre os tambores, os orixás e as baterias das escolas de samba existem mesmo que não sejam em todas tal qual um letramento ancestral, ou seja, um letramento que veio antes, em outros tempos que está ligado à religiosidade e ao carnaval, dificilmente é alcançado em sua plenitude para aqueles que não transitam entre os espaços carnavalescos e religiosos no que diz respeito à diáspora africana.

No carnaval, os tambores seguem tocando como na narrativa de Ifá, em que os Ibejis tocam um tambor enfeitiçado para driblar Iku, a morte. Aprendo a partir dessa narrativa que o toque do tambor e a força dos Ibejis, das crianças estão relacionadas ao levante da nossa humanidade, logo, quando penso as agremiações e sua recreação (um dos grandes pilares que formam as escolas) vividas por uma multidão de componentes, artistas e profissionais da festa, penso no drible da morte, na nossa salvação e reinvenção de um mundo brincante onde o folião, o componente, o apaixonado pelo carnaval trabalha, mas vibra encantando pelos tambores, caixas, tamborins, surdos e muitos outros instrumentos que conduzem as batidas do grande coração coletivo entusiasmado do universo carnavalesco. No carnaval, enganamos a morte do corpo e da alma resistindo e fazendo a nossa festa nas potencialidades cotidianas. Isso pode ser visto em Simas; Rufino

Assim, em nossos delírios, o povoado que os Ibeji podem salvar das artimanhas da morte fica aqui. Os gêmeos vadios em suas traquinagens nos ensinam sobre o exercício de ser como defesa da comunidade. A condição dupla representada pelas duas crianças e somada a uma presença terceira, o irmãozinho mais novo ou a “espiritualidade vadia” do ser criança encarnada no tambor, ecoa como narrativa que nos convoca a refletir sobre o sentido de nossas existências como algo contínuo, inacabado e que está imbricado a outras presenças. (2019, p.47)

Outro ponto que deve ser destacado é o samba-enredo, “modalidade de samba que consiste em letra e melodia criadas a partir do resumo do tema escolhido como enredo de uma escola de samba.” (LOPES; SIMAS, 2019, p.257), ou seja, o samba está ligado ao enredo e é trabalhado durante toda a etapa de ensaio após ser escolhido durante as disputas de samba-enredo como podemos ver na foto a seguir a letra do samba da Unidos do Viradouro em 2022.

<sup>113</sup> <http://www.apoteose.com/carnaval-2022/mocidade-independente-de-padre-miguel/sinopse/>

Figura 69 - Imagem do leque oferecido aos componentes durante o ensaio de quadra



Fonte: Arquivo pessoal.

O leque apresentado na foto acima de minha autoria assim como o folheto com a letra do samba é distribuído aos componentes e ao público nos ensaios de quadra no G.R.E.S Unidos do Viradouro que ocorrem às terças-feiras. Temos um letramento evidente tendo em vista que o componente utiliza a escrita e a oralidade (canto) através de uma situação específica que é a preparação para o desfile envolvendo o aprendizado da letra do samba-enredo que faz parte do enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria”, ou seja, temos interação, prática social, escrita, oralidade e, principalmente, multimodalidade caminhando juntas nesse letramento carnavalesco. A leitura/ canto do samba-enredo em um leque durante um ensaio é totalmente multimodal porque diversas modalidades de comunicação são utilizadas como a escrita, as representações visuais e a música.

<sup>114</sup> Foto do meu arquivo pessoal de um leque oferecido aos componentes e ao público na quadra da Viradouro nos ensaios às terças-feiras. Atrás, temos o símbolo da escola.

Figura 70 - Verso do leque com a ficha técnica da escola e a letra do samba-enredo



115

Fonte: Arquivo pessoal.

É possível observar na imagem acima, a letra do samba, a ficha técnica e uma apresentação visual voltado às artes oficiais da escola daquele ano direcionadas ao enredo de 2022. O destaque dado ao refrão é uma prática para chamar a atenção do componente e sinalizar que ali é preciso ter uma maior explosão (intensidade) do canto.

Logicamente, nem sempre foi assim porque, no começo, os sambas apresentavam um tema livre e não precisavam ter relação com o enredo, isto é, a escola podia fazer um enredo sobre a Bahia e apresentar um samba sobre a vida do sambista. Este cenário sofreu uma mudança quando a Portela fez seu samba em 1939 em prol dessa unificação entre enredo e samba-enredo como aponta Simas; Fabato (2015, p.20).

Era o enredo “Teste ao samba” proposto por Paulo Benjamin de Oliveira, o Paulo da Portela. Na história das escolas de samba, foi o primeiro samba que cumpria a função do samba-enredo que é estar em concordância com o enredo em questão. Um enredo associado à educação, ensino e escola trazia assim a noção dos letramentos tradicionais aos letramentos carnavalescos. Paulo da Portela, por exemplo, “apresentou-se como um professor que

<sup>115</sup> Verso do leque onde pode ser encontrada a letra do samba-enredo, a ficha técnica da escola e os nomes dos compositores.

distribuía diplomas aos alunos na frente da comissão julgadora” segundo os autores citados anteriormente (2015, p.20). Veja a seguir a letra do samba-enredo<sup>116</sup>:

Vou começar a aula  
 Perante a comissão  
 Muita atenção, eu quero ver  
 Se diplomá-los posso  
 Salve o fessor  
 Dá nota a ele senhor  
 Quatorze com dois, doze  
 Nove fora tudo é nosso

Cem divididos por mil  
 Cada um com quanto fica?  
 Não pergunte à caixa surda  
 Não peça cola à cúica

Lá no morro  
 Vamos vivendo de amor  
 Estudando com carinho  
 O que nos passa o professor

A conexão da escola de samba com uma sala de aula, isto é, uma escola tradicional nos remete à conexão dos letramentos tradicionais com os letramentos carnavalescos porque envolve a noção do aprendizado, amor e carinho.

Depois de um tempo, o samba de enredo passou a ter um papel pedagógico em que a história nacional e oficial do país era exaltada. Houve um acordo entre as agremiações e o Estado e “a primeira vez que um regulamento do desfile introduziu a exigência de temas nacionais ocorreu no carnaval de 1938” (SIMAS; FABATO, 2015, p.20). Na década de 1940, a exaltação aos valores nacionais se manteve. Com isso, é possível pensar a dimensão pedagógica que as escolas de samba e os sambas-enredo apresentam no sentido de ensinar

---

<sup>116</sup> Retirado do livro: SIMAS, Luiz Antonio; FABATO, Fabio. Pra tudo começar na quinta-feira: O enredo dos enredos. 1ª Ed, Rio de Janeiro. Mórula, 2015.

algo mesmo que isso não tenha sido espontâneo, ou seja, os temas nacionais não nasceram naturalmente nas agremiações.

A complexidade das escolas de samba pode ser notada a qualquer momento, inclusive nesse momento em que os sambas-enredo expõem de forma incisiva os valores patrióticos porque a partir dessa prática, surgiu uma visão de que o samba livraria as pessoas de pensamentos africanistas apontando assim para uma contradição porque o samba-enredo e as escolas de samba têm origem a partir da cultura negra.

Conforme Simas; Fabato, “estabeleceu-se assim, um brasileiríssimo paradoxo digno das nossas maiores contradições: o samba, um ritmo de bases africanas, deveria servir, a partir de uma pedagogia dos enredos, para livrar o povo das ideias africanistas” (2015, p.23). Essa situação aponta também para o racismo e desfaz o mito da democracia racial que está bastante presente no carnaval, visto como a festa de todas as raças, que, na verdade, é mais uma faceta do racismo. Kabengele Munanga disserta que

O racismo brasileiro na sua estratégia, age sem demonstrar sua rigidez, não aparece à luz, é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente em seus objetivos. Essa ideologia é difundida no tecido social como um todo e influencia o comportamento de todos, de todas as camadas sociais e, até mesmo, as próprias vítimas da discriminação racial. Discutir a questão da pluralidade étnica e, em especial da sua representação nas instituições públicas, e nas demais instituições do país, ainda é visto como um tabu na cabeça de muitas pessoas, pois é contraditória à ideia de que somos um país de democracia racial. (1996, p.215)

A ideia da mestiçagem também aparece em destaque nessa época como um elemento que escondia as repressões dos negros e indígenas sendo apontada como um elemento da identidade do Brasil tendo em vista que repreende os valores que herdamos da diáspora e favorece o embranquecimento, sobretudo, com a chegada dos imigrantes europeus. Algo que deve ser destacado deste período é a repressão da cultura afrodiáspórica através da Lei da Vadiagem<sup>117</sup>, “com a repressão aos batuques, práticas religiosas, danças, etc” (SIMAS; FABATO, 2015, p.26)

---

<sup>117</sup> Aprovada no Código Penal da República sancionado em 1890, a lei, em seu artigo 399, definia a vadiagem como uma contravenção e previa a condenação de todo aquele que “deixar de exercitar profissão, ofício ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei e manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes”

A lei, especialmente durante a Primeira República (1889-1930), foi abundantemente utilizada para coibir as manifestações culturais da população afrodescendente nos anos do pós-abolição, servindo inclusive para justificar do ponto de vista legal, a repressão às rodas de samba e festas de candomblé- consideradas ofensivas aos bons costumes pela elite do período, adepta de projetos sistemáticos de branqueamento racial que apagassem as referências do passado escravocrata brasileiro. (LOPES; SIMAS, 2019, p.295)

Isto tem uma relação explícita com o apagamento de muitas narrativas negras porque, naquele momento histórico, o sambista contava a história vivida pelos brancos em atos oficiais e nacionalistas favorecendo assim as ideologias do governo, mas, em contrapartida, os sambistas aproveitaram o momento para negociar e estar em evidência favorecendo o crescimento das escolas de samba e lançando as suas tradições imbricadas nos becos, vielas e frestas. Há quem diga que houve cooptação, alguns dizem que não houve cooptação. Analisando que, na ginga, no jogo de cintura e no drible como uma forma de resistir, a oportunidade foi abraçada pelo sambista e as escolas de samba seguem vivas até hoje, firme em seus fundamentos e trazendo enredos que favorecem a diáspora africana.

O mito da democracia racial ainda segue presente nas escolas de samba, mas costuma ser desmentido cotidianamente por aqueles que vivem nas agremiações e possuem uma maior consciência racial. Estar em comunidade implica a ideia de comunhão e igualdade como aponta Leopoldi em

Não há como negar que o conjunto de indivíduos que desfilam em uma escola vive coletivamente um momento especial, diferente mesmo daquelas pessoas que assistem ao espetáculo, vibram com ele, torcem por suas escolas e se identificam com elas. No caso do carnaval e do desfile, esse momento é muito especial também porque emerge como um “ritual de integração” em que as diferenças e desigualdades entre grupos e pessoas “parecem” desfazer-se na alegria carnavalesca. Mas essa “igualdade” é na realidade, um aspecto simbólico do “drama carnavalesco”, ainda que muitos foliões possam não perceber isso conscientemente. (2010, p.23)

Ponto novamente nestas escritas a complexidade das escolas de samba intitulada por Leopoldi como “drama carnavalesco” na citação anterior e incluo que ao longo do tempo a sensação de estar em comunidade persiste nos componentes, mas o cenário está em constante mudança. Muitos percebem que as escolas são atravessadas por hierarquias (isso não implica a presença dos preconceitos e, sim, a questão da falsa igualdade entre as pessoas pelo simples fato de cada uma desempenhar suas funções que estão unidas em prol de um único objetivo), porém, as agremiações também são atravessadas por preconceitos que desfazem essa visão idealizada da igualdade que insiste em fazer morada nas mentes de muitos que vivem diariamente o chão da escola. Segundo Pavão,

foi sobre os pilares da ‘democracia racial’ que as escolas de samba foram alçadas à condição de ícones da sociedade brasileira. Ao se tornarem espaços socialmente heterogêneos, a partir do convívio de diversas camadas sociais, o “mito da igualdade” pôde se proliferar também em seus ensaios semanais. (2005, p.92-93)



Porém, correntes são quebradas dia após dias e isso pode ser visto na produção dos enredos atuais, que destacam a luta contra o racismo e outros preconceitos. Posso citar alguns enredos, como “Ganhadeiras de Itapuã” da Viradouro em 2020, que destacou a importância das mulheres ganhadeiras, das mulheres pretas, baianas, da ancestralidade e da luta, assim como “Rosa Maria Egípcíaca” da Viradouro em 2023, que é extremamente representativo para as mulheres negras. Ainda sobre a mulher, a Império Serrano trouxe em 2020 o enredo “Lugar de mulher é onde ela quiser”, valorizando a importância das vozes femininas.

Destaco também dois enredos de 2022 que impulsionam o reconhecimento da negritude e a luta contra o racismo que são “Empretecendo o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor” da Beija-Flor de Nilópolis e “Resistência” da Acadêmicos do Salgueiro, ou seja, as escolas fazem parte da sociedade, logo os preconceitos existem nestes espaços, mas a luta para romper essas estruturas também se faz presente e tem se movimentado cada vez mais para fazer a roda girar positivamente. Isso se dá porque a realidade social muda diariamente e as escolas como organismos vivos acompanham as mudanças da sociedade.

Volto às décadas de 50 e 60 em que o panorama começou a mudar porque a imagem do continente africano estava se transformando devido aos seus movimentos de independência. Essa situação foi intensificada nas décadas de 60 e 70 com os estudos sobre Palmares de Décio Freitas e Clóvis Moura ganhando evidências, logo como as escolas de samba são vivas e acompanham os acontecimentos de cada época a negritude e a cultura negra voltaram a fazer parte dos enredos e, conseqüentemente, dos sambas, principalmente, a partir da revolução iniciada por Fernando Pamplona. Simas; Fabato traz essas questões quando afirma que

Nos anos 1960, prevaleceram os enredos históricos que priorizavam as lutas pela liberdade e denunciavam os horrores da escravidão. Na década de 1970, o foco principal foi o patrimônio cultural da origem africana. Dentro desse modelo, destacou-se o universo dos candomblés e a mitologia dos orixás do panteão jeje-nagô. (2015, p.32)

Ainda sobre Fernando Pamplona<sup>118</sup>, aponto para mais uma complexidade do mundo das escolas de samba porque os carnavalescos daquela época, em sua maioria, eram da Escola de Belas Artes, ou seja, vinham de fora e não eram membros da comunidade como no início das escolas de samba gerando mais uma ambigüidade ao universo carnavalesco.

---

<sup>118</sup> Carnavalesco, cenógrafo, professor, produtor, um verdadeiro artista brasileiro que ficou muito conhecido no carnaval das escolas de samba. Muitos o consideram como o pai dos carnavalescos.

É possível observar que os sambas-enredo acompanham as complexidades que estão presentes nas escolas de samba em cada período porque elas são organismos vivos.

Como foi dito anteriormente, as escolas seguem em seus fundamentos religiosos na mesma dimensão espiritual e política dos terreiros até hoje. Um exemplo disso é o G.R.E.S Unidos do Viradouro em seu carnaval 2022 fazendo referência a Obaluaê, orixá da cura, senhor da terra em um enredo que retrata o maior carnaval de todos os tempos que foi o de 1919 depois da pandemia de gripe espanhola. Outro exemplo foi a Grande Rio trazendo o enredo “Fala Majeté - Sete Chaves de Exu” em que Exu, orixá, senhor dos caminhos é a figura central e plural. A Mocidade Independente de Padre Miguel trouxe o enredo “Batuque ao Caçador” em que homenageia a bateria “Não existe mais quente” e, principalmente, o orixá Oxóssi, senhor das matas, do arco e da flecha.

Todos esses enredos são atuais, isto é, as escolas seguem os seus ritos e gritam contra os preconceitos, principalmente, a intolerância religiosa. Então, noto que os sambas-enredo e a criação dos enredos como podemos ver nas sinopses, sambas e desfile com suas alegorias e fantasias são letramentos que atravessam os tempos possibilitando que os sambistas pensassem novas formas de existir e resistir.

O samba-enredo promovia e promove ascensão social (por vezes utópica, principalmente nos tempos de outrora, por vezes alcançada por meio de visibilidade pertencente ao meio e midiática (atualmente), negociações e luta. Isto envolve totalmente o conceito de letramentos de reexistências. Um exemplo disso são os sambistas mais antigos que até hoje são reconhecidos e até viajaram para outros países, porém é necessário lembrar que muitos ficaram no ostracismo e não tiveram o devido reconhecimento assim como nos dias de hoje que muitos compositores e sambistas não são tão reconhecidos assim em ambientes fora do mundo do carnaval das escolas de samba. Além disso, temos os escritórios de samba em que as parcerias se tornam imensas onde apenas um ou dois escrevem de fato.

Quando penso também o letramento mais tradicional em que temos a escrita como carro-chefe, as práticas que envolvem o samba-enredo são extremamente relevantes porque através da escrita, é possível aprender a canto e auxiliar o segmento Harmonia.

O segmento Harmonia também apresenta inúmeros letramentos, saberes e conhecimentos como as práticas que envolvem o pavilhão do casal de mestre-sala e porta-bandeira que é um símbolo multimodal, o incentivo do canto à comunidade, a evolução dos componentes, o controle de faltas, os grupos de Whatsapp para transmitir as informações aos componentes, a organização dos ônibus durante as saídas a outras agremiações e à concentração no momento do desfile, levar o pavilhão ao enterro, entre outros. Estas práticas

de letramento acontecem na escola Unidos do Viradouro assim como as que serão comentadas a seguir:

### **5.1 Letramentos carnavalescos no G.R.E.S Unidos do Viradouro**

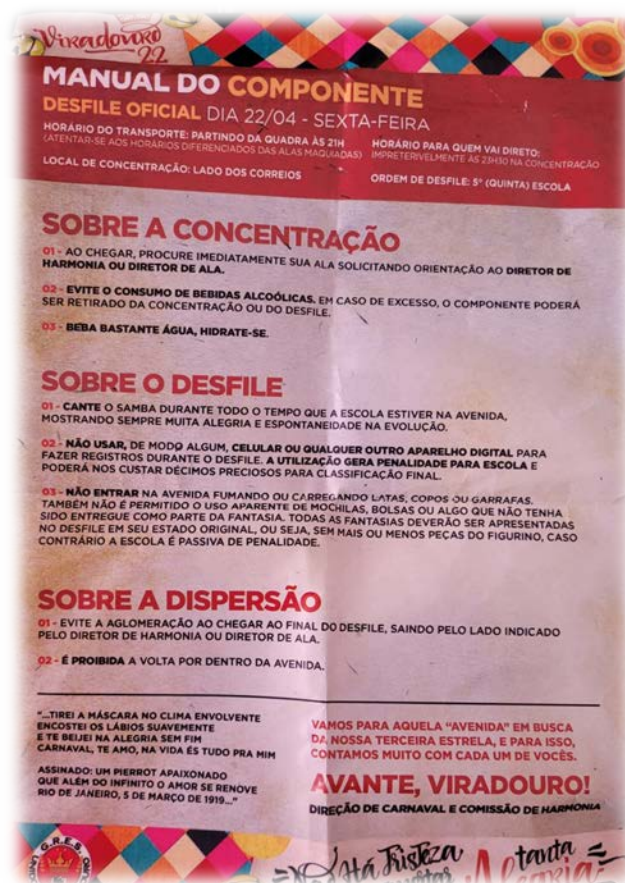
Durante o cotidiano da escola, observei desde 2021 até os dias atuais práticas de letramento e fui arquivando para inserir na pesquisa, portanto, a partir de agora, algumas delas serão expostas aqui.

A primeira é o manual do componente que consiste em um texto que o brincante recebe antes do desfile com as informações primordiais (local e horário da saída dos ônibus, da concentração, avisos e regras) como podemos ver na foto a seguir. Esse manual foi elaborado pelo G.R.E.S Unidos do Viradouro, pela Direção de Carnaval e Coordenação da Comunidade e é feito a cada carnaval e entregue junto com a fantasia para que o componente não perca informações básicas do dia do desfile desde a concentração que é o momento em que todos os componentes ficam aguardando o desfile como da dispersão que acontece quando o desfile acaba.

O texto tem uma relação social e comunica em toda a sua extensão. Consigo visualizar o letramento, nesse caso, como uma orientação ao componente no dia do desfile. Desde o ato da distribuição até o momento da leitura que o brincante faz e a execução dessas orientações de forma correta, temos esta prática de letramento multimodal porque através da escrita, das conversas, da entrega do panfleto e da simbologia nele apresentada, há diversas formas de se comunicar através dos saberes e conhecimentos.

Podemos estender mais ainda essa prática quando este mesmo comunicado é replicado pelos diretores de harmonia de forma semelhante em grupos de whatsapp das alas para reforço dos avisos e regras.

Figura 71 - Manual do componente do G.R.E.S Unidos do Viradouro



119

Fonte: Arquivo pessoal

Outro exemplo é o roteiro das alas e dos grupos recebido pelos diretores de Harmonia no G.R.E.S Unidos do Viradouro. Este é um exemplo bem concreto de um dos letramentos presentes nesse segmento em que podemos observar a ordem exata do desfile (onde fica cada carro alegórico, tripé e ala). Isso facilita o trabalho ao longo do dia de desfile. Em 2022, como diretora de Harmonia, recebi um roteiro do nosso desfile na sexta, dia 22 de abril, ou seja, no dia do desfile. O roteiro consiste na ordem das alas, segmentos e alegorias da G.R.E.S Unidos do Viradouro.

Apono para um exemplo concreto de letramento porque se configura em uma prática social, um saber e um conhecimento do segmento Harmonia. Se houver alguma dúvida, o diretor olha o setor que é composto por alegoria e alas e busca a posição correta da ala ou alegoria. É um guia para o desfile e facilita o olhar do diretor de Harmonia.

<sup>119</sup> Manual do componente da G.R.E.S Unidos do Viradouro (arquivo pessoal)

Figura 72 - Roteiro de alas e grupos oferecido ao segmento Harmonia no dia do desfile da Viradouro em 2022



120

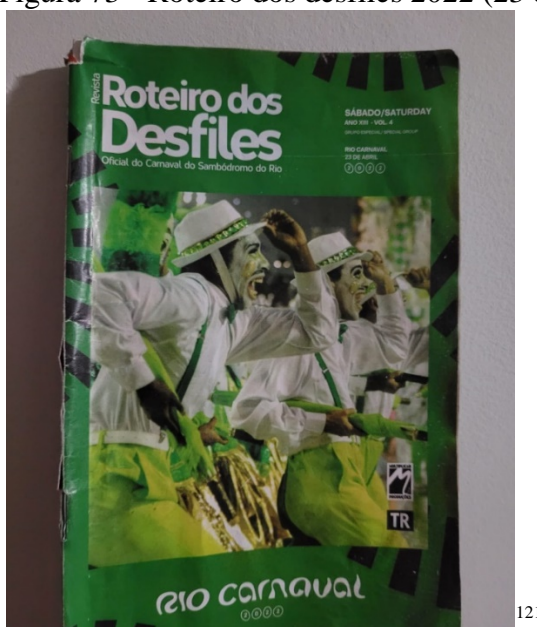
Em alguns momentos, também sou espectadora dessa grande festa, isto é, durante os outros dias de desfile, procuro estar na Sapucaí para assistir às coirmãs, porém o conceito de espectadora precisa ser atualizado quando falo sobre a Sapucaí. Quem está ativamente em uma escola de samba, não assiste aos desfiles meramente, e, sim, vive cada escola que passa pela Avenida.

Durante o desfile do segundo dia, 23 de abril de 2022, recebi um roteiro de desfiles como espectadora em que é possível ver a explicação de cada ala e alegoria. Este livro é oferecido aos apaixonados pelo carnaval que vão assistir aos desfiles. É bem diferente do roteiro do diretor de Harmonia porque apresenta mais informações voltadas à festa, inclusive algumas informações aos turistas em outros idiomas.

Nota-se a quantidade de eventos de letramentos que envolvem saberes específicos e práticas dotadas de interação social que habitam as escolas de samba e como essas práticas vão mudando ao longo dos tempos. Antigamente, as revistas oferecidas nos dias de desfile apresentavam apenas a ficha técnica e a letra dos sambas-enredo. Atualmente, temos um roteiro mais detalhado que é um objeto multimodal unindo escrita, imagens e tecnologias. Veja imagem a seguir.

<sup>120</sup> Foto (arquivo pessoal) do roteiro de alas e grupos da GRES Unidos do Viradouro.

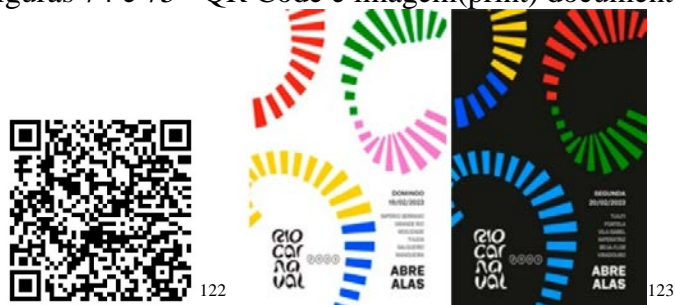
Figura 73 - Roteiro dos desfiles 2022 (23 de abril)



121

Há alguns documentos que aliados às suas práticas podem ser considerados letramentos carnavalescos voltados aos jurados como o livro abre-alas, publicação interna da LIESA, que tem todas as informações sobre as agremiações, os desfiles e os nove quesitos de julgamento. Estas informações são fornecidas pelas agremiações. Estes livros facilitam a concentração de dados para o acesso dos jurados durante os desfiles e ele pode acessar para conferir se algo está certo ou errado durante o seu julgamento. Acesse o site da LIESA através do QR code e veja estes livros que também são feitos para a imprensa especializada.

Figuras 74 e 75 - QR Code e imagem(print) documento Abre- Alas



É possível notar após esses exemplos, a quantidade de letramentos que fazem parte das escolas de sambas. Trouxe exemplos voltados à escrita, mas quero ir além porque o letramento não se resume apenas à escrita. É saber, conhecimento, interação, prática social.

<sup>121</sup> Foto (arquivo pessoal) do roteiro dos desfiles do segundo dia das escolas de samba do Grupo Especial.

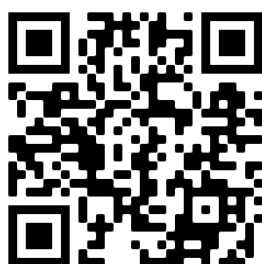
<sup>122</sup> QR Code – Site Liesa (Documento Abre-Alas)

<sup>123</sup> O livro abre-alas é dividido em duas partes de acordo com os dois dias de desfile.

Outo grande exemplo de práticas de letramento foram as lives desenvolvidas nesse período pandêmico iniciado em março de 2020. As lives são um exemplo de multimodalidade porque envolvem ao mesmo tempo a escrita, o visual (a imagem, o vídeo) e a oralidade. São exibições feitas ao vivo que ganharam uma repercussão maior devido à pandemia. As pessoas não podiam estar perto uma das outras por conta da doença e assistir às lives era o meio mais eficaz de estar perto, ainda que de modo digital, do que as pessoas faziam ao vivo. Em relação ao carnaval, as lives foram uma forma utilizada para esquentar o coração dos sambistas cheios de saudade. A Viradouro, por exemplo, realizou diversas exibições que descreverei adiante.

Uma das lives feitas (QR code a seguir) teve como tema o anúncio do enredo de 2021 que se transformou no enredo de 2022 em que o Zé Paulo Sierra (intérprete da escola naquela época) acompanhado do Hugo Bruno (cavaquinista) fez um show cantando os sambas-enredos da escola além de apresentar os recados da direção de carnaval e direção geral de harmonia gravados em vídeos feitos em suas casas. Por último, mas não menos importante a live contava com a presença do presidente da escola Marcelinho Calil, do diretor de carnaval Alex Fab e dos carnavalescos do carnaval 2020 e 2021 (2022), Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon. Eles anunciaram o enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria”. Com a pandemia, o desfile só ocorreu em abril de 2022.

Figuras 76 e 77 – QR Code e imagem (print) do anúncio do enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” da Viradouro

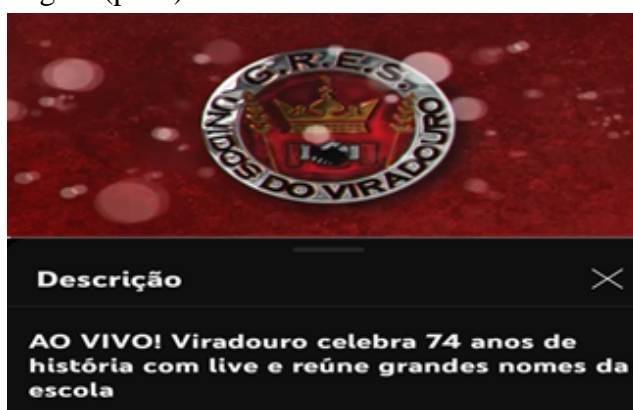
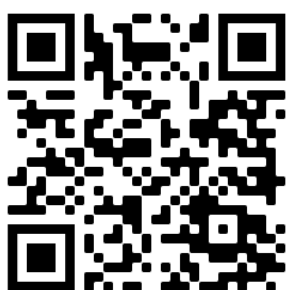


Não teve apenas enredo anunciado nas lives, a Viradouro fez uma apresentação ao vivo para celebrar e contar os seus 74 anos de história (QR Code a seguir) em que é possível observar um quizz com perguntas sobre a escola além dos projetos “Zé Paulo não canta Viradouro” em que intérpretes de outras agremiações assim como presidentes e diretorias eram convidados para conversar, narrar e cantar suas histórias e as histórias das agremiações. Sendo assim, Zé Paulo cantava apenas os sambas-enredo da agremiação convidada.

<sup>124</sup> Live do anúncio do enredo de 2021 (Unidos do Viradouro): <https://www.youtube.com/watch?v=yfujB4UBrQU&t=3861s>

No canal da Unidos do Viradouro no Youtube, vocês podem ver também o “Jornal da Viradouro” com notícias sobre a escola, o reality show “O aderecista” em que os profissionais que fazem a festa nos bastidores, dentro do barracão participam de uma competição e recebem uma visibilidade midiática, o “Baú da Viradouro”, que apresenta sambas antigos e lives das disputas de samba e festas desde que a abertura da quadra aconteceu depois da flexibilização das atividades no cenário da pandemia do Covid-19.

Figura 78 e 79 - QR code e imagem (print) da live comemorativa



A Viradouro tem caminhado de mãos dadas com a tecnologia e o audiovisual. Já citei as lives e antes de finalizarmos esse subcapítulo, não posso deixar de comentar sobre documentários e clipes. Em relação ao primeiro, temos um que foi feito para “As ganhadeiras de Itapuã”, nosso enredo de 2020 em que nos consagramos a escola campeã. É um documentário de quinze minutos que foi apresentado na quadra para a toda comunidade e segmentos em um telão em um dos últimos ensaios da temporada de 2020.

A emoção se fez presente porque é representativo ver a história destas mulheres negras baianas atravessadas pela ancestralidade, diáspora africana em um misto de africanidade e brasilidade sendo contadas em uma escola de samba como se as pluralidades que envolvem as nossas africanidades se encontrassem no palco da quadra e, em seguida, no maior espetáculo da Terra, inclusive antes de as Ganhadeiras estarem nas alegorias e na escola no dia do desfile, elas estiveram presentes nas disputas de samba, inclusive manifestaram suas preferências e também fizeram show em um evento da Viradouro. Ali, temos as histórias de luta das mulheres ganhadeiras em suas águas, mares, rios, ganhos, terreiros, igrejas, isto é, no seu axé e na sua fé. O samba de 2020 tem os seguintes versos “Levanta, preta/ que o sol está

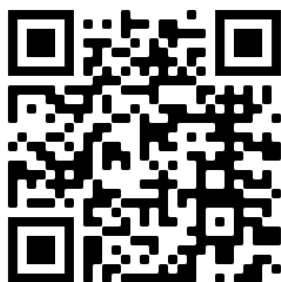
<sup>125</sup> Live dos 74 anos da escola Unidos do Viradouro - <https://www.youtube.com/watch?v=6fdfANcM3D0&t=8289s>

<sup>126</sup> Imagem (print) da live de 74 anos da escola Unidos do Viradouro disponibilizada no canal oficial da escola.



na janela” e adianta que “... as nossas ancestrais acordavam as manhãs/ para a luta” e com essa força e representatividade, os componentes e os demais segmentos também lutaram para ganhar a disputa.

Figuras 80 e 81 - Documentário: As Ganhadeiras de Itapuã – As ganhadeiras da Viradouro



Além do QR Code, veja algumas fotos do momento em que toda a agremiação assiste ao documentário citado anteriormente, evidenciando uma prática de letramento que envolve a interação das pessoas estavam assistindo e a tecnologia porque foi apresentada em um telão e usou inúmeros recursos audiovisuais em sua gravação, edição e apresentação. Isto são multiletramentos de acordo com a perspectiva do New London Group em que é possível observar uma multiplicidade de discursos e recursos visuais, tecnológicos, midiáticos envolvidos em pedagogias (pedagogias do multiletramentos) que procuram abarcar os diferentes contextos sociais, culturais e linguísticos de sociedades atuantes no período da globalização. De acordo Cazden et al,

Buscamos destacar dois aspectos principais dessa multiplicidade. Primeiramente, gostaríamos de estender a noção e o escopo da pedagogia do letramento para que ela levasse em conta o contexto de nossas sociedades cultural e linguisticamente diversas e progressivamente globalizadas, bem como a variedade de culturas que se inter-relacionam e a pluralidade de textos que circulam. Em segundo lugar, sustentamos que uma pedagogia do letramento precisa dar conta agora da crescente variedade de formas textuais associadas às tecnologias da informação e multimídia. (2021, p.13)

<sup>127</sup> Documentário “As ganhadeiras de Itapuã – As ganhadeiras da Viradouro (Carnaval 2020)”: <https://www.youtube.com/watch?v=8Tzbf5PGFFg&t=12s>

<sup>128</sup> Imagem (print) do documentário disponibilizado no canal oficial da Viradouro.

Veja a seguir algumas fotos do dia em que o documentário foi exibido na quadra da escola. As imagens são de autoria do Leandro Lucas e da Renata Xavier, fotógrafos da Viradouro.

Figura 82 - Exibição do documentário na quadra da Viradouro



129

Fonte: <https://web.facebook.com/unidosviradouro/>

Figura 83 - Pessoas assistindo ao documentário na quadra em um dia de ensaio



130

Fonte: <https://web.facebook.com/unidosviradouro/>

A reunião de todos os segmentos para esse momento, em que foi possível assistir ao documentário na quadra, revela uma experiência multimodal em que as tecnologias se ligam, à música, à escrita, ao gestual, por exemplo, a postura das pessoas que estavam vendo o documentário revela atenção e respeito ao que foi desenvolvido sem contar com a escrita, o

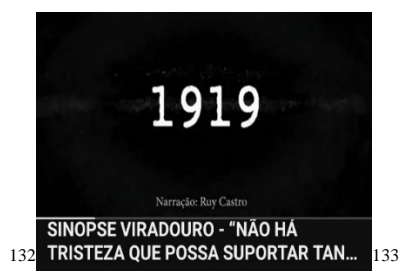
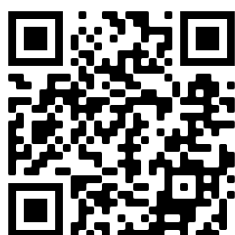
<sup>129</sup> Dia em que o documentário foi exibido na quadra da G.R.E.S Unidos do Viradouro.

<sup>130</sup> Dia em que o documentário foi exibido na quadra da G.R.E.S Unidos do Viradouro.

canto, a oralidade e as imagens que estavam presentes no documentário. Naquele momento, a maioria dos presentes estava ali em prol de um mesmo objetivo: entender um pouco mais sobre o enredo apresentado em comunidade.

Para finalizar os exemplos de multiletramentos, apresento a vocês o vídeo desenvolvido para a sinopse do enredo 2022 e o clipe oficial do samba-enredo de 2022 composto por Felipe Filósofo, Fabio Borges, Ademir Ribeiro, Deivid Gonçalves, Lucas Marques e Porkinho. O samba-enredo ganhou o Estandarte de Ouro<sup>131</sup> na categoria Inovação por ser um samba em formato de carta.

Figuras 84 e 85 – QR code e imagem (print) da sinopse do enredo Viradouro 2022: “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria...”



Além da sinopse, o clipe oficial do samba-enredo merece um destaque porque traz todo o enredo em dez minutos e cinco segundos a partir de uma perspectiva audiovisual multimodal como pode ser visto no vídeo a seguir. O clipe foi anunciado em um dia de ensaio (veja a foto do painel a seguir):

Figura 86 - Painel do lançamento do clipe oficial do samba-enredo da Viradouro 2022



<sup>131</sup> O Estandarte de Ouro é uma premiação antiga e extraoficial do carnaval.

<sup>132</sup> Qr code do vídeo da sinopse do enredo 2022 da Unidos do Viradouro ([https://www.youtube.com/watch?v=j\\_1v\\_ays4T0&t=22s](https://www.youtube.com/watch?v=j_1v_ays4T0&t=22s))

<sup>133</sup> Imagem (print) do vídeo da sinopse do enredo 2022 - Viradouro

<sup>134</sup> Painel do anúncio do clipe oficial.

Figuras 87 e 88 - QR code e imagem (print) do clipe oficial do samba-enredo da Viradouro 2022 no Youtube



135



136

A imagem acima traz as baianas da agremiação dando um banho de pipoca no protagonista do clipe, fazendo uma menção ao rito religioso do orixá Obaluaê, que é mencionado no samba-enredo e é voltado à cura. Isto explica muito as orações e rezas para Obaluaê em momentos de doença, principalmente, nas pandemias seja de gripe espanhola (abordada pelo enredo) como a pandemia recente do Covid-19.

Conforme o que foi apresentado, as escolas de samba são comunidades de prática (WENGER,1999) em que é possível presenciar os eventos e práticas de letramento multimodais (ler a letra do samba durante o ensaio, assistir aos documentários, saber a hora de entrar no ônibus durante as saídas, vestir uma camisa específica para o ensaio técnico, entre outros). Estes letramentos apresentados são carnavalescos porque fazem parte do universo das escolas de samba do Rio de Janeiro.

A partir disso, escreverei sobre os letramentos que fazem parte do segmento Velha Guarda e daqueles mais antigos que fazem parte da agremiação como as baianas mais antigas e membros da bateria mais antigos, porém concentrei os meus estudos especialmente na Galeria da Velha Guarda do Unidos do Viradouro que eu intitulei como Letramentos Baluartes.

<sup>135</sup> Clipe oficial do samba-enredo da Unidos do Viradouro.

<sup>136</sup> Imagem (print) do clipe oficial do enredo 2022 da Viradouro.

## 5.2 Letramentos baluartes: a reexistência, a memória e ancestralidade

Respeito, memória, tradição, ancestralidade, amor, orgulho e resistência são palavras recorrentes em territórios múltiplos chamados “escolas de samba” e se encontram no coração de cada baluarte. Mas, o que significa esta palavra?

Segundo o dicionário Infopédia<sup>137</sup> de Língua Portuguesa, a definição é a seguinte:

ba.lu.ar.te /nome masculino/ 1. elemento de defesa situado nos ângulos de uma fortificação, avançado em relação a ela e destinado a protegê-la; bastião/ 2. local completamente seguro; fortaleza inexpugnável/ 3. figurado conjunto dos defensores de um ideal/ 4. figurado sustentáculo; alicerce

O item 3 dessa citação traz um sentido que corrobora com o que pretendo conceituar aqui, porém, pode-se ir muito além com a definição do que é ser baluarte no samba, no carnaval, nas escolas de samba a partir da definição de Luiz Antonio Simas e Nei Lopes no “Dicionário da História Social do Samba”,

No vocabulário militar, “baluarte” é o sustentáculo de um reduto, a fortaleza inexpugnável. O termo acabou se incorporando ao universo das escolas para designar aquele indivíduo, geralmente veterano, que se destaca como grande defensor dos valores da sua agremiação e das tradições do samba, não medindo esforços nem sacrifícios. (2019, p.31)

A partir dessa citação e da definição que trouxe no início da pesquisa, conceituo que

Letramentos baluartes são aquelas construções sociais dotados de interação e práticas que envolvem conhecimentos que abarquem a sabedoria, a tradição, o amor, o respeito, a hierarquia, a memória, a ancestralidade, entre outros saberes oriundos dos antigos, os guardiões do samba, principalmente, aqueles que habitam as escolas de samba independente do segmento que ocupem como Velha Guarda, baianas, bateria. Os baluartes podem estar em diversos segmentos, mas o presente trabalho terá foco no segmento Velha Guarda, especialmente, a Galeria da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro.

Após essa definição, embarque em uma viagem ao túnel do tempo através desse vídeo.

<sup>137</sup> <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/baluarte>

Figuras 89 e 90 – QR code e imagem (print) da Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira (1999)



138



139

Este vídeo apresenta a Comissão de Frente da Mangueira de 1999 produzida por Carlinho de Jesus e nomeada como “Baluartes do Samba Vivos” no enredo intitulado “O Século do Samba”. Na comissão, artistas (bailarinos e atores) representavam os baluartes como Tia Ciata, Cartola, Pixinguinha, Candeia, Clementina de Jesus, Natal da Portela, Ismael Silva, entre outros com suas vestimentas e trejeitos específicos, tão específicos ao ponto de usarem acessórios pertencentes aos sambistas que estavam ali sendo representados, por exemplo, o óculos utilizado pelo personagem “Cartola” é o óculos verdadeiro do sambista Cartola assim como a piteira do Donga trazendo assim uma noção de pertencimento, de espiritualidade e patrimônio como se os sambistas que já se foram estivessem ali presentes através das suas representações e de seus objetos.

Além dos itens pertencentes aos sambistas, procurou-se enaltecer suas características, por exemplo, a distração de Clementina de Jesus já em sua longa idade tendo em vista que não conheceu a Marquês da Sapucaí e o atraso do senhor Ismael Silva ao chegar na avenida em algum desfile. Essas informações foram retiradas de uma entrevista do Carlinho de Jesus no vídeo<sup>140</sup> que recebe o nome de “O século do samba – Comissão de Frente da Mangueira de 1999” e traz a importância dos primeiros baluartes, ou seja, dos fundadores das escolas de samba, daqueles que carregaram em sua essência, a resistência, a união, o amor e a ginga do sambista como formas de reexistir.

Quando escrevo a palavra “reexistir”, convoco nessas páginas a autora “Ana Lúcia Silva Souza” que, com seu livro “Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP” me ensinou a olhar os letramentos como forma de reexistir no mundo, ou seja,

<sup>138</sup> Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira de 1999:  
<https://www.youtube.com/watch?v=7Fz0028yT10&t=2s>

<sup>139</sup> Imagem (print) da comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira (1999)

<sup>140</sup> O século do Samba – Comissão de Frente da Mangueira 1999  
<https://www.youtube.com/watch?v=xepjNpMJ1oc>

trazer e marcar novas formas de existência. No caso dos letramentos presentes da Velha Guarda, registrar existências ancestrais.

Para isso, é preciso caminhar de acordo com as perspectivas dos novos estudos de letramentos que

compreendem as práticas de letramentos como múltiplas e historicamente situadas. Longe de serem homogêneas, pois modeladas e construídas culturalmente, são marcadas pela heterogeneidade e estão relacionadas aos papéis e aos lugares sociais que ocupamos, ou somos impedidos a ocupar, na sociedade. (SOUZA, 2011, p.34)

Através da perspectiva do que é plural e múltiplo, atento aos ensinamentos de Hall (2003) e Gilroy (2001) em que

os povos africanos adentram diferentes cenários levando em seus corpos um construto milenar – os saberes, a palavra, a arte, a musicalidade, a estética, os valores – fonte de ritos e de práticas políticas, culturais e sociais que os sustentaram em suas mais diversas formas de reinventar a vida em meio à escravidão. (SOUZA, 2011, p.41)

Ponto isso porque o samba e o carnaval têm uma origem negra, nasceu da resistência e reexistência, ou seja, os sambistas carregam em sua ginga, canto e batuque os ventos da ancestralidade e insistem em lutar diariamente pela sua continuidade construindo o legado. Hoje em dia, o cenário das escolas de samba mudou bastante, inclusive, as pessoas que dela fazem parte, mas a necessidade de reinvenção continua presente na comunidade aguerrida que canta, na baiana que roda e nos baluartes que mantêm a tradição.

Logicamente, este cenário é cruzado de inúmeras existências e as escolas como já escrevi anteriormente são ambientes vivos e complexos. Logo,

Ao longo do tempo, as produções culturais negras, “culturais de resistências”, antes de serem entendidas em sua “pureza”, como manutenção ou retorno às tradições ou legados da “África”, são produções híbridas, nascidas nos intercruzamentos de culturas como combinações de transgressões, submissões, negociações, interdições, trocas, rupturas e subversões. (SOUZA, 2011, p.41)

O intercruzamento se faz presente nas escolas de samba e os letramentos de reexistências que habitam as escolas de samba têm uma origem negra, porém tem influência de outras culturas. Além disso, é necessário abordar que as culturas negras também são plurais.

A dimensão cultural negra resgata a possibilidade de descobrirmos as raízes dos nossos antepassados e daqueles que seguem vivos perpetuando os ensinamentos da memória e

da raiz como o segmento Velha Guarda. Os sambistas baluartes que ecoavam e ecoam seus cantos e ritos baseados no ontem dão sentido ao nosso hoje. Aprofundar essas questões étnico-raciais é resgatar o passado e entender o presente para construirmos um novo futuro. Santos corrobora essa visão no seguinte trecho: “a possibilidade de um futuro melhor não está assim, num futuro distante, mas na reinvenção do presente.” (2004, p. 814) revelando assim a importância do agora. Continuar a refletir e estudar sobre culturas negras, nos aspectos de ser negro dentro da sociedade, vai nos dar uma nova alternativa de compreensão e crescimento sociopolítico.

Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos “de baixo”, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. Se aqui os instrumentos da cultura de massa são reutilizados, o conteúdo não é, todavia, “global”, nem a incitação primeira é o chamado mercado global, já que sua base se encontra no território e na cultura local e herdada. [...] Os “de baixo” não dispõem de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha a força necessária para deformar ali mesmo, o impacto da cultura de massas. Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada. Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. (SANTOS, 2011, p. 144)

“Gente junta cria cultura”, “discurso territorializado”, “experiência da convivência e da solidariedade”. Esses trechos relatam engrenagens das escolas de samba na construção dos laços, dos componentes carnavalescos e, principalmente, como as culturas provenientes das escolas de samba através de seus pertencimentos e territórios se transformaram em um carnaval-espetáculo reconhecido como o maior espetáculo da terra tendo em vista que os sambistas não foram cooptados. Eles negociavam com o poder público através de suas agências, táticas de sobrevivência e de reexistências.

No Brasil, no Rio de Janeiro, o sambista negociou muito e negocia até hoje seja na ginga do malandro com o poder da palavra, seja aceitando coisas que não são tão favoráveis para colher lá na frente, sendo astuto, sabendo a hora de calar e de falar. Hoje em dia, o samba parece não estar tão à margem como no passado, por exemplo, não há Lei da Vadiagem, mas há o tribunal da internet cheio de racismo religioso, há aqueles que não queriam carnaval ao longo da flexibilização nesse momento pandêmico enquanto todos os eventos já estavam acontecendo, mas não ofereciam formas e propostas para que os sambistas se mantivessem financeiramente ao longo desses tempos. Em relação ao contexto pandêmico, muitos não queriam a abertura das atividades do carnaval depois da flexibilização, inclusive políticos



mesmo diante de pessoas sem emprego devido a quase dois anos sem carnaval. Logo, a margem segue existindo e nós seguimos buscando formas de ultrapassá-la.

Sendo assim, quando visualizo os demais territórios e situações sociais e plurais, “validam-se tanto as práticas adquiridas por meio de processos escolarizados, nas esferas mais institucionalizadas, como as adquiridas em processos e espaços de aprendizagem em distintas esferas do cotidiano” (SOUZA, 2011, p.35), por isso, o ambiente das escolas de samba, especialmente, a Galeria da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro é um espaço de aprendizagem que atua cotidianamente na arte de ser um baluarte que reexiste.

Antes de mergulhar nas águas dos letramentos baluartes da Galeria da Velha Guarda da Unidos do Viradouro, peço que embarque comigo nessa viagem para algumas agremiações. O intuito é ouvir a palavra desses senhores e senhoras, baluartes da Estação Primeira de Mangueira, G.R.E.S Portela, Acadêmicos do Salgueiro e G.R.E.S. Estácio de Sá e refletir como o sentimento-palavra “baluarte” e ser da Velha Guarda são tão semelhantes e diferentes ao mesmo tempo na maioria das agremiações.

Figuras 91 e 92 - QR code e imagem (print) da reportagem do Jornal “O Globo” que apresenta alguns baluartes comentando a tradição do samba em suas agremiações



141



142

<sup>141</sup> Vídeo do canal do “Jornal O Globo” em que alguns baluartes apresentam a tradição das escolas de samba. <https://www.youtube.com/watch?v=rk-oA2-R0rw>

<sup>142</sup> Imagem (print) do vídeo “Baluartes levam adiante a tradição das escolas de samba”.

Figura 93 - O senhor Waldomiro com a faixa de baluarte (print do vídeo)



143

Este vídeo aponta tantos letramentos como a arte de Seu José Irineu em aprender o tarol sozinho pelo fato de estar fascinado pela escola de samba e pelo instrumento, a arte de bailar da baiana que, com a idade, foi para a Velha Guarda e que dizia que “A Mangueira é tudo” assim como o Senhor Waldomiro que estava com faixa de baluarte diz que a “Portela é tudo” e o participante da pesquisa José Carlos Esticadinho, que, infelizmente, faleceu antes dessa pesquisa ser finalizada e publicada, diz que a “Viradouro é tudo”. O que pode ser este “tudo”? Penso que este tudo está conectado ao sentido de “vida” e de “sagrado”. É na escola de samba que esses senhores e senhoras encontram o sentido de suas vidas além de praticarem a sua fé no chão da escola e no cotidiano da sua escola de samba.

A reexistência de um baluarte envolve a visão de ter a sua escola de samba como ponto de chegada sendo que o ponto de partida é quando o corpo e o espírito resolvem fazer a passagem.

No subcapítulo sobre a Viradouro e a Velha Guarda, é possível observar os letramentos baluartes como o encontro das bandeiras, as práticas que envolvem a Velha Guarda nos ensaios, nas saídas, nos vídeos, mas é preciso trazer os dados da pesquisa e apontar os letramentos baluartes que estão presentes.

<sup>143</sup> Imagem (print) do senhor Waldomiro com a faixa de baluarte.

## 6 LETRAMENTOS BALUARTES NO G.R.E.S UNIDOS DO VIRADOURO

Muitas práticas de letramentos carnavalescos e baluartes foram evidenciadas ao longo da pesquisa até o momento. Neste capítulo, irei concentrar o recorte na agremiação e segmento pesquisado além de apresentar a análise de dados da conversa com o baluarte José Carlos Esticadinho. A conversa, a escrita da despedida e a visita à sala da Velha Guarda estão nos apêndices.

Um dos letramentos baluartes que podem ser mencionados é o momento em que a Velha Guarda entra nos ônibus organizados pela escola Unidos do Viradouro para visitas, ensaios e desfiles. Os diretores de Harmonia organizam a entrada dos segmentos nos ônibus e o primeiro segmento que entra no transporte é a Velha Guarda e depois a ala das Baianas, ou seja, é um letramento que envolve o respeito às hierarquias, à ancestralidade, aos mais antigos que fazem parte da agremiação.

Em relação às visitas, apresentarei aqui alguns vídeos em que alguns letramentos baluartes estão evidenciados.

Vejam a seguir três vídeos: um recente da Galeria da Velha Guarda da Viradouro chegando à Portela no dia 11 de fevereiro de 2022, outros mais antigos da chegada em outras agremiações. No primeiro, o segmento Harmonia da Portela faz um corredor para receber os demais segmentos da Viradouro, primeiramente, a Velha Guarda assim como é a primeira a entrar nos ônibus para as saídas.

Figuras 94 e 95 - QR Code e imagem (print) da chegada da Velha Guarda da Viradouro à Portela



Já os outros dois são de apresentações nas quadras de outras escolas como Mangueira e Caprichosos de Pilares. O primeiro vídeo mostra a Velha Guarda radiante na visita à

<sup>144</sup> Chegada da Velha Guarda da Viradouro à quadra da Portela - <https://www.youtube.com/shorts/8PRn3kSOSzk>

<sup>145</sup> Imagem (print) do vídeo da Velha Guarda da Viradouro à quadra da Portela.

Mangueira porque venceu o campeonato do acesso e estava de volta ao grupo especial. A esfera da disputa também é importante para a Velha Guarda tal qual um coletivo. “Vencemos”, devia ser o pensamento da maioria.

Através dessa ótica, a competição também é fundamental para a Velha Guarda mesmo que ela não seja um segmento que perde nota dos jurados, por exemplo. A grande questão é que ela faz parte da agremiação e obedece aos fundamentos da sua comunidade maior, no entanto, é notória a solidariedade e o respeito às demais agremiações que não são concorrentes da Viradouro como a Acadêmicos do Cubango e a Acadêmicos do Sossego<sup>146</sup>. Alguns componentes da VG desfilaram nas galerias dessas escolas em questão como forma de solidariedade, apoio e pertencimento territorial tendo em vista que as duas escolas também são da cidade de Niterói e não competem com a agremiação.

Figuras 96 e 97- QR code e imagem (print) da apresentação da Velha Guarda da Viradouro na quadra da Estação Primeira de Mangueira



147



148

É possível ver um casal de mestre sala e porta-bandeira assim como já foi explicado no subcapítulo sobre a Velha Guarda e os saberes e conhecimentos que eles apresentam também são letramentos baluartes.

O canto também é algo marcante na Velha Guarda, inclusive, havia grupos musicais que se apresentavam. Hoje em dia, a Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro não tem nenhum grupo musical, mas segue o registro de tempos de outrora. O primeiro vídeo a seguir trata de uma prática de canto comum: entoar o samba atual durante a festa da Velha Guarda. Esta festa ocorreu em dezembro de 2014 e o samba entoado é o de 2015 do enredo “Nas Veias do Brasil, é a Viradouro em um Dia de Graça”. A Galeria assim como toda a escola

<sup>146</sup> A Acadêmicos do Sossego cedeu os direitos do desfile do grupo de acesso a uma escola mais nova chamada Acadêmicos de Niterói e a maioria dos componentes migrou para a escola mais nova.

<sup>147</sup> Galeria da Velha Guarda da Viradouro na quadra da Mangueira - <https://www.youtube.com/watch?v=85ubetZHKBE&t=1s>

<sup>148</sup> Imagem (print) da Galeria da Velha Guarda da Viradouro na Mangueira.

estava bem feliz nessa época porque, em 2014, a escola foi campeã do grupo de acesso e estava de volta ao grupo especial.

Figuras 98 e 99 - QR code e imagem (print) do canto dos baluartes em uma das suas festividades



149



150

Já em outro vídeo (veja a seguir), é possível ver uma apresentação musical em que algumas senhoras da Velha Guarda cantam na Festa dos Protótipos em 2008. Essa festividade consiste em apresentar as fantasias do próximo desfile para a comunidade e os demais segmentos. Neste vídeo, estão presentes também o intérprete David do Pandeiro que faleceu em julho de 2020 e o carnavalesco Milton Cunha. Ambos faziam parte da Viradouro na época.

Figuras 100 e 101 - Festa dos Protótipos em 2008 (Velha Guarda Musical da Viradouro)



151



152

<sup>149</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=DxNjtybP\\_g0&t=47s](https://www.youtube.com/watch?v=DxNjtybP_g0&t=47s) – O canto dos baluartes em uma de suas festividades na Viradouro.

<sup>150</sup> Imagem (print) do canto dos baluartes em uma de suas festividades na Viradouro.

<sup>151</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=i3Tz5-2rK-A&t=2s>

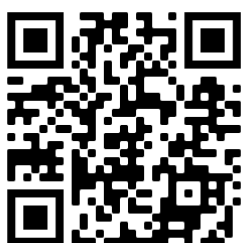
<sup>152</sup> Imagem (print) da festa de protótipos da Velha Guarda em 2008

A entrada no ônibus, o canto seja ele o tradicional ou na Velha Guarda musical, a recepção nas visitas às outras agremiações, o mestre-sala e a porta-bandeira da Velha Guarda durante a dança, o manuseio do pavilhão, o encontro das bandeiras, entre outras práticas citada ao longo do trabalho constituem os letramentos baluartes. Na análise dos dados, outros letramentos baluartes serão evidenciados e discutidos.

Acredito que nessa pesquisa que os letramentos presentes nas escolas de samba educam, acolhem e reexistem mesmo em tempos mercadológicos fazendo parte de um movimento negro educador proposto por Nilma Lino Gomes (2017) que busca a emancipação e a superação das desigualdades raciais. Educador no que diz respeito às práticas sociais cotidianas porque segue transmitindo saberes para as lutas no que diz respeito à identidade, aquilombamento e pertencimento, ou seja, práticas que envolvem os letramentos, inclusive os baluartes. Pretendo discutir essa associação em trabalhos posteriores.

Silvio Almeida, atual ministro dos direitos humanos, em sua fala (veja a seguir) ao programa Roda Viva<sup>153</sup> no dia 22 de junho de 2020, diz que “Movimento negro é a solidariedade das favelas, são as escolas de samba, são os terreiros”, colaborando com a ideia do carnaval como movimento negro. Um exemplo disso, são as ações sociais propostas por estas instituições nesse momento de pandemia, agindo como elemento acolhedor de grupos marginalizados que são invisíveis para o Estado.

Figuras 102 e 103- Sílvio Almeida no Programa “Roda Viva” em 2020



A partir disso, trazer os letramentos carnavalescos, principalmente, os letramentos baluartes é mostrar que uma parte da luta negra, “A história que a história não conta”, deve ser contada e é possível reexistir assim como o samba<sup>156</sup> do G.R.E.S Unidos do Viradouro de 2019 composto por Renan Gêmeo, Bebeto Maneiro, Thiago Carvalhal, Ludson Areia, Jr.

<sup>153</sup>Link do programa “Roda viva” com Silvio Almeida [https://www.youtube.com/watch?v=yMbjBPK\\_IFs](https://www.youtube.com/watch?v=yMbjBPK_IFs)

<sup>154</sup> Qr code do programa “Roda Viva com Silvio Almeida: [https://www.youtube.com/watch?v=yMbjBPK\\_IFs](https://www.youtube.com/watch?v=yMbjBPK_IFs)

<sup>155</sup> Imagem (print) do Silvio Almeida no programa “Roda Viva”

<sup>156</sup><https://www.letras.mus.br/unidos-do-viradouro-rj/samba-enredo-2019-viraviradouro/>

Filhão, Raphael Richaid, Ricardo Neves e Carlinhos Viradouro aponta porque “a coragem que me faz lutar/É a esperança, razão de sonhar/ Imaginar e renascer /No Sol de cada amanhecer/ Das cinzas voltar/Nas cinzas vencer” (2019).

A seguir, a análise de dados e o corpus da pesquisa serão apresentados como diz o samba da Viradouro composto por Gustavo, G. Gomes, Heraldo Farias e Gelson em 2003 “Abram as cortinas que show vai começar...”

### 6.1 Análise de dados

De acordo com os dados existentes (despedida de uma baluarte, conversa com o baluarte Esticadinho e a Visita à sala da Velha Guarda), escreverei uma análise a partir de eixos (palavras e expressões que foram recorrentes nos dados). Além disso, é possível ver em seguida uma proposta de análise desses dados, de acordo com o roteiro “Investigando práticas de letramento em uma perspectiva etnográfica” proposto por Street e Lefstein.

Durante a conversa que tive com o baluarte Esticadinho, observei após assistir ao vídeo da gravação e ler a minha transcrição, a presença das palavras *carinho*, *dedicação*, *respeito*, *amor* e *alegria* com alguma frequência. Esses sentimentos denotam a felicidade em pertencer a um determinado grupo, nesse caso, a agremiação e como esses sentimentos só podem ser possíveis por fazer parte de algo em que você se sinta acolhido e necessário. Esses sentimentos fazem parte dos letramentos baluartes, mas gostaria de destacar um que é o orgulho. Analiso o orgulho como parte dos letramentos baluartes porque é a partir da interação, do desenvolvimento dos seus ofícios como integrante da Velha Guarda e de outros segmentos anteriormente que o orgulho se desenvolve. O baluarte sente orgulho de ser parte (participação – comunidade de prática) da sua agremiação.

O orgulho está presente no sorriso do baluarte em todos os momentos em que a sua escola do coração é mencionada. Inclusive, o baluarte Esticadinho falou “A Viradouro é a Viradouro” / “A Velha Guarda da Viradouro é uma velha Guarda (ênfatisando com orgulho) / “Velha Guarda é orgulhosa”, ou seja, é possível notar que este sentimento é elemento suleador da conversa porque ter orgulho de sua identidade e do que se faz parte implica o resgate à cultura, à memória daquele lugar cotidianamente porque as suas práticas revelam a vivência diária.

O senhor Esticadinho era visto como um baluarte da Velha Guarda e recebeu uma homenagem no seu aniversário de 81 anos: foi proclamado presidente de honra da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro. Depois do seu falecimento, o título continua sendo dele, porém *in memoriam*. Outro exemplo marcante e atual é o reconhecimento da própria Velha Guarda, que decidiu homenagear Dona Ilza Lemos, de noventa e quatro anos, que recebeu a sua faixa de baluarte no dia 24 de junho de 2023. Veja as fotos a seguir:

Figura 104 - Imagem do baluarte Esticadinho em sua casa



157

Fonte: <https://web.facebook.com/velhaguardaviradouro/>

A faixa do Avô Sambista é um título dado pela Associação das Velhas Guardas do Rio de Janeiro, já a faixa de Baluarte da Velha Guarda foi dada à Ilza Lemos pela própria Galeria.

---

<sup>157</sup> O baluarte Esticadinho em sua casa. Reparem que, na parede, há inúmeros prêmios assim como troféus nas prateleiras. É muito importante destacar como a sua casa era um lugar em que muitos registros da história dele e da Viradouro marcavam espaço, simbolizando todos os anos em que ele se dedicou à agremiação.



Figura 105 - Faixa de baluarte com o nome da Ilza bordado



158

Fonte: Arquivo pessoal da Velha Guarda da Viradouro

Figura 106 - A baluarte Ilza Lemos



159

Fonte: Arquivo pessoal da Velha Guarda

---

<sup>158</sup> Faixa de Baluarte da Velha Guarda da Viradouro com o nome da Ilza bordado.

<sup>159</sup> Baluarte Ilza Lemos homenageada em 24 de junho de 2023 no aniversário da escola.

Figura 107 – Parte da Velha Guarda, a baluarte homenageada Ilza Lemos, o presidente atual da agremiação, Hélio Nunes e o vice-presidente, Moracyr



160

Fonte: Ewerton Pereira/@unidosdoviradouro

O eixo “respeito” faz parte intrinsecamente da Velha Guarda assim como a doutrina e a disciplina porque são elementos fundadores desse segmento. Em todas as suas práticas de letramento, o respeito se faz presente seja entre os baluartes, seja em relação à outras Velhas Guardas e à aplicação do respeito, honraria e reverências enquanto eles estão no local seja ela a sua escola do coração ou outra agremiação. A cerimônia de despedida da sambista está pautada no respeito e nas reverências tendo em vista que a prática de levar o pavilhão ao enterro constitui a última homenagem prestada à sambista.

A religiosidade também é algo que está presente tanto na conversa com o baluarte como na despedida da porta-bandeira em que podemos ver um cruzamento entre o catolicismo do baluarte que conversei e a influência disso em suas falas, inclusive, na explicação sobre Nossa Senhora Auxiliadora. Já, na despedida podemos ver a influência das religiões de matriz africana em suas práticas.

<sup>160</sup> Foto disponibilizada no Instagram oficial da Escola mostrando assim a importância de enaltecer as raízes do samba.

Figura 108 – São João Batista, protetor da escola e o pavilhão



161

Fonte: Arquivo pessoal

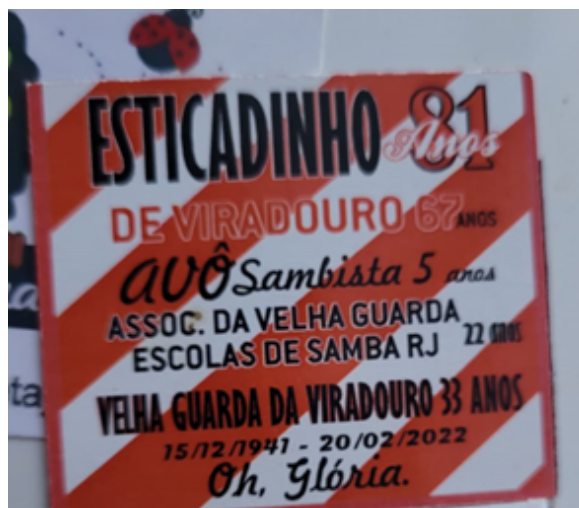
Um outro eixo a ser mencionado é o da disputa em que podemos ver a fala do baluarte “Viradouro, pra mim, em primeiro lugar...”, inclusive, ele pauta a importância dos campeonatos, o fato de não fazer parte de outra agremiação que dispute com a Viradouro. Isto é um letramento baluarte que implica colocar a sua agremiação em primeiro lugar e que está intimamente ligado ao amor que se tem pela agremiação.

Um letramento baluarte que se fez muito presente na conversa é o letramento da origem e fundação em que foi possível observar a reexistência até os dias atuais desde que a Viradouro era uma barraca feita de pindoba até os dias atuais assim como as novas formas de existência do baluarte que vendia amendoim em frente à quadra e depois foi crescendo junto com a escola até ser premiado e reconhecido em seu meio com faixas e honrarias. Isto configura um letramento baluarte bem específico porque ele é um baluarte que estava presente nos tempos de fundação da escola. A marcação do tempo em que o baluarte está presente na agremiação e nas funções constitui um traço do letramento baluarte e aponta para a

<sup>161</sup> Foto do meu arquivo pessoal em que podemos ver a imagem de São João Batista e um pavilhão.

importância da permanência e da quantidade de sabedoria e experiência adquirida ao longo do tempo.

Figura 109 - Calendário feito pela família do baluarte Esticadinho na sua festa de 81 anos



162

Fonte: Arquivo pessoal

As questões étnico-raciais estão bem fundamentadas em suas vivências. Um desses momentos em que se pode notar isso é quando o baluarte comenta que ninguém ia ao morro, apontando ali o preconceito que as pessoas tinham em acessar aquela localidade. Curiosamente, em nenhum momento foi falada a palavra racismo durante a conversa o que denota a sutileza dessa ideologia que atua totalmente velada e agindo na base de forma quase imperceptível.

Por fim, o letramento baluarte do aprendizado se faz presente em “A Viradouro me ensinou muito...”. Em muitos momentos, o baluarte apontou a quantidade de aprendizado adquirido nesses anos de escola de samba, o que nos leva ao nome fundador das agremiações que são as escolas de samba. Na escola, aprendemos e ensinamos e é assim que funciona no carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Após essa explanação da análise de dados, seguem três análises de dados a partir do roteiro “Investigando práticas de letramento em uma perspectiva etnográfica” (STREET e LEFSTEIN, 2007, p. 193-195) a seguir:

<sup>162</sup> Imagem do arquivo pessoal de um calendário feito para a festa do Senhor Esticadinho.

## ROTEIRO DE ANÁLISE DE PRÁTICAS DE LETRAMENTOS

Investigando práticas de letramento em uma perspectiva etnográfica

(STREET; LEFSTEIN, 2007, pp. Tradução livre de Marcia L. C. de Oliveira)

### Cenário

- Onde ocorre o evento?
- O que está acontecendo lá?
- Como esse lugar é organizado?

### Participantes

- Quem está envolvido no evento?
- Que recursos sociais e semióticos eles trazem para a situação?
- Quais são seus papéis?

### Texto (s) e outros objetos

- Quais textos (incluir o multimodal) estão presentes como parte dessa atividade?
- Como os textos são identificados pelos diferentes participantes?
- Quais suposições os autores dos textos fizeram sobre seus possíveis leitores?

### Ações e sequenciamento

- O que os participantes estão fazendo?
- Existe alguma ordem específica para essas ações?
- Como os participantes sabem que o evento começou ou terminou?

### Regras

- Quais são as convenções - explícitas e implícitas - que regem a atividade dos participantes?
- Como sabemos como ler as regras implícitas?
- Quem tem permissão para dizer e fazer o que e quando?

### Interpretação

- Como os participantes e observadores entendem o evento e os textos nele envolvidos?
- Quais são os significados do letramento nessa prática?

### Contextos

- Como podemos situar este evento no contexto histórico e geográfico?

- Como o evento é modelado por eventos e práticas anteriores, e por forças que operam em outro lugar?
- Que histórias relevantes são trazidas sobre ele?
- Como as práticas evoluíram ao longo do tempo?
- Como eles mudaram na passagem de um lugar para outro?
- Como essas trajetórias afetam o modo como a prática é atualmente vivenciada?

#### Juntando as informações

- O que significa ser letrado nessas práticas?
- Como este significado de letramento se compara com os letramentos legitimados que são promovidos em políticas educacionais e ensinados na escola?
- Até que ponto os modelos de letramentos dos participantes são autônomos ou ideológicos?
- Quais são as consequências de ser (il) letrado nessa prática?
- Que papéis o letramento desempenha, se houver, na diferenciação social e nas relações de poder?

A partir dessa proposta de investigação das práticas de letramento em uma perspectiva etnográfica, vou analisar os três dados dessa pesquisa (a despedida de uma baluarte, a conversa com o baluarte Esticadinho e a visita à sala da Velha Guarda). As análises vão ocorrer a partir de eixos como será visto a seguir no próximo capítulo.

## 7 LETRAMENTOS BALUARTES NA GRES VIRADOURO: INVESTIGANDO PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM UMA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

Para Brian Street,

As práticas de letramentos variam com o contexto cultural, não há letramento autônomo, monolítico, único, cujas consequências para indivíduos e sociedades possam ser inferidas como resultados de suas características intrínsecas. Como argumentei anteriormente, em lugar disso há 'letramentos', ou melhor, 'práticas de letramentos', cujo caráter e consequências têm de ser especificados em cada contexto. (2014, p. 82)

A partir dessa proposta de investigação das práticas de letramento em uma perspectiva etnográfica proposta por Brian Street, vou analisar os dados gerados nessa pesquisa.

Os dados analisados são a descrição do velório de uma integrante da Velha Guarda; o registro da entrevista com o baluarte Esticadinho (in memoriam), que se tornou uma roda de conversas com integrantes da Velha Guarda, e o relato da visita guiada à sala da Velha Guarda.

Optei por entrelaçar os três dados, seguindo o roteiro proposto por Street e Lefstein (2007, pp. 193-195), cuja tradução é apresentada na análise de dados. As análises foram realizadas a partir de oito eixos a seguir definidos pelos autores: Cenário, Participantes, Texto (s) e outros objetos, Ações e sequenciamento, Regras, Interpretação, Contextos e Juntando as informações.

Consoante Street, "A pesquisa etnográfica, porém, sugere que os letramentos locais são demasiado substanciais para serem simplesmente 'acomodados' em um modelo único, 'autônomo'" (STREET, 2014, p.60). Assim, nas análises a seguir, busquei compreender como se constituem os Letramentos Baluartes na Velha Guarda de G.R.E.S. Viradouro, nos três entendendo-os como letramentos locais e socioculturalmente situados.

### 7.1 Cenário

O cenário da despedida é um cemitério e ali temos o velório de uma grande integrante da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro. O ambiente, apesar de ser algo diferente dos ambientes que os sambistas costumam ocupar, apresenta uma esfera de pertencimento.

Observei também esse traço de pertencimento, que relaciono ao conceito de comunidade de práticas, na visita guiada à sala da Velha Guarda na conversa com o baluarte Esticadinho.

Escrevo sobre isso porque, no momento da despedida, as pessoas que prestam a última homenagem geralmente, são familiares, amigos e admiradores. Logo, em alguns momentos da vida do sambista, o cenário é feito por aqueles que o compõem.

No cemitério, o diretor de harmonia leva o pavilhão para prestar a última homenagem ao sambista, assim como um integrante da Velha Guarda ou da bateria toca o surdo para marcar o cortejo fúnebre. Ali, os sambistas estão unidos cantando sambas-enredo e exaltando aquela que acaba de partir.

Já, na sala da Velha Guarda, posso notar um cenário como extensão da casa, onde os sambistas da Velha Guarda se encontram toda semana. É o espaço deles na quadra, por isso, foi escolhido como cenário para gravar a conversa com o baluarte Esticadinho porque ali é um refúgio dos sambistas mais antigos. É onde eles conversam, fazem festas mais íntimas, reuniões do segmento, acertam as finanças e compartilham seus modos de ser e de viver.

A sala é um espaço de engajamento mútuo, como o momento no cemitério, o que também configura uma comunidade de prática. De modos bem diferentes, posso observar um núcleo de pessoas que vivem, sentem, assumem seus segmentos diante de todas as situações desde uma confraternização a uma despedida de uma baluarte.

Onde um grupo de sambistas das escolas de samba está, o pertencimento está também. É como se a geografia do sambista estivesse intimamente ligada ao chão em que a agremiação foi criada e ao mesmo tempo, o pertencimento está guardado em seu coração. Por onde ele vá, sua escola vai também.

## 7.2 Participantes

Em alguns momentos, escrevo frases que me marcam. Logo acima, mencionei que “o cenário é feito por aqueles que o compõem.” e eu arrisco dizer que essa é uma das máximas que ajudam a continuidade da nossa cultura nas escolas de samba. O sambista é o que faz a engrenagem do carnaval caminhar.

Chamo aqui os participantes de sambistas, porque são eles que sustentam essa pesquisa e as escolas de samba. São os sambistas que vão se despedir de uma grande baluarte,



assim como são os sambistas que estão lá na quadra de sua escola, dia após dia, mantendo a chama acesa do nosso carnaval. Portanto, quem está envolvido nos eventos estudados são os integrantes da Galeria da Velha Guarda, seja na despedida, na conversa com o baluarte ou na visita à sala da Velha Guarda.

Na despedida, todos estavam empenhados em respeitar o desejo daquela sambista de ser honrada em homenagem póstuma pelo seu ofício de ser sambista e porta-bandeira da Velha Guarda. Havia três pavilhões ou mais em cima do caixão, o que denota a importância daquela baluarte no mundo do samba. Ali o recurso social e semiótico se dava no canto emocionado dos sambas, nos pavilhões em sua homenagem e nos discursos em meio às lágrimas pela partida, de acordo com o papel de cada um: harmonia levando o pavilhão e sambistas da Velha Guarda participando do cortejo através da caminhada, do canto ou do discurso.

É importante mencionar que a presença já é um rito, uma marca, porque estar presente denota determinados figurinos, posturas e atitudes que comunicam. Ou seja, a presença é multimodal, porque traz movimentos, gestos, expressões faciais, vozes, roupas e adereços, todos elementos semióticos que ganham sentido no contexto analisado.

No dia da conversa com o baluarte Esticadinho, outros integrantes da Velha Guarda foram à sala para organizar as fantasias que acabavam de chegar das mãos do estilista e de seu ateliê. Ali estavam presentes apenas as pessoas da diretoria da Velha Guarda, isto é, aqueles que ocupam cargos de organização no segmento, como diretor e diretora social, que organizam o figurino e festas; a secretária, que organiza atas e papeladas, e os tesoureiros, que organizam finanças. Todos estavam envolvidos nessa ação de divisão das fantasias, em atividade, interação e cultivo de experiências.

Foi nesse momento que, sem planejamento prévio, uma roda de conversa etnográfica aconteceu porque diversos componentes estavam conversando, trazendo suas histórias e vivências dos seus modos de ser, agir e viver na escola de samba, ou seja, contando a sua cultura. Roda lembra continuidade, círculo, união e foi exatamente assim que aconteceu, tendo em vista que cada um que ali estava deu a sua contribuição durante a conversa com o baluarte. Já na visita à sala, a participante foi a secretária, que fez uma visita guiada para mim e, ali, não só ela falava, como também os retratos, troféus e imagens. Ela conhecia cada canto do espaço e isso facilitou muito a visita.

O samba é coletivo, a Velha Guarda é coletiva e armazena muitas histórias, em que cada sambista desempenha seu papel de ser, estar, conviver, socializar e sentir.

Então, nesses momentos que geram os dados da pesquisa, havia formas de expressar esse conhecimento e essas histórias adiante. A roda de conversa, por exemplo, funcionou como um recurso social e semiótico que demonstrou que naquele contexto ainda há muito o que ser contado, conseqüentemente, exaltado e pesquisado.

### 7.3 Texto (s) e outros objetos

Em relação aos textos e outros objetos, os maiores comunicadores na despedida da baluarte foram os pavilhões e a forma como eles foram manuseados, em homenagem póstuma. Outro elemento semiótico importante foi a marcação do surdo, que simboliza realmente a partida de um sambista, dentro dessa comunidade de prática.

Ou seja, podemos notar a presença da multimodalidade, assim como na conversa com o Baluarte Esticadinho, porque a roupa comunica tanto quanto a postura do sambista, sentado ao sofá durante a conversa. Da mesma forma, as roupas das mulheres e dos homens da Velha Guarda na despedida são textos que comunicam a importância de cada momento. Geralmente, isso acontece para simbolizar a presença da Galeria, é como se a roupa simbolizasse também a presença de todo segmento no momento da despedida como se fosse um uniforme.

A conversa carregou em si um tom descontraído, mais leve, de troca de ideias, enquanto a despedida trouxe em si um tom de dor e de rigidez, inclusive nas vestimentas combinadas pela Galeria que denotam respeito à partida da sambista.

Foi feita uma gravação de vídeo da conversa através de um celular para que essa memória desse momento não se apague e isto foi fundamental e marcante, tendo em vista que o sambista Esticadinho faleceu. Por isso, gravar sua imagem e sua voz foi algo muito marcante. O vídeo é um texto que pretendo preparar como um dos elementos comunicadores da pesquisa e, se possível, apresentar aos sambistas da Velha Guarda como uma forma de homenagear um integrante tão importante, assim como uma colaboração para a manutenção da memória da Velha Guarda e, conseqüentemente, da agremiação.

Já, na visita à sala, temos muitos textos verbais e multissemióticos, como cadernos de presença, fichas de cadastros, convites, troféus e fantasias, que trazem diversos fundamentos do segmento. É ali que funciona a verdadeira engrenagem da Velha Guarda e pude perceber que os sambistas gostaram de apresentar um pouco desse mundo aos futuros leitores desse estudo, para que eles possam entender como funciona a organização dos baluartes.

#### 7.4 Ações e sequenciamento

Durante a despedida, os sambistas saudaram e homenagearam aquela que já se foi, em uma ordem específica de ações e ritos que é respeitada em momentos de partida de um sambista: primeiramente, a família e, logo em seguida, os ritos da Velha Guarda. Há toda uma cronologia nas ações (chegar juntos ao velório, cumprimentar a família, leva-se o pavilhão da velha guarda assim como o diretor ou diretora de Harmonia leva o pavilhão da agremiação e o surdo é tocado durante o cortejo). É possível saber que o evento começou e terminou, de acordo com as regras do funeral comum. Os ritos e ações dos sambistas não se sobrepõem ao que é imposto basicamente em despedidas fúnebres, embora acrescentem ritos próprios, não rompem as regras básicas de uma partida.

A conversa com o Baluarte Esticadinho apresentou menos regras do que uma entrevista, porém toda conversa possui regras mesmo que seja cotidiana como a alocação dos turnos de fala e a sequenciação de perguntas e respostas. Os intuitos maiores foram a de troca de ideias e o aprendizado através do conhecimento da história do sambista, e, conseqüentemente, do segmento Velha Guarda e da agremiação. Simplesmente, a conversa fluiu e ainda ganhou novos participantes, os integrantes da diretoria da Velha Guarda que foram organizar as fantasias do desfile de 2022.

Durante a visita à sala da Velha Guarda, a ordem das ações ocorreu de maneira nem tão rígida e nem tão fluída. A secretária me mostrou alguns registros escritos e, logo, em seguida, o interior da sala com os retratos, troféus e decorações. Além disso, visitei também a sala do patrimônio, que faz parte da Velha Guarda. Conversamos e passamos uma excelente tarde juntas, em que aprendi muito em relação à organização do segmento. O evento terminou quando conheci de maneira completa as duas salas e o espaço externo. Alguns momentos foram bem rápidos, porque convivo cotidianamente naqueles ambientes, por isso, o foco maior foi nos registros escritos e em histórias que surgiam a partir desses registros, os quais eu desconhecia até o momento.

## 7.5 Regras

Quando o assunto são as regras observadas em cada dado, posso afirmar que as convenções mais explícitas e implícitas são aquelas que regem um funeral de sambistas. Há uma série de ritos a serem cumpridos, principalmente em relação ao pavilhão. Como já foi explicitado anteriormente, existe até um pavilhão específico para enterros na agremiação e, de forma alguma, o pavilhão deve ser enterrado com o sambista. A bandeira deve estar acima do caixão durante o velório. No cortejo, geralmente, fica com o diretor de harmonia, mas em algumas situações, segue acima do caixão. Além disso, existem as regras comuns dos funerais.

Em relação à conversa com o Baluarte e a visita à sala da Velha Guarda, as convenções eram mais fluidas, porém, há uma hierarquia que implica o respeito aos mais velhos e a sua sabedoria. Logo, uma regra implícita estava relacionada à escuta. Promovi minha escuta na busca de sentidos, sabedorias e aprendizados que somente os sambistas mais antigos poderiam me proporcionar. Essa regra, ao mesmo tempo que não é observável com tanta facilidade, é bem conhecida de modo ancestral. Segundo Simas, Rufino (2018, p.11), “para a perspectiva da ancestralidade, só há morte quando há esquecimento”, então ouvir, aprender e levar adiante os ensinamentos daqueles que vieram antes é respeitar e exaltar a ancestralidade dos nossos.

Entende-se que a voz da sabedoria está presente naqueles que viveram mais. Aplicando esse mesmo conhecimento aos baluartes, são eles que viveram mais experiências no mundo do samba e desempenharam seus ofícios por mais tempo no carnaval das escolas de samba.

## 7.6 Interpretação

Participar de uma pesquisa pode ser um momento de encontro com o desconhecido, porém, ser uma pessoa que vive o ambiente e já conhecia os participantes facilitou demais o meu caminhar no desenvolvimento desse estudo. Os integrantes da Velha Guarda que participaram ativamente dos momentos analisados demonstraram o entendimento da

importância de promover o enaltecimento das histórias e memórias deles, apesar de desconhecerem os estudos sobre os Letramentos e a área que estudo.

Os significados dos letramentos presentes nos momentos vivenciados atravessam toda a pesquisa e me foi possível perceber como são importantes naquela comunidade de prática. A partir dos conceitos de letramentos carnavalescos e letramentos baluartes, podemos notar a presença dessas práticas sociais em todo o estudo do segmento Velha Guarda.

Para exemplificar melhor, o ato de ter um caderno de presença da festa da Velha Guarda com a assinatura das coirmãs e a prática de usar um figurino específico para esse dia além de toda decoração, convite e alimentação do dia já configuram um letramento baluarte porque está intimamente ligada à preservação da memória através do registro escrito no caderno assim como o figurino atua como a identidade de um baluarte nos eventos carnavalescos.

## 7.7 Contextos

Os contextos são fundamentais para que as situações possam acontecer. Em relação à memória e território desses estudos e dados, é possível observar que tudo gira em torno do pertencimento e do território. As escolas de samba são associações voltadas a seus territórios e espaços como um todo.

Quando escrevo sobre pessoas mais idosas, percebo um maior indício da importância do território, inclusive o baluarte Esticadinho fazia parte da escola quando ela realmente se situava em seu local de origem, no local chamado antigamente de Viradouro, e isso é extremamente determinante para os letramentos gerados e compreendidos durante aquela época, que ele trouxe até os dias atuais.

A conversa com o Baluarte abordou muitas mudanças em relação aos dois territórios e como a escola mudou muito, assim como as suas práticas. Pude notar que, na mudança de território, o simples deu lugar ao requinte do carnaval da disputa e à visão das escolas de samba como empresas. Foi assim que muitos letramentos foram transformados e adaptados.

Logicamente, muito se perde, porque muitos ensinamentos são difundidos através da oralidade e em uma sociedade em que a tecnologia prevalece, os fundamentos ancestrais podem sofrer um apagamento, inclusive isso contribui para a ausência de pesquisas e registros da história, por isso, faz-se tão necessário enaltecer, analisar, investigar e, principalmente,

ouvir aqueles que veio antes e que tem tantos conhecimentos, saberes e práticas, ou seja, Letramentos Baluartes para compartilhar.

É possível escrever de modo semelhante sobre a visita, quando encontrei documentos mais antigos como fotos, imagens, troféus, cadernos de presenças e atas que, com o tempo, podem sofrer um apagamento e serem esquecidos. Isso está intimamente ligado ao contexto histórico e geográfico, assim como o rito fúnebre que, provavelmente, consolidou-se com o tempo, até ser uma prática consagrada nos dias de hoje. Essa prática dificilmente é contestada no universo das escolas de samba, inclusive é uma honra ter o pavilhão da sua agremiação do coração em seu funeral.

Acredito que essa tradição tenha relação com a adaptação de outros ritos fúnebres, não só no universo do samba, para que fizessem mais sentido no contexto carnavalesco e, assim, consagrou-se.

Todas essas trajetórias históricas e geográficas afetam o modo como os letramentos são gerados nessas comunidades de prática e como essas comunidades de práticas geram esses letramentos, porém isso se dá de forma cultural obedecendo o tempo e suas mudanças.

## **7.8 Juntando as informações**

Ser letrado, nessas práticas, consiste em viver os ofícios que uma escola de samba pode proporcionar, porque as agremiações formam sambistas. Após vivenciar todas as etapas, quando um sambista passa a pertencer ao segmento Velha Guarda, todos os aprendizados anteriores são convertidos em sabedoria e comunicação através das suas posturas, atitudes, sapatos bicolores (como Zé Pilintra e outros malandros) e leques. Todos esses elementos semióticos estão encharcados de ideologia e de valores locais, nascidos a partir de práticas sociais que fogem do ambiente escolar, mas são saberes e conhecimentos legitimados a partir do universo das escolas de samba e que eu conceituei como Letramentos Baluartes.

Letramentos Baluartes são aquelas construções sociais dotados de interação e práticas que envolvem conhecimentos que abarquem a sabedoria, a tradição, o amor, o respeito, a hierarquia, a memória, a ancestralidade, entre outros saberes oriundos dos antigos, os guardiões do samba, principalmente aqueles que habitam as escolas de samba independente do segmento que ocupem como Velha Guarda, baianas, bateria como já foi escrito anteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que já foi exposto, temos a relação entre as escolas de samba, principalmente o G.R.E.S Unidos do Viradouro e seu segmento Velha Guarda e o conceito Comunidade de Práticas assim como os conceitos letramentos carnavalescos e letramentos baluartes.

O presente trabalho tem o intuito de contribuir com as abordagens teóricas em questão procurando enriquecer os estudos da Linguística Aplicada, dos Letramentos e do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro. Além disso, é importante pautar que essas histórias precisam ser contadas e registradas para que os sambistas, principalmente, os baluartes tenham o reconhecimento necessário contribuindo assim para a diminuição do apagamento dos sambistas e suas trajetórias. É preciso perpetuar as memórias daqueles que vieram antes.

Por isso, através dos dados coletados, a pesquisa direcionar o olhar para o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, manifestação cultural e popular iniciada e continuada, principalmente, pelas pessoas negras que habitam o chão dessas escolas e reverberam pelas quadras e pela Marquês de Sapucaí, cantos e ensinamentos de sabedoria como os baluartes de cada agremiação que, nesta pesquisa, são os verdadeiros artistas a serem reconhecidos, escutados e reverenciados.

Como uma intelectual que faz parte da escola de samba estudada e que tenho os meus olhos voltados para o enaltecimento dos sambistas das escolas de samba, pretendo devolver os estudos à comunidade em questão, principalmente, ao segmento Velha Guarda que merece todas as homenagens e honrarias porque sem eles não há samba, conseqüentemente, não há vida para nós, sambistas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H. **A cartilha das escolas de samba**. 1 ed. Clube dos autores. 2012.

BALLESTRIN, L. M. A. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº11, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

CANDEIA, A; Araújo, I. **Escola de samba: a árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lidador, 1978.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, U. C. **Carnavais além das fronteiras: circuitos carnavalescos e relações interculturais em Escolas de Samba no Rio de Janeiro, nos Pampas e em Londres**. Porto Alegre, BR-RS, 2016.

ECKERT, P; MCCONNEL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A.C; FONTANA, B. **Linguagem, sexo, sexualidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FREIRE, P. Educando o educador: um diálogo crítico com Paulo Freire. In: FREIRE, **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GROSGOGUEL, R. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado, vol. 32, n.1, 2016.

HOOKS, b. A teoria como prática libertadora. In: hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

JANKS, H. Panorama sobre Letramento Crítico. In: JESUS, D. M.; CARBONIERI, D. (orgs.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.

KRESS, G.; BEZEMER, J. Escribir en un mundo de representación multimodal. In: KALMAN & STREET (Coord.) **Lectura, escritura e matemáticas**. México/DF: Siglo XXI, 2009. p. 64-83.



LAVE, J, & WENGER, E. (1998). **Communities of practice: Learning, meaning, and identity.**

LEOPOLODI, J. S. **Escola de Samba: ritual e sociedade.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

LOPES, M. Linguística aplicada e vida contemporânea: Problematização dos construtos que tem orientado a pesquisa, In: FABRÍCIO, B et al; organizador Luiz Paulo da Moita Lopes. **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOPES, N; SIMAS, L. A. **Dicionário da história social do samba.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

LOPES, N; SIMAS, L.A. **Filosofias africanas: uma introdução.** 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MIGNOLO, W. (2010). Desobediencia epistémica: retórica de la modernidade lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo.

MUNANGA. K. As facetas de um racismo silenciado. In: Schwarcz, L.M.; QUEIROZ, R. **da Raça e Diversidade.** São Paulo: Edusp, 1996, p.215.

NATAL, Vinicius. **Cenografia carioca: carnaval e outros fragmentos.** 1 ed – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V.M.F. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** Educação em Revista, v. 26, n.1, 2010.

PAVÃO, F.O. **Uma comunidade em transformação: modernidade e conflito nas escolas de samba.** Niterói, 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 20ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas.** 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, L.A; FABATO, Fabio. **Pra tudo começar na quinta-feira: O enredo dos enredos.** 1ª Ed, Rio de Janeiro. Mórula, 2015.

SIMAS, L.A; RUFINO, L. **Fogo no mato: A Ciência Encantada das Macumbas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, L.A; RUFINO, L. **Flecha no tempo.** 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo.** 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOUZA, A.L.S. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREET, B. V.; LEFSTEIN, A. **Literacy: an advanced resource book**. New York, Routledge, 2007.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014

TORRES, N.M. **The Coloniality of Being: Contributions to the development of a concept**. *Cultural Studies* Vol. 21, Nos. 2-3 March/May 2007, pp. 240-270.

## APÊNDICE A - DESPEDIDA DE UMA BALUARTE

*Era uma manhã de sol do primeiro dia de setembro de 2021, uma van estava estacionada dentro da quadra do G.R.E.S Unidos do Viradouro para levar alguns integrantes da Velha Guarda (VG) ao enterro da sua primeira porta-bandeira no cemitério São Francisco Xavier no Rio de Janeiro.*

*Uma van costuma levar os integrantes da VG aos eventos fora da escola como saídas para outras agremiações, premiações, idas à Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AVGESRJ), entre outras. Geralmente, a van leva parte dos componentes que costumam se apresentar durante o evento trajando uma vestimenta combinada entre eles (homens e mulheres). Em relação à geografia do trajeto, foi necessário um veículo porque a cerimônia foi no Rio de Janeiro enquanto a maioria dos componentes da Velha Guarda da escola em questão moram em Niterói ou São Gonçalo. É possível, a partir disso, traçar uma consciência de pertencimento territorial em relação ao chão da escola que, no mapa geográfico, está localizado no Barreto, bairro da cidade de Niterói. Além disso, também é possível observar que mesmo aqueles que moram no Rio não procuram outra agremiação por conta da sua história e vínculo que possuem relação com a territorialidade.*

*A Velha Guarda utiliza ônibus quando o número de componentes for muito grande ou quando o evento é referente a todos os segmentos da escola (nesse caso, utiliza-se veículo providenciado pela agremiação para vários segmentos). Quando o ônibus é para todos da escola, existe uma ordem a ser seguida para entrada no transporte que é organizada pelos diretores de Harmonia: primeiro, entra a Velha Guarda, em segundo, as baianas e depois os demais segmentos. Isso é uma regra implícita entendida pela maioria porque aos mais velhos devemos pedir a benção e ter respeito porque chegaram antes e são símbolos da memória. Esta prática constitui um letramento baluarte como foi pautado anteriormente.*

*Os componentes estavam vestidos com a blusa da Velha Guarda e andavam em grupo trazendo em si o sentido de comunidade e união. Praticamente, quase toda a diretoria da galeria estava presente (presidente, secretaria, tesoureiros, departamento masculino, diretor de patrimônio). Observo novamente que a Velha Guarda possui hierarquia de cargos e uma organização específica seguindo ritos e regimentos.*

*Um dos componentes carregava um surdo da bateria. Curiosamente, ele já fez parte da bateria da escola em tempos de outrora. O surdo é o instrumento utilizado em ritos fúnebres como enterros e durante a marcação de um minuto de silêncio em homenagem ao*

*sambista que se foi em quadras de escola de samba. Na dissertação de Ulisses Duarte, há um exemplo de protesto que explicita a relação do surdo com a marcha fúnebre no seguinte trecho “Todos estavam vestidos de preto e ao som de um surdo que batia compassadamente, como se estivessem numa marcha fúnebre, atraindo o olhar dos transeuntes...” (2016, p.71).*

*Há uma musicalidade que envolve enterros dos sambistas. Sendo assim, temos o seguinte relato na entrevista de Donga no livro “Samba, o dono do corpo”:*

*No dia em que Noel Rosa morreu, foram tocados lundus em ritmo lânguidos, pois todos se sentiam amargurados com a perda do companheiro. Falecendo um desordeiro da Igrejinha ou do Largo da Cancela, ou mesmo do subúrbio de Inhaúma, quando o corpo baixava à sepultura, em vez do discurso de praxe, inesperadamente se apresentava um cidadão cheio de cachaça e, de violão em punho, pulando por cima das outras covas, cantava um lundu: (SODRÉ, 1998, p.71)*

*É possível perceber que a música em cerimônias fúnebres dos sambistas já existe faz tempo e, provavelmente, essa prática influencia até hoje a solenidade porque segundo Simas,*

*nos sambas vivem saberes que circulam; formas de apropriação do mundo; construção de identidades comunitárias dos que tiveram seus laços associativos quebrados pela escravidão; hábitos cotidianos; jeitos de comer, beber, vestir, enterrar os mortos, amar, matar, celebrar os deuses e louvar os ancestrais. (2020, p.114)*

*Eu não estava presente como pesquisadora somente porque também faço parte da escola de samba e sou Harmonia de ala fazendo parte do segmento chamado Harmonia que já foi explicado anteriormente.*

*Segundo Candeia; Isnard em Escola de samba: árvore que perdeu a raiz,*

*Os diretores de Harmonia devem motivar constantemente os componentes da escola a cantar e evoluir sem parar. Devem formar uma equipe de pessoas estabelecendo um plano de ação, distribuindo as tarefas e as responsabilidades por toda a extensão da escola. (1978, p.38)*

*Em enterros, a pessoa que faz parte da Harmonia possui uma função que é levar o pavilhão da escola para o enterro.*

*É necessário reforçar que a escola possui um pavilhão específico para enterro, ou seja, utilizado apenas para esse fim. Fica guardado em uma sala dobrado e sem estar exposto. Não é um pavilhão para ser utilizado em eventos da escola como disputas de samba, ensaios e feijoadas. Além dessa bandeira, a Velha Guarda também possui a sua bandeira e uma delas também é específica para enterro.*

*Por esse motivo, o presidente da VG levou o pavilhão da galeria e eu levei o pavilhão da escola. Assim que chegamos ao velório na capela, com todo respeito que a cerimônia exige, coloquei o pavilhão sobre o corpo da falecida componente após o presidente da Velha Guarda ter colocado o pavilhão que estava com ele. Todas as minhas ações referentes ao pavilhão obedeceram a hierarquia do ritual. Primeiramente, conversei com o presidente da Velha Guarda ainda na quadra sobre o que ele gostaria de fazer para que eu fizesse também, ou seja, recebi permissão dele para acompanhar e participar do evento seguindo a ordem de prioridade das ações, primeiramente os mais velhos, os baluartes, isto é, mais uma vez, noto a regra implícita da hierarquia. Antes dessa permissão, também recebi o consentimento do diretor geral de Harmonia para participar e ajetei as coordenadas das minhas funções enquanto Harmonia para essa situação específica.*

*Cumprimentei a família em nome da Harmonia e de toda escola além de tecer breves palavras quase silenciosas sobre a sambista apaixonada que estava ali na nossa frente fazendo a sua partida.*

*Fiquei durante todo o velório atenta ao pavilhão visto que a minha função também é protegê-lo de possíveis manejos descuidados para que o rito se cumpra e o pavilhão volte intacto a sua casa (quadra da escola de samba).*

*O letramento principal desse evento é a prática do pavilhão em enterros, ou seja, como manejar o pavilhão, quem leva, quando colocar e retirar e o porquê de usar uma bandeira da escola em um momento fúnebre.*

*Levar a bandeira ao enterro é uma forma de prestar uma última homenagem ao sambista que se vai marcando também até o final a sua pertença à agremiação que presta homenagem, principalmente, quando a bandeira é colocada sobre o corpo. Em casos de baluartes muito conhecidos, as agremiações chamadas de coirmãs também levam seus pavilhões para prestar homenagem, mas eles não são colocados em cima do corpo demonstrando assim que o pavilhão que fica em cima do caixão é aquele referente à escola do coração do componente ou a escola em que o mesmo atua. A presença de muitos pavilhões em um enterro denota o respeito que se tinha ao baluarte em questão além de demonstrar o quanto ele era conhecido no meio. Vejo uma relação de prestígio, poder e reverência associada à presença das bandeiras.*

*A seguir, podemos ver uma foto do enterro do Dominginhos do Estácio, um dos intérpretes mais conhecidos da história do Carnaval que fez parte de algumas escolas de samba, inclusive a Unidos do Viradouro. Temos um diretor de harmonia na foto com a*

*bandeira dobrada durante o cortejo. Além dessa foto, temos também duas imagens do enterro do baluarte Monarco na qual a bandeira da G.R.E.S Portela, sua escola, está sobre o corpo.*

Figura 110 - Diretores de Harmonia posicionados no enterro do intérprete Dominginhos do Estácio



163

Fonte: G1/Globo.com

Figura 111 - Imagem do cortejo fúnebre do sambista Monarco



164

Fonte: Site do Jornal "O Nilopolitano"

<sup>163</sup> Imagem retirada do site: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/31/corpo-do-cantor-e-compositor-dominguinhos-do-estacio-sera-sepultado-nesta-segunda-feira-no-rio.ghtml>

<sup>164</sup> Imagem retirada do site: <https://onilopolitano.com.br/corpo-de-mestre-monarco-e-sepultado-em-inhauma/>

Figura 112 - Velório do sambista Monarco na quadra da Portela



Fonte. Site do jornal “O Nilopolitano”

*No caso observado aqui, não há fotos, mas as bandeiras presentes (a da VG e a da escola propriamente dita) eram da Viradouro. Também estava presente a bandeira da AVGESRJ.*

*Antes do caixão ser fechado, aconteceram alguns discursos emocionados promovidos pelo presidente da VG, presidente da Associação mencionada anteriormente e a filha da sambista. Após isso, o hino da Velha Guarda foi entoado de forma muito emocionada pelos seus componentes assim como o samba-enredo campeão da Viradouro de 2020. Creio que esse samba foi escolhido por conta da alegria sentida por cada componente, inclusive a porta-bandeira da Velha Guarda ao ver sua escola campeã depois de vinte e três anos.*

*Durante o canto do hino da Velha Guarda, um sentimento de pertencimento e emoção dos mais velhos habitou o ambiente tendo em vista que somente eles sabiam cantar com propriedade aquele samba. Já, durante o samba-enredo, a maioria dos presentes cantaram com mais força e emoção, inclusive componentes de outras coirmãs, ou seja, agremiações, em respeito à sambista e à escola campeã.*

*A seguir, é possível ler o hino da Velha Guarda<sup>166</sup> e o samba-enredo da Viradouro 2020<sup>167</sup>.*

*Sou Velha Guarda*

*Sou Velha Guarda*

*Eu já provei, ao mundo inteiro que sou bamba*

*Sou Velha Guarda*

*A espinha dorsal do Samba*

<sup>165</sup> <https://onilopolitano.com.br/corpo-de-mestre-monarco-e-sepultado-em-inhauma/>

<sup>166</sup> <https://www.letras.mus.br/dicro/velha-guarda-participacao-zeca-pagodinho/>

<sup>167</sup> <https://www.letras.mus.br/unidos-do-viradouro-rj/samba-enredo-2020-viradouro-de-alma-lavada/>

*Fui Mestre Sala, Diretor e Ritmista  
 Já puxei corda, pra desimpedir a pista  
 já corri da Polícia, sem ser marginal  
 Já esquentei surdo, com folhas de jornal  
 e apesar de tudo, estou numa Boa  
 A Velha Guarda é um Samba em pessoa*

*Fui Carpinteiro, Vidraceiro e Artesão  
 até a minha casa, já serviu de barração  
 já dei muito tapa em otário vacilão  
 só pra defender meu pavilhão  
 namorei Passista, Mulata e Porta Bandeira  
 fui apaixonado por Baiana e Costureira  
 Essa juventude, que começa a desfilar  
 será a Velha Guarda de Amanhã*

*Este samba traz em si a definição do que é ser um baluarte da Velha Guarda. Observe que há uma menção a passagem dos sambistas em outros segmentos da escola até chegarem a uma determinada idade com seus saberes e experiências. É importante notar também a ideia de renovação e circularidade porque a juventude em algum momento se tornará a Velha Guarda no futuro.*

*Samba-Enredo 2020 - Viradouro de Alma Lavada*

*G.R.E.S Unidos do Viradouro (RJ)*

*Composição: Anderson Lemos / Carlinhos Fionda / Cláudio Russo / Dadinho / Diego Nicolau  
 / Julio Alves / Manolo / Paulo César Feital / Rildo Seixas.*

*Ó, mãe! Ensaboa, mãe!  
 Ensaboa, pra depois quarar  
 Ó, mãe! Ensaboa, mãe!  
 Ensaboa, pra depois quarar*

*Ora yê yê ô oxum! Seu dourado tem axé  
 Faz o seu quilombo no Abaeté*



*Quem lava a alma dessa gente veste ouro*

*É Viradouro! É Viradouro!*

*Levanta, preta, que o Sol tá na janela*

*Leva a gamela pro xaréu do pescador*

*A alforria se conquista com o ganho*

*E o balaio é do tamanho do suor do seu amor*

*Mainha, esses velhos areais*

*Onde nossas ancestrais acordavam as manhãs*

*Pra luta sentem cheiro de anelím*

*E a doçura do quindim*

*Da bica de Itapuã*

*Camará ganhou a cidade*

*O erê herdou liberdade*

*Canto das Marias, baixa do dendê*

*Chama a freguesia pro batuquejê*

*São elas, dos anjos e das marés*

*Crioulas do balangandã, ô iaiá*

*Ciranda de roda, na beira do mar*

*Ganhadeira que benze, vai pro terreiro sambar*

*Nas escadas da fé*

*É a voz da mulher!*

*Xangô ilumina a caminhada*

*A falange está formada*

*Um coral cheio de amor*

*Kaô, o axé vem da Bahia*

*Nessa negra cantoria*

*Que Maria ensinou*

*Ó, mãe! Ensaboa, mãe!*

*Ensaboa, pra depois quarar*

*Ó, mãe! Ensaboa, mãe!  
Ensaboa, pra depois quarar*

*Ora yê yê ô oxum! Seu dourado tem axé  
Faz o seu quilombo no Abaeté  
Quem lava a alma dessa gente veste ouro  
É Viradouro! É Viradouro!*

*Existem diversos letramentos baluartes presentes nesse evento, principalmente aqueles que não são escritos tendo em vista que os letramentos podem ser orais, visuais, além de outros saberes e conhecimentos que também são letramentos. O hino e o samba-enredo cantados por meio da oralidade e da musicalidade também são letramentos escritos e podem ser encontrados facilmente na internet. Durante os ensaios, o samba-enredo que vence a disputa e passa a ser o samba da escola circula em folhetos para que o componente aprenda a letra, inclusive, a Velha Guarda, porém no desfile o segmento não é avaliado pela comissão julgadora, porém o canto forte favorece a Harmonia.*

*Após o canto emocionado de todos, o presidente da VG recolheu o pavilhão levado por ele assim como eu recolhi o pavilhão que estava sob a minha responsabilidade porque não se enterra o pavilhão junto com o finado. Os dois foram dobrados e guardados para assim seguirmos o cortejo.*

*Para o cortejo começar, um integrante da VG que já foi da bateria começou a tocar o surdo em uma espécie de marcha fúnebre, uma marcação do silêncio e uma saudação de respeito à sambista que faz sua partida. O som do surdo ecoa por onde passa e ele só para de ser tocado quando o cortejo termina para as últimas orações e o enterro em seguida. A batida do tambor, isto é, do surdo se misturava aos ritos de uma religião de matriz africana (candomblé) trazendo a marca dupla da ancestralidade e africanidade revelando os seus saberes e conhecimentos que estão intimamente ligados às religiões de matriz africana apontando assim a presença de outros letramentos que, unidos, nessa situação transmitem outros saberes e conhecimentos.*

*A ancestralidade também se faz presente no que diz respeito ao sentido daquele que veio antes porque a componente faz parte do segmento Velha Guarda que são aqueles que vieram antes.*

*Os componentes da VG retornam à van e voltam à quadra. A partir desse momento, cada qual se dirige ao seu lar. Eu, enquanto diretora de Harmonia, devolvo o pavilhão à escola e retorno também à casa.*

*Observo que o rito tinha uma ordem específica e de fácil leitura aos demais presentes pois a maioria além de presenciar enterros, fazia parte direta ou indiretamente do ambiente das escolas de samba. A sequência consistia em ir à quadra para buscar ao pavilhão, trajeto (ida), chegada em conjunto, bandeira sobre o corpo, condolências, cantos e discursos emocionados, recolhimento do pavilhão, caixão fechado e começo do cortejo (apenas com a bandeira que ela utilizava, porém isso não é uma regra) com a marcação do surdo que finda quando o caminho cessa e o caixão é devidamente enterrado. Após isso, retorno à quadra e aos respectivos lares.*

*Ser letrado nesse evento específico envolve ter a noção da importância da última homenagem prestada ao sambista. Era visível nos olhares emocionados dos familiares o quão fundamental era a presença do pavilhão sobre o corpo do seu ente querido. Ali estava a marca da memória, do respeito e da ausência do esquecimento daquele que tanto contribuiu à agremiação. Fazer parte de uma escola de samba envolve amor, paixão, doação e participação. Então, a presença do pavilhão, da harmonia e, principalmente, da Velha Guarda eram essenciais porque apresentavam em sua essência o respeito e a coletividade, por isso, são letramentos carregados de ideologias, posicionamentos e multimodalidades. São letramentos carnavalescos e baluartes porque fazem parte do ambiente das escolas de samba constituindo uma prática muito específica de quem vive esse universo.*

*Acredito que se alguém esteve presente no evento em questão e não tinha conhecimento sobre aqueles letramentos, apresentou dificuldade para acompanhar a emoção e o cortejo. Provavelmente, a experiência não foi a mesma por ser iletrado nessas práticas.*

*É um evento de fácil entendimento às pessoas que participam, porém, de extrema emoção e tristeza pois, a partida de uma pessoa estimada em um grupo fechado como a Velha Guarda que apresenta a ideia de união, fortalecimento e partilha é como se uma parte da memória daquele grupo, daquela comunidade de prática e, conseqüentemente, da escola tivesse sido apagada porque muitas vivências não são registradas. Por isso, a necessidade de reexistir está sempre presente. Este é um dos motivos para essa pesquisa acontecer.*

## APÊNDICE B - CONVERSA COM JOSÉ CARLOS ESTICADINHO

*A conversa foi gravada no dia cinco de abril de 2022 na sala da Velha Guarda do GRES Unidos do Viradouro.*

*Em relação à transcrição, fiz uma transcrição comum. Leia a conversa a seguir.*

*Escrevi exatamente como foi falado, portanto, não há correção ortográfica além de existir alguns desencontros em algumas datas. Não deu tempo para saber mais sobre essas questões temporais porque o baluarte faleceu no dia 31 de maio de 2022 fazendo com que essa conversa se torne cada vez mais importante porque é um registro que não conseguirei novamente.*

*Salve, Salve Senhor Esticadinho, é com muitas saudades que transcrevo a conversa a seguir. Obrigada por tudo!*

Figura 113 - Imagem do baluarte José Carlos Esticadinho



168

<sup>168</sup> Imagem preparada especialmente para o aniversário de 81 anos do baluarte.

**Danielle:** Já está gravando. Bom, aí eu vou perguntar pro senhor, seu nome, idade. Vou pedir pro senhor se apresentar e a partir daí, a gente vai conversando. Pode começar a falar.

**Esticadinho:** Bom dia! Meu nome é José Carlos dos Santos, popular, Esticadinho. Nasci no dia 15 de fevereiro de 1941 na Garganta onde nasceu a escola de samba Unidos do Viradouro. Eu morava ao lado da barraca da Viradouro. A barraca da Viradouro que era de pindoba, era luz (?) de bambu, itacuruçu (?) que fazia os lampiões pra iluminar a barraca.

E a Viradouro, daí fui crescendo, crescendo e eu vi a Viradouro crescer. A Viradouro quando nasceu, eu tinha cinco anos (eu sou de 41, a Viradouro é de 46). Então, eu tinha cinco anos. Naquele tempo, eu me lembro de algumas coisinhas, me lembro bem do primeiro campeonato da Viradouro que foi em 1949. Isso eu me lembro, fizeram uma festa muito bonita.

**Danielle:** O senhor tinha quantos anos?

**Esticadinho:** Naquela época, eu tinha dezessete anos de idade. Dezessete anos de idade quando comecei na Viradouro, na ala da Juventude. Entendeu? Foi eu e uns cinco colegas e nós saímos na ala da Juventude e dali eu apanhei amor pela escola que eu já tinha vontade de sair na Viradouro, mas meus pais, minha mãe não deixava. Eu vendi muito amendoim, muita cocada, na porta da barraca da Viradouro, né que ali era uma barraquinha. Pra sustentar a família, eu já vendi muito troço ali e quando eu fiz quatorze anos, aí eu comecei a desfilar. Aí na Viradouro, participei da ala da juventude, ala do Lorde, ala dos Batuqueiros e.... Tomei conta, muitos anos, na frente, coordenando a ala de tamborim, fui Cidadãos do Samba, entendeu? E... em 87, eu ingressei na Viradouro, na Velha Guarda.

**Danielle:** A ala da juventude é algo praticamente parecido com a ala dos adolescentes estes dias?

**Esticadinho:** É, tipo, ala dos adolescentes.

**Danielle:** Ah, que bacana!

**Esticadinho:** Desfilei em 55.

**Danielle:** 55! E aí, o senhor coordenou a ala dos Batuqueiros, ala do Tamborim...

**Esticadinho:** Cidadãos do samba...

**Danielle:** E aí em 87, o senhor entrou pra Velha Guarda?

**Esticadinho:** Naquele tempo, não existia ala de passistas. Existia “Cidadãos do samba”. Saía um homem com uma mulher ou com duas mulher sambando um do lado e do outro e na Viradouro, nós tinha três. Era eu, o falecido Regata e o falecido Edilme. Todos eles não estão mais aqui com a gente. Já estão lá com Jesus. Então, a gente era os Cidadãos do Samba e em 87, eu ingressei na Velha Guarda. Em 91, teve as eleições e eu fui eleito a diretor social. Nesse cargo, eu fiquei vinte e quatro anos...

**Danielle:** Caramba...

**Esticadinho:** Como diretor social.

**Danielle:** Vinte e quatro anos...

**Esticadinho:** Com quatro presidentes. Cada presidente com seis anos de mandato. Eu entrei com o senhor...foi o... (tentando lembrar) Ah, meu Deus do céu, me fugiu o nome dele, é...sei que foram quatro presidentes. Romeu, Sebastião Antunes (que agora é o nosso vice-presidente), falecido Joel, Almir e Oswaldo (que está com a gente ainda). O Almir deixou de sair, mas o Oswaldo ainda está com a gente na Velha Guarda. Então, eu fiquei cinco anos, ô (autocorreção) ...vinte anos coordenando como diretor social, né? Fundei...

**Danielle:** O diretor social, qual é a função do diretor social?

**Esticadinho:** Comandava festas, nós via as roupas para saída. O social, quem fazia, que hoje é a nossa companheira Olga que está no feminino e tá o Bahia no masculino. Então, essa função que ela está, eu fiquei por vinte anos desempenhando essa função. Fui...só saí quando Joel entrou, ele me tirou. Em 2002, nós fundemos um conjunto musical. Foi o primeiro conjunto musical da Velha Guarda, fizemos uma apresentação no Teatro Municipal...

**Danielle:** Da Velha Guarda da Viradouro, né? Foi o primeiro conjunto musical da Velha Guarda da Viradouro...

Esticadinho acena com a cabeça afirmativamente.

**Esticadinho:** Te mostrar...eu tenho até um cd gravado.

**Danielle:** Olha... que coisa linda.

**Esticadinho:** Da Velha Guarda da Viradouro gravado no Teatro Municipal. E depois esse acabou porque o presidente, não deu certo e depois fundemos outro conjunto musical.

**Danielle:** Esse grupo tem um nome?

**Esticadinho:** Musical da Velha Guarda. Então, nós tivemos dois conjuntos musicais da Velha Guarda. Eu tenho fotos deles, tenho tudo lá em casa. Quando você for lá em casa, vou lhe mostrar.

**Danielle:** O senhor tocava o quê nesse conjunto?

**Esticadinho:** Não, nós só cantávamos.

**Danielle:** Só cantava...

**Esticadinho:** A Velha Guarda da Viradouro só cantava. Os nossos músicos eram de fora, por isso, não foi muito pra frente porque ninguém tocava nada. Nós só tínhamos um componente que tocava...era o tio Hério da Cuíca. O resto era tudo participante...Entendeu? Foi por isso que o nosso conjunto não foi pra frente.

**Danielle:** Entendi.

**Esticadinho:** A gente faz esses trabalhos na Viradouro. Eu digo sempre: Eu vi a Viradouro em três fases: ruim, boa e ótima. Agora, ela tá ótima, mas já vi a Viradouro ruim, você sabe...

**Danielle:** Sei...

**Esticadinho:** Uma vez na Garganta, fizeram uma reunião para enrolar a bandeira...

**Danielle:** Isso foi em que época mais ou menos?

**Esticadinho:** Ah, não sei direito não...

**Danielle:** O senhor lembra?

**Esticadinho:** Ah, não lembro direito não, mas eu tenho lá em casa. Eu tenho a revista de Niterói, com os seus vários campeonatos da Viradouro. A Viradouro teve dezoito campeonatos aqui em Niterói, se você for ver, a Viradouro teve dezoito campeonatos aqui em Niterói. Aliás, essa vez não foi a primeira vez que a Viradouro foi campeã. A Viradouro já tinha ido pro Rio duas vezes, mas, na última vez, que nós fomos pro Rio, foi mau trabalho da diretoria (da época). Eu digo isso porque nós fomos desfilar duas horas da tarde na Praça XI. Onze horas, nós estávamos descendo pro Rio. Chegamos lá 00:00.

**Danielle:** Caramba...

**Esticadinho:** De 00:00 até duas horas da tarde do outro dia... (gesticulando). Muita gente veio embora. Quem desfilou, desfilou com a roupa suja.

**Danielle:** Isso foi o que mais ou menos?

**Esticadinho:** Foi para a Avaliação...

**Danielle:** Foi em que ano mais ou menos isso? O senhor lembra? Não, né?

**Esticadinho:** (Gesticulou a cabeça negativamente) ...não lembro.

**Danielle:** Década mais ou menos?

**Esticadinho:** Eu não lembro, mas eu tenho lá em casa...

**Danielle:** Tá, a gente vai olhar... quando...

**Esticadinho:** Vamos sim, eu tenho lá!

**Danielle:** Quando eu for à casa do senhor!

**Esticadinho:** Então... o que acontece...dessa vez, a Cubango foi a rival da Viradouro aqui em Niterói, né...Era Cubango e Viradouro, Cubango e Viradouro (colocando o braço para lá e para cá). Então, ela foi pro Rio em 85. Em 86, a Viradouro foi... e nós fomos lá pra Graça Aranha, nós não fomos pra Sapucaí, nós fomos para a Graça Aranha e dali a Viradouro veio agregando, agregando, agregando até chegar na Sapucaí. (pausa) Até chegar na Sapucaí e em 97 com o campeonato no especial. Nós tivemos umas fases ruins assim, que, eu digo, fase ruim né, que caímos pro acesso, mas Viradouro é uma escola guerreira. Ela briga. (Quase levanta do sofá e fala com mais empolgação). Você vê...Viradouro tem chão. Viradouro tem

garra (sorriso no rosto), sempre teve. Desde Niterói, a Viradouro teve garra e sempre teve uns bons presidentes também. Nós tivemos um presidente (grande barulho no ambiente, dificuldade para ouvir) que quase ninguém fala nada é o Albano. O Albano foi um grande presidente aqui na Viradouro. Se hoje, estamos aqui (apontando para a quadra), graças a ele.

**Danielle:** E o senhor era desde quando a quadra era em outro lugar...

**Esticadinho:** Quando veio da Garganta para cá...

**Danielle:** A quadra era lá na Garganta, né?

**Esticadinho:** Na Garganta. Na Garganta, nós ensaiamos na Viradouro, fomos ensaiar na favela do Sambô (dificuldade para entender o nome), no Clube Ipiranga, rodemos uma porção de lugar para depois cair aqui. Aqui, eles chamavam até de praia de Coqueiral porque aqui era cheio coqueiro, uma porção de coqueiro.

**Danielle:** E o senhor sabe o porquê mudou para cá? Foi mudando aos poucos? Foi por conta de espaço?

**Esticadinho:** Se fica lá também, ninguém ia.

**Danielle:** O acesso, né...

**Esticadinho:** No morro. Ninguém ia no morro mais lá. Morro. Agora com as drogas que está invadindo mesmo e não adianta, eles invadem mesmo e quem manda é eles. Ninguém ia aos ensaios... não tinha lugar para botar carro, não tinha nada. Lá era morro...quase caminho de ... (não entendi).

**Danielle:** Aí cresceu muito e foi mudando para cá, né?

**Esticadinho:** Foi mudando e sempre mudando, sempre mudando e mudando para melhor. Mas a Viradouro, eu digo sempre, meu orgulho... (pausa). Eu vi a minha Viradouro de barraca de folha de pindoba, eu carreguei muita folha de pindoba para a barraca. Hoje, eu vejo a Viradouro, né, com uma quadra dessas maravilhosa, eu me sinto muito orgulhoso.

Eu digo, a ... (pausa) Salgueiro...quando a gente desfilava em Niterói, Salgueiro veio muito ajudar a gente no desfile aqui em Niterói. Hoje, a gente está lá com ela...Disputando de igual para igual...

**Danielle:** É...

**Esticadinho:** E, desculpa (ele riu), meu Salgueiro, e, até ganhamos do Salgueiro. Então, eu me sinto muito maravilhoso com a minha Viradouro. Ela até me deu alguma tristeza, mas ela me deu mais alegria de que tristeza. E nós já choremos aqui...

**Danielle:** Ô...

**Esticadinho:** Aqui uma vez teve um temporal... que levou o telhado, levou tudo, levou tudo aqui na Viradouro.



**Danielle:** Acho que foi nos anos 80, 90...

**Esticadinho:** Foi. Aquilo foi uma tristeza para gente, né?

**Danielle:** Uhum...

**Esticadinho:** Tristeza, né? Muito mais...graças a Deus, né? São João nos ajuda, né e São Jorge, Deus... E agora, ela está aí numa caminhada boa, a escola tá boa (ele sorri) ... vai vir para brigar pelo título. Vamos respeitar todas as escolas, mas a Viradouro é a Viradouro. (Sorri)

**Danielle:** O senhor estava falando de quando era lá na Garganta...Eram outras cores, né?

**Esticadinho:** É, nós era azul e branca (se corrige logo em seguida), azul e rosa.

**Danielle:** Azul e rosa, né?

**Esticadinho:** Mas o que que acontece...o nosso azul era um azul muito escuro e o rosa também...Ele não (não deu para entender pelo barulho) realçava muito. Teve gente que conta...não sei se é verdade que mudou de cor porque fechou a fábrica. Eu não sei, não vou entrar nesse detalhe. Fechou a fábrica, então a Viradouro mudou de cor, eu não sei se é isso mesmo. Eu sei que mudou e mudou para a melhor...Nós era azul e rosa. Sabe por que a Viradouro era azul e rosa?

**Danielle:** Por que era azul e rosa?

**Esticadinho:** Porque a Nossa Senhora Auxiliadora é a protetora da Viradouro e o manto dela é azul e rosa. (pausa)

**Danielle:** Nossa Nossa Senhora Auxiliadora veio junto com São João Batista na proteção ou ele foi o primeiro?

**Esticadinho:** Não, ela foi fundada no dia de São João, dia 24.

**Danielle:** Isso aí.

**Esticadinho:** Aí como era em Santa Rosa. A protetora dela foi a Nossa Senhora da Conceição (creio que confundiu com Auxiliadora) e o padroeiro era o São Sebasti... (faz a correção na hora) São João Batista. Foi fundada no dia dele. Aí a cor dela era azul e rosa. (Pausa)

**Danielle:** E ... o senhor falou do seu ingresso lá na Velha Guarda que foi em 87...

**Esticadinho:** Ingresso em 87.

**Danielle:** E aí como é que foi essa entrada na Velha Guarda?

**Esticadinho:** Como é?

**Danielle:** Como é que foi essa entrada na Velha Guarda?

**Esticadinho:** Olha, na época, eu não podia nem entrar na Velha Guarda.

**Danielle:** É?

**Esticadinho:** Porque na Velha Guarda, naquela época, tinha que ter cinquenta anos de idade e dez de escola. Dez de escola, eu tinha, mas eu não tinha cinquenta anos. Eu tinha 47 anos.

**Danielle:** Por que os senhores têm um regimento, né? De idade, né?

**Esticadinho:** É.

**Danielle:** Entendi. É um registro escrito, né.

**Esticadinho:** É, eu tinha 47 anos. Aí, eu tomava conta da Ala do Tamborim. Eu me aborreci na Ala de Tamborim. Aí fui para casa, não voltei pro samba, fiquei com os tamborins lá em casa (risos). Aí, o Albano mandou o falecido Arídio (morreu recentemente em 2021 e era um dos baluartes na Bateria) ir lá em casa buscar o tamborim. (Risos). Aí o falecido Arídio: “Po, Esticadinho...o que que houve? Não, mas o Albano mandou buscar os tamborins. Volta para escola. Vambora...vambora...vambora” E aí, me trouxe para escola outra vez. Eu vim com os tamborins, entreguei ao Albano os tamborins aí vim e fiquei... Aí um senhor da Velha Guarda: “Esticadinho, com o tempo que você tem por que você não entra para a Velha Guarda?” (Esticadinho faz cara de pensativo) “Po, eu não posso entrar para a Velha Guarda. Não era cinquenta anos? Tenho 47. Faltam três anos.”

Para gente entrar, naquele tempo, a gente tinha uma ficha com o tempo que a gente tinha de escola, enredo e quem (falou com ênfase) dava o aval para gente entrar na escola era o conselho da escola. O conselho da escola que dava o aval para você ser Velha Guarda. Quem me mandou preencher, era presidente do conselho e ele: “Eu vou dar o aval.” Aí, ele deu o aval para mim. Aí, eu entrei para a Velha Guarda em 87, mas eu pulei janela.

(Nós dois damos uma gargalhada ao mesmo tempo)

**Danielle:** Uns três aninhos...uns três aninhos. (O senhor Esticadinho segue rindo).

**Esticadinho:** Eu pulei janela porque tinha que ser quase... mas eu tô esse tempo todo na Velha Guarda. Hoje em dia, eu até me sinto honrado porque dia 15 de fevereiro, eu fiz 81.

**Danielle:** Olha...

**Esticadinho:** Eu fui agraciado com um grande presente pra mim que eu (fala emocionada) não posso esquecer nunca. Eu fui agraciado, a diretoria aí, o meu presidente Zeca, Tião, vice-presidente, os outros diretores, né como presidente de honra da Velha Guarda. Então, eles me entregaram isso...

**Danielle:** Uma honra, né!

**Esticadinho:** No meu aniversário. Uma alegria, né? Muito bom! Eu sou muito premiado. Então, eu fui também para a Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro – AVGESRJ).

**Danielle:** Associação das escolas de samba ou associação da Velha Guarda.

**Esticadinho:** Associação das escolas de samba do Rio de Janeiro representar a nossa Velha Guarda.

**Danielle:** Ah, sim. O senhor tem uma faixa, né?

**Esticadinho:** Eu já vou chegar. Eu cheguei lá como representante da nossa Galeria porque lá tem que ter dois representantes de cada escola. Então, fui eu e outra companheira, a Irene, representar a nossa galeria. Lá, me chamaram para ser diretor social da Associação.

Na Associação, a função do diretor social é arrumar a festa, chegar cedo, arrumar as mesas, pa pa e aí eu fiquei três anos como diretor social.

**Danielle:** Da Associação?

**Esticadinho:** Da Associação.

**Danielle:** Uhum. E o senhor já era diretor social aqui também?

**Esticadinho:** Não, não, eu já tinha saído.

**Danielle:** Já tinha saído. Ah, tá.

**Esticadinho:** De diretor social. Aí, o presidente, como ele era muito correto e coisa e tal, ele me chamou: “Esticadinho, é muito trabalho, diretor social é muito trabalho e tinha morrido o Avô Sambista. Você tem tudo para ser o Avô Sambista. Você quer ser o Avô Sambista da Associação? Eu disse: “Poxa, vou te dar uma resposta na próxima reunião.” Na plenária que era de quinze em quinze dias. Eu vim para casa, falei com minha ex-mulher que faleceu e ela: “Você que sabe porque você vai trabalhar menos.” Social trabalha, tinha que vir para arrumar mesa, limpar mesa, fazer a festa toda. Aí eu fui e falei com ele que queria. Aí foi no dia 17 de fevereiro de 1917 (erro na data, acredito que foi em 2017), eu fui enfaixado como “Avô Sambista da Associação”. Foi uma função também que eu agarro com carinho e amor. E até hoje, é uma função maravilhosa de Avô Sambista, né e de Presidente de Honra da minha querida Velha Guarda da minha Viradouro, escola que eu amo tanto e me ensinou tudo quanto é samba (sorriso no rosto). Fui diretor em outras escolas, participei de outras escolas, mas era quem não fazia...bem, não era escola que concorria com a Viradouro. Eu saí na Beltrão como mestre-sala, saí como ala de Tamborim no Cacique da Viradouro.

**Danielle:** O senhor já foi mestre-sala?

**Esticadinho:** Já fui.

**Danielle:** Caramba!

**Esticadinho:** Beltrão, saí na Beltrão, saí no Souza Soário, na Cubango, mas nenhuma escola dessa concorria com a Viradouro. Nuca saí em escola nenhuma que concorresse com a minha Viradouro. Viradouro, pra mim, em primeiro lugar. Desfilava depois da Viradouro. Primeiro, Viradouro, depois as outras.

**Danielle:** É uma sensação de pertencer ao lugar, né? O lugar que o senhor pertence, faz parte. É a história viva da escola é aqui na Viradouro. Então, a sua escolha tinha relação com isso, só desfilava em escolas que não competia, né?

**Esticadinho:** O que eu aprendi de samba, eu aprendi aqui na Viradouro. Daqui, eu fui até ser presidente na Santo Inácio. Saí na Santo Inácio, escola que aprendi a amar como mestre-sala. Aí fui ser diretor social lá até chegar à presidente. Quando acabou aqui a primeira vez o carnaval de Niterói em 95, eu era o presidente da Santo Inácio, escola que saía aqui no carnaval e saía em segundo lugar.

**Danielle:** Bacana.

**Esticadinho:** Então, minha trajetória pelo samba é grande. (sorriso no rosto)

**Danielle:** Muito grande e linda.

**Esticadinho:** Eu digo, o samba...A Viradouro me ensinou tudo. É igual ao meu neto. Quando ele começou a desfilar aqui na Viradouro com sete anos, vai fazer dezoito. Tudo, ele aprendeu aqui. Já saiu de Menino Rei, já saiu de mestre-sala e agora está como passista. (sorriso no rosto)

**Danielle:** São saberes e conhecimentos, né que a gente só consegue vivenciar aqui dentro.

**Esticadinho:** Aqui dentro. (sorriso no rosto)

**Danielle:** Quem vivencia a escola de samba, né, só consegue entender quem faz parte, não é verdade?

**Esticadinho:** O samba ensina muito.

**Danielle:** É verdade.

**Esticadinho:** Se você quiser, o samba ensina muito. O samba ensina muito. Dedicções, carinho, amor, educação. É igual a nossa Velha. A nossa Velha Guarda. Tem muitas escolas de samba que tem as Velhas Guardas, mas a Velha Guarda da Viradouro é uma Velha Guarda. Ela tem doutrina, ela tem disciplina, não é? A nossa Viradouro, a nossa Velha Guarda tem doutrina, disciplina. É muita disciplina. A gente pede até para o companheiro entrar, mas se não der certo, a gente pede para sair.

**Danielle:** Verdade.

**Esticadinho:** Se não dá para entrar na Velha Guarda, a gente pede para sair. Eu mesmo já coloquei gente aqui que não (*não deu para entender*) e pedi para sair. Meu sobrinho, ele entrou, mas não se adaptou e eu pedi “Pede para sair porque aqui tem que se adaptar”.

Nós temos saídas aos domingos, que nós vamos visitar as outras escolas e nós temos que ir, mesmo que você não for, você tem que ir ao menos uma vez no mês porque ir só aquela pessoa, porque gasta. Tem que pagar a van, tomar a sua cerveja, tem que pagar a sua

cervejinha. Então, se você sai na Velha Guarda da Viradouro tem que gostar, ter carinho. Se você não gostar e não ter carinho, não adianta. São duas ... carinho e amor e orgulho.

**Danielle:** Carinho e amor.

**Esticadinho:** Carinho e amor à escola e à Velha Guarda. Na nossa Velha Guarda, a gente até diz que a Velha Guarda é orgulhosa e nós temos orgulho. Diz o nosso samba “Orgulho de ser Viradouro e orgulho de ser Velha Guarda, né?” Então, o samba é muito bom e ser da Velha Guarda da Viradouro melhor ainda, né?

**Danielle:** É a raiz, né?

**Esticadinho:** É!

**Danielle:** Os senhores são os baluartes, os representantes da história mesmo da escola, né.

**Esticadinho:** É, a Viradouro é...eu me sinto assim triste, né da Viradouro não ter um memorial para os nossos antigos, né...que tinha. Igual agora aí que tem... “pode falar alguma coisa da Viradouro? Sou eu!” Nós temos um outro rapaz aqui na Velha Guarda que também tem um tempinho é o Antônio Carlos (Boca) e outra menina aí que tem (a mãe dessa menina aí que é Harmonia), ela também foi criança comigo ali na Viradouro chamada Mariazinha e o resto...o Ito tem, mas coitado agora não pode mais. O resto não tem uma memória na nossa escola e aí o cara vem, fala uma porção de baboseira e isso, assim, assim, mas não conhece nada (pausa).

**Danielle:** A história acaba ficando apagada, né?

**Esticadinho:** Eu tenho muito respeito a alguma escola, os presidentes...tem presidente que eu já até ouvi falar que foi fundador da Viradouro, mas não foi, eu conheci muitos, mas não tem nenhum vivo. O último fundador que morreu foi o Nilton Silvestre. Nilton Silvestre e Palico que (não deu para entender) até da Velha Guarda que faleceu. Eu conheci essa galera toda. Conheci o primeiro presidente da Viradouro que se chamava Antonio Maria, um grandão, eu conhecia, me comprava muito amendoim lá na porta da Viradouro. Antonio Maria Sodré, Sodré Maria, conheci ele e outros presidentes. Conheci uma porção deles e passei por muitos. Presidentes da Velha Guarda, da escola, né... (pausa)

*Seguimos para um intervalo antes da finalização da conversa a seguir.*

**Danielle:** O senhor falou no nosso último bloco sobre a Velha Guarda ter doutrina, carinho, amor e respeito. O que significa a Velha Guarda para o senhor?

**Esticadinho:** Olha, a Velha Guarda para mim, é tudo. Essa Velha Guarda, me dedico muito a ela. O carinho, o amor... Conforme eu disse realmente, eu fiquei vinte anos como diretor

social e cada dia do ano, você vai aprendendo, né? Até a minha colega aqui (tinha uma Velha Guarda ao lado), ela foi diretora social. Fizemos muitas funções, né? Eu formei (uma festa) na Velha Guarda, o outro presidente (da Velha Guarda) acabou: o Dia das Mães. A gente fazia uma festa no segundo domingo do Dia das Mães né, porque no Dia das Mães todo mundo vai ficar com suas mães. Então, era uma festa muito bonita. Então, se botava o nome das colegas no saco e tirava, trocava de faixa. Aí, aquele era uma mãe, o outro (ano) era uma outra mãe (eleição da mãe do ano). Aquela que saiu no outro ano, ela não entrava. Durou ainda quinze anos essa festa. Era (não deu para entender), mas o presidente (da Velha Guarda- antigo mandato, não é o atual) quem manda é ele, entrou aí e acabou com a festa, né...

**Danielle:** Foi em que época o Dia das Mães?

**Esticadinho:** Oi?

**Danielle:** O Dia das Mães era em que época mais ou menos?

**Esticadinho:** Nós fazia todo Dia das Mães.

**Danielle:** Mas todo Dia das Mães começou...

**Esticadinho:** Se o Dia da Mães era num domingo, a gente fazia no outro para não fazer no mesmo dia. Ela durou quinze anos.

**Danielle:** Caramba, mas foi o quê? Foram anos 90, anos 80, mais ou menos?

**Esticadinho:** Não, foi 2002.

**Danielle:** Anos 2000?

**Esticadinho:** Foi 2022 (confundiu a data). Acho que foi, não foi? Durou muito essa festa.

*Alguns integrantes da galeria estavam presentes porque marcamos no dia do recebimento das fantasias para o carnaval, inclusive depois que a entrevista acabou, fiquei lá para ajudar a separação das fantasias. Uma Velha Guarda chamada Iolanda (faz parte da diretoria e ocupa o cargo de secretaria da Velha Guarda) que estava ouvindo a conversa comentou:*

**Iolanda:** Então, eu, por exemplo, que entrei em 2010, eu peguei Dia das Mães. Muitos.

**Danielle:** Então, deve ter sido 2000 até 2010.

**Iolanda:** Foi, foi. Esticadinho está falando que durou uns quinze anos.

**Esticadinho:** Quinze anos. Durou quinze anos.

**Iolanda:** Durou isso mesmo.

**Esticadinho:** Durou quinze anos.

**Iolanda:** É, eu acredito que tem o quê? Uns cinco anos, quatro, cinco anos que não faz... contando com a pandemia... que deixou de fazer, mas eu peguei, eu peguei. 2010 foi o meu

primeiro Dia das Mães. Eu tive o meu primeiro ano de Dia das Mães...quer dizer, peguei bastante Dia das Mães aqui.

**Esticadinho:** (Falou algo que não deu para entender)

**Iolanda:** Era muito bonita a festa, né. Um almoço, bingo.

**Esticadinho:** É, eu lembro. Então, era uma festinha que animava.

**Iolanda:** A Ilza, inclusive, está com a faixa que a gente tem que retomar. Podemos até fazer no passeio uma nova mãe.

**Esticadinho:** Fazer um bingozinho...

**Iolanda:** Podemos convidar até ela para ir...

**Esticadinho:** Um almoço, um sorteio para a mãe mais velha

**Danielle:** Ah, que bacana.

**Esticadinho:** Sem ser da Velha Guarda, que vinha assistir.

**Iolanda:** É, não podia ser da Velha Guarda não.

**Esticadinho:** Você trazia a sua mãe, se você era a mais velha...identidade...aí você ganhava um brinde.

**Danielle:** Então, era voltada para a comunidade, né?

**Iolanda:** Não, era para convidados.

**Danielle:** Ah, legal!

**Iolanda:** Vinham convidados...

*Uma outra componente da diretoria da Velha Guarda chamada Vera, também faleceu em 2022, ela era do conselho fiscal. Também presenciou parte da conversa, cutucou Esticadinho e disse:*

**Vera:** Uma mais Velha e outra mais nova.

**Esticadinho:** Era uma mais velha e uma mais nova

**Iolanda:** Cada componente comprava quatro convites e traziam convidados. Aí ali fazia essa brincadeira de mãe mais velha e mãe mais nova.

**Danielle:** Que bacana!

**Esticadinho:** Passava um domingo, né, maravilhoso.

**Iolanda:** Inclusive a convidada que foi a mãe mais nova era sobrinha da minha irmã.

*A conversa ocorreu no dia e a festa do Dia das Mães foi retomada no mês seguinte e marcada junto com o passeio (excursão ao sítio) que já estava agendada. Observo que a*

*conversa também foi significativa para eles apontando que, inclusive, retomaram uma festa que tinha sido extinta pelo antigo presidente da Velha Guarda.*

**Danielle:** E esse cargo de diretor social que trazia, né, essas ideias de festa, né...

**Esticadinho:** Ahn?

**Danielle:** O cargo de direção social, diretor social que trazia, né, essas ideias de festa e eventos, né...

**Esticadinho:** Ela trabalhou comigo no social (apontando para Vera).

**Danielle:** Ah, bacana!

**Esticadinho:** Fizemos excursões para sítios.

**Vera:** Fazia muita excursão.

**Esticadinho:** Até a nossa companheira vai fazer uma agora... Nós fizemos excursão, eu era masculino e ela (apontando para Vera), feminino.

**Danielle:** E tem que decidir a roupa também, né?

**Esticadinho:** A roupa, sempre foi o social que decide.

**Danielle:** Que decide a roupa de cada ensaio...

**Esticadinho:** Ensaio sim, só a de carnaval que não (dia do desfile)...carnaval é do carnavalesco.

**Danielle:** Sim.

**Esticadinho:** Mas, para ensaio e para saída, a gente que decidia.

**Danielle:** Por que os senhores têm uma vestimenta, né? Completamente diferente, né..adequada, né... o sapato bicolor, o bastãozinho, né?

**Esticadinho:** Para você ver no desfile, a gente vai tudo direitinho, tudo, todo mundo organizado...isso aí, vai na mesma coisa.

**Danielle:** Os senhores são a Velha Guarda mais elegante do carnaval, né?

**Esticadinho:** É, é.

**Danielle:** A Velha Guarda mais elegante do Carnaval do Rio de Janeiro.

**Esticadinho:** Eles falam isso (abre um sorriso radiante).

**Danielle:** É, isso aí... Tem troféu aqui na sala...

**Esticadinho:** É. (abre novamente um sorriso e olha para o troféu na sala).

**Danielle:** De Velha Guarda mais elegante...

**Esticadinho:** Porque a Viradouro...agora quer fantasia, mas nós sempre escolhemos a roupa: terno, teliê (*não deu para entender*) para as mulheres, né, muito bonito, sempre de primeira



linha, entendeu? A gente fazia no puro linho, entendeu? Então, a Velha Guarda sempre saiu impecável.

**Danielle:** Imagino.

**Esticadinho:** Entendeu? Até no carnaval de 2019, me lembrou. Saímos de terno, colete e a gente sempre ganhamos a Velha Guarda mais elegante até porque a gente sempre andava impecável. Agora de fantasia, dois anos que a gente sai com fantasia, né. O esquema é acompanhar, tem que acompanhar o... (pausa)

**Danielle:** O projeto...o enredo...

**Esticadinho:** O enredo... agora todas as escolas...

**Iolanda:** A modernidade, né, Esticadinho...

**Esticadinho:** Agora todas as escolas...agora tão botando fantasia...

**Iolanda:** É, a modernidade... agora eles estão inserindo a Velha Guarda dentro do enredo.

**Esticadinho:** É, mudou...mudou (gesticulando bastante)

**Iolanda:** Existe...tem um carnavalesco que ele não gosta disso que é o Paulo Barros. Na última vez que ele foi carnavalesco aqui, ele conversou com a gente sobre isso e deu total liberdade para a gente escolher.

**Vera:** Escolher, né? (voz amigável)

**Iolanda:** O que a gente queria: vestido, saia, blusa, terno... e ele falou que não achava que não tinha necessidade da Velha Guarda se enquadrar no enredo.

**Vera:** Também acho. Concordo com ele plenamente.

**Iolanda:** A gente também...né.

**Esticadinho:** Porque para gente é muito bom porque depois a roupa serve para gente de uniforme porque todos os integrantes saem. A fantasia, você não faz nada com ela.

**Danielle:** E como funciona um dia dentro da Velha Guarda, assim, uma terça-feira que é dia de ensaio?

**Esticadinho:** Realmente, agora, nós chegamos sete horas (19h). Às vezes, tem reunião da diretoria, a gente faz aqui (sala da Velha Guarda), né, a reunião da diretoria. Acaba aqui, nós vamos para a plenária que é ali atrás, já com tudo que vai se falar. O presidente, a secretaria, já falemos tudo aqui e vamos para lá para reunião. Acaba a reunião, nós vamos para o ensaio técnico e ficamos no ensaio técnico. De primeira, a Velha Guarda nem ensaiava.

**Danielle:** Antigamente, não ensaiava?

**Esticadinho:** Ensaiava não. Nós assistíamos o ensaio ali, sentados...

**Danielle:** Começou a ensaiar quando?

**Esticadinho:** Só na Amaral Peixoto.

**Danielle:** Ah, só ensaiava na Amaral Peixoto.

**Esticadinho:** Aqui na quadra, a gente não ensaiava. Botava a cadeira ali e ficava sentado. Só ouvindo, aprendendo o ensaio de canto.

**Danielle:** Sim.

**Esticadinho:** Mas de pé, ninguém ficava. Logo, uma vez ou outra, nós tínhamos o diretor social aqui, que botava a gente uma vez ou outra pra ensaiar, mas uma vez ou outra.

**Vera:** Não era muito obrigado.

**Esticadinho:** Eu achava bonito aquilo, entendeu? Agora, eles botam a gente um pouquinho ali, até que é bom, mas o tempo todo igual comunidade.

**Danielle:** É, fica pouco tempo...

**Esticadinho:** Fica pouco tempo, a gente, as baianas. É o respeito, né, da nossa idade. Aí fica e sai.

**Danielle:** É, tem as saudações, né. Vem o mestre-sala e a porta-bandeira, oferece a bandeira, né.

**Esticadinho:** É. Isso tinha, eles faziam e a gente sentado. A porta-bandeira ia lá, a gente fazia o cumprimento, a saudação...Então, viver na Viradouro, na Velha Guarda é muito bom. É aquilo que eu digo: carinho, dedicação e respeito, né. Isso é Viradouro. (sorriso no rosto e pausa).

#### *Último bloco da conversa*

**Danielle:** Eu queria agradecer pelo tempo, por esse momento, por essas palavras, por contar um pouco da história, da sua história na Viradouro. Faz parte da história da Viradouro. E se o senhor puder, trazer umas palavrinhas finais para a gente fechar a nossa fala de hoje.

**Esticadinho:** (Abre um sorriso). Olha, eu agradeço aí pela entrevista. Gostei muito. Estarei aqui para falar da minha Viradouro, da minha Velha Guarda em qualquer lugar, em qualquer hora. Você quando quiser ir lá em casa.

**Danielle:** Eu vou, hein!

**Esticadinho:** Para ver minha sala. Está à disposição e nessa, vou aproveitar também a minha primeira dama (Iolanda, esposa do presidente da Velha Guarda, Zeca e secretária da Velha Guarda) que quer ir lá também e nós vamos juntos lá.

**Iolanda:** Acho que nós vamos ter que alugar uma van. (Dá uma gargalhada)

**Danielle:** (Risos) Acho que vai ser uma caravana para um museu: Centro Cultural Esticadinho que é a casa dele. (Risos)

**Iolanda:** Tá aí, uma boa ideia.

**Danielle:** Tá aí, ó!

**Esticadinho:** (Sorri bastante) Está à disposição de vocês.

**Iolanda:** Tirar bastante fotos e expor aqui.

**Danielle:** Muito obrigada. Vou aparecer aqui no vídeozinho.

**Esticadinho:** Beijos, família Viradouro, minha Velha Guarda. Abraço (faz o gesto do abraço ao redor do corpo). Amo vocês. À Associação também, um abraço (Risos).

Após a finalização da conversa, tiramos umas fotos que colocarei aqui a seguir. Para abrilhantar mais a pesquisa, colocarei algumas outras imagens do baluarte.

Figura 114 – Baluarte Esticadinho no dia da conversa



169

Fonte: Arquivo pessoal

---

<sup>169</sup> Foto do dia em que conversamos na sala da Velha Guarda.

Figura 115 - O senhor Esticadinho e eu no dia da conversa



170

Figura 116 – Eu e o senhor Esticadinho em um dos ensaios de quadra



171

Fonte: Arquivo pessoal

<sup>170</sup> Eu e o senhor José Carlos Esticadinho no dia da conversa.

<sup>171</sup> Eu e o senhor José Carlos Esticadinho em algum ensaio de quadra.

Figura 117 – O segmento Velha Guarda no dia da apuração



172

<sup>172</sup> Dia da apuração das notas em 2022. Podemos ver a Velha Guarda em mais um dia de conagração. O Presidente de Honra José Carlos Esticadinho está sentado de blusa branca, sapato bicolor e chapéu.

## APÊNDICE C - VISITA À SALA DA VELHA GUARDA

A visita à sala da Velha Guarda ocorreu no dia 11 de outubro de 2022. Esta sala fica situada na quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Viradouro. Combinei com a secretária da Galeria cujo nome é Iolanda, para que me guiasse durante esse momento. Eles usam o nome “galeria” para simbolizar um conjunto de pessoas importantes para a agremiação além de explicitar a diferença entre galeria e ala. Então, vamos abrir a porta e conhecer este espaço tão importante para a manutenção dos saberes e letramentos baluartes que na minha pesquisa defino como construções sociais que envolvem a escrita, a oralidade, os gestos, as imagens, as fotografias, as práticas, os ritos, a multimodalidade presente nas escolas de samba dos sambistas mais antigos das agremiações. Geralmente, esses sambistas estão, em sua maioria, no segmento Velha Guarda.

Figura 118 - Foto da porta da sala da Velha Guarda



173

Fonte: arquivo pessoal.

---

<sup>173</sup> Foto da porta da sala da Velha Guarda. Arquivo pessoal.

Começamos a visita por volta das 17h na sala da Velha Guarda. Percebi que era um espaço de muitas histórias, tradições e registros. Existiam arquivos, cadernos, isto é, registros escritos que, a meu ver, são fundamentais para a permanência de uma história e de um legado. Fiquei muito curiosa em relação aos registros escritos e quis saber mais sobre eles. Pensei logo na quantidade de letramentos que poderiam ser identificados nos mesmos.

A secretária Iolanda começou a me mostrar os arquivos. No momento em que abriu e começou a mexer, encontrou o desenho do carnavalesco Max Lopes da fantasia da Velha Guarda do carnaval de 2013. Esboçou um sorriso de boas lembranças e gratidão pelo tempo que já passou. É importante lembrar que, em 2013, nossa escola estava no grupo de acesso e não estávamos vivenciando um bom momento, porque a escola não conseguia voltar ao especial. Aquele que é apaixonado e orgulhoso de carregar a sua escola com amor ultrapassa essas difíceis situações.

Figura 119 - A secretaria Iolanda segurando o desenho da fantasia do carnaval de 2013



174

Fonte: arquivo pessoal.

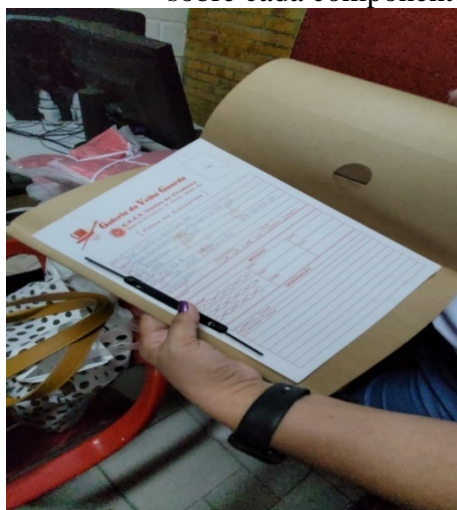
---

<sup>174</sup> A secretária Iolanda e seu olhar respeitoso ao desenho da fantasia de 2013.

Além disso, voltando aos aspectos do letramento, podemos pensar que o desenho do carnavalesco pode se configurar como um letramento carnavalesco e a admiração e a prática de guardar documentos antigos referentes à Galeria da Velha Guarda, um letramento baluarte. Os letramentos carnavalescos, como já foram conceituados anteriormente, são construções sociais que envolvem a escrita, a oralidade, os gestos, as imagens, as fotografias, as práticas, os ritos, a multimodalidade, pertencentes às escolas de samba, isto é, são letramentos que se formam nas escolas de samba através das pessoas que fazem parte desse universo e também são gerados por elas. Já os letramentos baluartes seguem o mesmo raciocínio, porém estão voltados aos baluartes, ou seja, os mais antigos da agremiação.

Logo em seguida, Iolanda me mostrou os arquivos com a ficha de cadastro de cada componente ativo da Galeria, mais um registro escrito, que nasce a partir de uma prática de letramento em que a secretária preenche as fichas de cadastro com nome, endereço, bairro, cidade, telefone, identidade, CPF, data de nascimento, profissão, entre outros campos a preencher. Ainda há um espaço para tipo sanguíneo e um campo de observação sobre possíveis doenças. A secretária comentou que está retirando as pastas dos componentes que faleceram e começou a lamentar que estava retirando a pasta do Esticadinho (o nosso baluarte que foi entrevistado na minha pesquisa e faleceu recentemente). Ela falou também de outros componentes que já tinham falecido ou que estão afastados por motivos de doença. Nós nos entreolhamos com lamento, porque a morte dos componentes mais antigos equivale ao apagamento da tradição, das memórias e da raiz.

Figura 120 - Ficha cadastral que apresenta as informações sobre cada componente da galeria



175

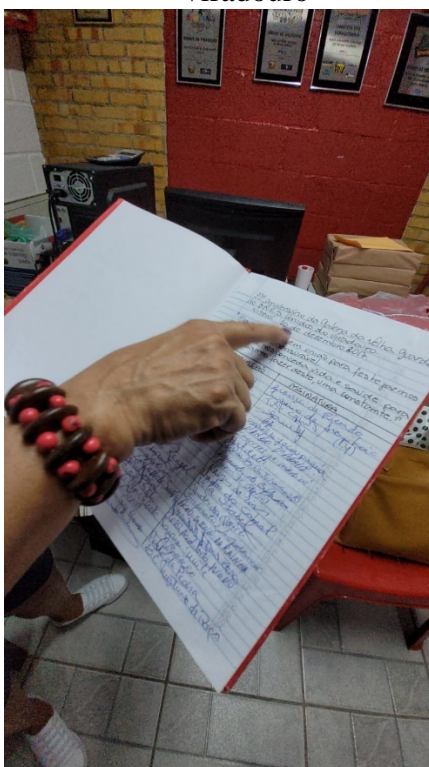
Fonte: arquivo pessoal.

<sup>175</sup> Imagem da ficha cadastral dos integrantes da Velha Guarda.



Após isso, a senhora Iolanda encontrou o caderno do registro de visitas nas festas de Velha Guarda da escola e explicou como esse registro é feito. É um caderno de capa vermelha, repassado a cada secretária no mandato de seus presidentes, que são renovados a cada três anos por meio de votação interna entre os integrantes da Velha Guarda. A lista de presenças é passada aos membros da Associação das Velhas Guardas, que organizam o layout das mesas durante a festa, ou seja, a posição de cada Velha Guarda na festa em questão. É importante mencionar que as Velhas Guardas de outras escolas são convidadas para as festas das suas coirmãs. No carnaval, chamamos as agremiações de coirmãs trazendo assim a ideia do coletivo e do respeito entre as mesmas. No caderno vermelho, temos sempre o cabeçalho com a data da festa, uma tabela com o nome da agremiação e assinaturas. É importante frisar que a festa da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro ocorre sempre no segundo domingo do mês de dezembro sendo a última festa de todas as Galerias e, às vezes, cai no dia oito de dezembro que é dia de Nossa Senhora da Conceição e de Oxum.

Figura 121 - Assinaturas de presença no caderno de presenças das festas da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro



176

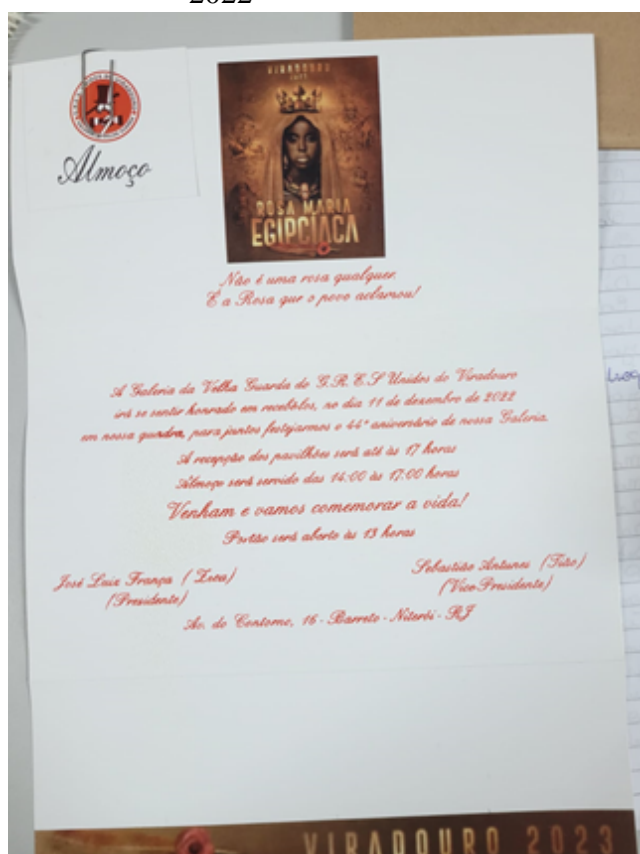
Fonte: arquivo pessoal.

---

<sup>176</sup> Um registro escrito importante porque marca a presença dos integrantes durante as festas.

Mais à frente, caminhamos até a mesa e me deparei com o convite da festa de 2022 já pronto. Foi perceptível ali o tamanho da organização para que tudo aconteça da melhor forma. Tratava-se de um convite muito bonito em que podemos observar a imagem do enredo de 2023 que é sobre Rosa Maria Egípcíaca e os informes do início da festa, como também do horário de almoço, com o fabuloso bacalhau clássico, que é elogiado pelas agremiações.

Figura 122 - Convite para a festa da Velha Guarda da Viradouro de 2022



Fonte: arquivo pessoal.

<sup>177</sup> Imagem do convite para a festa de 2022.

Figura 123 – O famoso prato de bacalhau



Caminhando um pouco mais pela sala, que estava em processo de organização, posso notar uma arara com fantasias e roupas masculinas que foram doadas por componentes que não fazem mais parte da galeria. Sendo assim, quando ocorre uma nova admissão, essa pessoa pode pegar as roupas doadas. Posso ver um senso de engajamento mútuo, união e participação, que são elementos fundamentais para uma comunidade de prática. Sendo assim, podemos observar que tudo que é narrado aqui faz parte de uma comunidade de prática, principalmente a participação, que engloba a ideia de ser e fazer parte de um determinado núcleo de pessoas que se engajam, trocam conhecimento e partilham saberes, poderes e experiências.

Além de todos esses saberes apresentados anteriormente, a presença da religiosidade também é notável através do altar. A imagem de São Miguel Arcanjo foi o ponto alto deste momento por conta do tamanho da imagem, bem maior do que as outras na sala. Foi doada por um dos padres que costumavam abençoar e proteger a escola. Observei a presença apenas de santos católicos no altar e em outros espaços da sala.

---

<sup>178</sup> O famoso prato de bacalhau das festas da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro.

Figura 124 - Foto de um dos cantos da sala com destaque para o altar com a imagem de São Miguel Arcanjo e prêmios na parede



179

Na mesma parede do altar, posso observar alguns dos troféus que a Galeria recebeu. Geralmente, são troféus voltados a melhor desfile, melhor fantasia, além de algumas homenagens. Ao lado, posso observar um dos arranjos de festa e a secretária ficou com os olhinhos brilhando de encantamento porque ela faz os arranjos para festa. Foi assim que percebi a importância do colocar “a mão na massa” para que tudo aconteça da forma mais linda. Alguns troféus estão situados em prateleiras e outros acima do armário, onde se guardam algumas coisas do patrimônio que são de uso imediato como toalhas, material de papelaria e o pavilhão da Velha Guarda.

Perguntei se havia um troféu marcante e a senhora disse que apesar da emoção de cada Samba- Net, uma das premiações mais conhecidas no mundo do carnaval, a mais marcante para ela era o Gato de Prata de 2017, porque foi a primeira vez que o segmento ganhou o prêmio Gato de Prata e por ter sido um ano difícil porque houve problema na entrega das roupas. Mesmo assim, por fim, ainda foram premiados.

A seguir algumas fotos dos troféus e premiações. Temos fotos do prêmio Samba-Net em que pude acompanhar parte do segmento como diretora de Harmonia em 2022 quando eles ganharam mais uma vez o prêmio de “Velha Guarda mais elegante do carnaval”.

<sup>179</sup> Imagem do canto da sala da Velha Guarda com o altar.

Figura 125 - Foto do troféu “Gato de Prata” de 2017, citado anteriormente no texto



180

Fonte: arquivo pessoal.

Figura 126 - Alguns troféus posicionados em cima do armário



181

Fonte: arquivo pessoal.

<sup>180</sup> Foto do troféu “Gato de Prata” que foi mencionado pela secretária Iolanda.

<sup>181</sup> Alguns troféus adquiridos ao longo dos anos estão na sala da Velha Guarda.

Figura 127 - Alguns troféus da premiação Samba-Net



182

Fonte: arquivo pessoal.

Em 2022, tive a honra de acompanhar a Velha Guarda em uma premiação do Samba-Net na quadra do G.R.E.S. Unidos da Tijuca, como diretora de Harmonia, e foi perceptível o olhar de orgulho de cada um dos membros presentes, por seu pertencimento à agremiação. Eles foram com a roupa do desfile de 2022 e se apresentaram na frente de todos os presentes quando foram chamados para receber o prêmio.

Figura 128 – As cartolas da fantasia de 2022 e o espaço em que a Velha Guarda ficou antes de receber o prêmio



183

Fonte: Arquivo pessoal

<sup>182</sup> Imagem de alguns troféus do samba-net na parede.

<sup>183</sup> Foto de minha autoria. Arquivo pessoal.

Figura 129 – Minha vó, minha mãe e eu durante a premiação do Samba-Net (2022)



184

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 130 - Parte da Velha Guarda e eu no prêmio Samba-Net de 2022



185

Fonte: Arquivo pessoal

<sup>184</sup> Honrada de poder acompanhar mãe e avó em uma premiação da Velha Guarda.

<sup>185</sup> A Velha Guarda e eu no prêmio Samba-Net em 2022.

Havia uma galeria de retratos dos baluartes antigos, principalmente, daqueles que já faleceram. A nostalgia e a saudade tomaram conta do ambiente. São esses momentos que me fazem refletir sobre a importância de registrar este segmento, pois, com a partida daqueles que vieram antes, perdemos as memórias e as histórias dos sambistas baluartes e, conseqüentemente, da agremiação.

Figura 131 - Imagens antigas de integrantes da Velha Guarda do G.R.E.S Unidos do Viradouro



186

Fonte: arquivo pessoal.

Como já foi dito anteriormente, a sala estava em momento de organização, porém consegui ter acesso a algumas relíquias, como o nome do Joel Lopes, que foi grafado no último carro da escola no desfile de 2022 como uma homenagem póstuma. O nome será entregue as filhas do ex-presidente da Velha Guarda, que faleceu de Covid-19, a pedido da diretoria da escola. Assim como essa relíquia, temos nas paredes, um dos leques utilizados na fantasia do carnaval de 2020. A secretária Iolanda ainda me mostrou a homenagem da agremiação chamada G.R.E.S Folia do Viradouro. É importante mencionar que alguns diplomas e homenagens ficam situados nas paredes. Existe também o espaço externo, onde acontece a reunião da Velha Guarda por conta da quantidade de pessoas.

---

<sup>186</sup> Retrato antigos de integrantes da Velha Guarda.



Figuras 132<sup>187</sup> e 133<sup>188</sup> - Diploma na parede da sala/ Espaço externo para reuniões



Fonte: arquivo pessoal.

Para finalizar esta visita, temos a sala do patrimônio. Neste espaço são armazenadas as toalhas, utensílios e objetos em geral, além de haver uma geladeira.

Figura 134 - Porta da sala do patrimônio. Não é a mesma sala da Velha Guarda



189

Fonte: arquivo pessoal.

<sup>187</sup> Mais uma homenagem na parede da sala.

<sup>188</sup> Espaço externo onde acontecem as reuniões da Velha Guarda.

<sup>189</sup> Foto da porta da sala do Patrimônio.

Figuras 135<sup>190</sup> e 136<sup>191</sup> - Imagens do interior da sala do Patrimônio



Fonte: arquivo pessoal.

Por fim, é possível observar que todos os aspectos da Sala da Velha Guarda descritos guardam muita significação, neles é possível notar a importância dos registros escritos, visuais e multimodais além das práticas sociais que os englobam, ou seja, os letramentos baluartes.

A sala da Velha Guarda e aqueles que ali frequentam são uma comunidade de prática em toda a sua extensão, trazendo seus modos de ser e conviver.

A partir dessas vivências, finalizo com uma foto que, simboliza o passado, o presente e o futuro: o pavilhão que se movimenta como o amor no coração do sambista.

<sup>190</sup> Imagem do interior da sala do Patrimônio.

<sup>191</sup> Imagem do interior da sala do Patrimônio.

Figura 137 – As bandeiras da Viradouro



192

Fonte: Arquivo pessoal

---

<sup>192</sup> Na foto, temos o pavilhão das Baianas, da Velha Guarda e o de cada casal de mestre-sala e porta-bandeira do G.R.E.S Unidos do Viradouro.